

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

LUIZA DE BRITTO DORNELES

CRUZAR O MURO PARA ESCUTAR:
MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO EM ENTREVISTAS NO QUILOMBO FLORES
(PORTO ALEGRE)

Porto Alegre

2021

LUIZA DE BRITTO DORNELES

CRUZAR O MURO PARA ESCUTAR:
MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO EM ENTREVISTAS NO QUILOMBO FLORES
(PORTO ALEGRE)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Cassilda Golin Costa

Porto Alegre

2021

LUIZA DE BRITTO DORNELES

CRUZAR O MURO PARA ESCUTAR:
MEMÓRIAS E PERTENCIMENTO EM ENTREVISTAS NO QUILOMBO FLORES
(PORTO ALEGRE)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Cassilda Golin Costa
Orientadora

Profa. Dra. Ana Taís Martins Portanova Barros
Examinadora

Profa. Dra. Laura Hastenpflug Wottrich Cougo
Examinadora

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao Grande Espírito.

Agradeço, em segundo lugar, às minhas raízes.

Neste corpo de onde escrevo – agradeço à Amélia França de Britto, minha avó materna, rezadeira fiel, que conheceu Deus na solidão do pampa gaúcho, onde meu avô era pecuarista e ela artesã. Agradeço ao vô Luiz Abelardo Doglia de Britto, cuja morte pude sentir de dentro da barriga de minha mãe. Agradeço à minha mãe, Carmen Conceição França de Britto, leonina nata, mulher Atena que saiu do interior para estudar medicina e se formar por esta Universidade. Agradeço à minha avó paterna, Juliana Emília Simon Dorneles, a vó Leta, pianista em cinema mudo, professora de piano e violão. Agradeço ao vô Francelino Dorneles, professor de português e dono de livraria e tipografia. Agradeço ao meu pai, Erico Dorneles, um dos jovens presos durante a ditadura militar no nosso país, também formado médico por esta Universidade. Agradeço ao meu irmão, Lucas de Britto Dorneles, gremista fanático, amante de carros, formado em administração e mestrando em marketing por esta Universidade. Agradeço à minha dinda Vera Pasini, quase italiana, plantadeira de flores e árvores, colhendo frutos desde que tenho idade para lembrar, professora titular do curso de psicologia desta Universidade.

Agradeço a todos os facilitadores e facilitadoras das experiências de aprendizado (da UFRGS, do planeta, do cosmos). Algumas vestem temporariamente o nome de professores e professoras, outras seguram vassouras e panos nas mãos e usam uniformes, outras tomam a forma de animais, plantas, minerais, estrelas, objetos. Sou grata a todes.

Agradeço em especial, aqui, à minha orientadora Cassilda Golin Costa. Gracias, Cida, pelas nossas divagações poéticas, por nossos respiros juntas, por me apontar caminhos e permitir que eu descobrisse outros, ramificando, abrindo, buscando, transmutando palavras e sentimentos.

Agradeço à Geneci Lourdes Flores da Silva, liderança do Quilombo Flores, por abrir as portas e sempre me receber com boas risadas, respeito e cafezinho no território quilombola onde essa pesquisa foi realizada. Gratidão, Geneci, por todas as trocas, pela confiança, por teu exemplo de determinação na honra e na defesa da tua ancestralidade cuja história fica, em parte, registrada nessa pesquisa.

Agradeço ao Colégio Marista Assunção e ao Colégio Marista Rosário, onde estudei durante toda minha infância e adolescência e conheci os valores cristãos de amor, paz, solidariedade.

Agradeço ao Diretório Acadêmico da Comunicação desta Universidade (DACOM), no qual estive coordenadora em 2016 e pude aprender a escutar as demandas das e dos estudantes, articulando com os e as dispostas em buscar por melhorias e soluções coletivas naquele aqui-agora em questão. Agradecimento que inclui a Ocupa Fabico, quando transformamos a Fabico em um espaço-outro em que dentro do concreto corria a vida, a arte e a esperança.

Agradeço, de forma geral, aos movimentos sociais e populares que são fundamentais na articulação coletiva e prática em defesa da dignidade da pessoa humana.

Agradeço ao Planetário e aos seus gramados, às árvores, plantas e pássaros do pátio da Fabico, os quais escutei em muitos momentos de intervalo enquanto estive por lá. Sábios.

Agradeço aos e às profissionais do Núcleo de Ensino e Produção em Audiovisual (NEPTV) e do Núcleo de Fotografia da Fabico pelas sementes de amor pela imagem plantadas nesse e em tantos outros solos férteis. Espero seguir fotografando até o fim da vida.

Agradeço à vida como manifestação da vida, que deve ser vivida, contemplada, apreciada, defendida e amada enquanto os humanos estiverem na Terra. Entrego, confio, aceito e agradeço.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a funda.

Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo. Daí que seja essencialmente tarefa de sujeitos e que não possa verificar-se na relação de dominação. Nesta, o que há é patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados. Amor, não. Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação. Mas, este compromisso, porque é amoroso, é dialógico.

Como ato de valentia, não pode ser piegas; como ato de liberdade, não pode ser pretexto para a manipulação, senão gerador de outros atos de liberdade. A não ser assim, não é amor.

Somente com a supressão da situação opressora é possível restaurar o amor que nela estava proibido.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Não há, por outro lado, diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus polos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alieno a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros, meros “isto”, em quem não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Paulo Freire, em *A Pedagogia do Oprimido*

RESUMO

Na presente pesquisa, analiso como Ana Paula Flores Vasconcelos (28 anos), João Batista da Costa Vasconcelos (52 anos), Geneci Lourdes Flores da Silva (43 anos) e Nara Maria de Mello Vasconcelos (59 anos) – todos quilombolas do Quilombo Flores (Porto Alegre, Rio Grande do Sul) – se comunicam com o território onde vivem. A metodologia escolhida foi a entrevista aberta em profundidade através da qual os quilombolas acionam memórias de sua relação com o todo que os cerca. A partir dos depoimentos, identifiquei categorias de pertencimento ao espaço habitado, aponto zonas de conflito na memória acionada sobre o quilombo e sistematizo elementos comuns à identidade quilombola. Desde 2014, os quilombolas se defendem da União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE), mantenedora do Colégio Marista Assunção – instituição cristã localizada ao lado do Quilombo, onde estudei durante nove anos, que se apropriou de uma área aberta e verde de usufruto da comunidade para construir um estacionamento. Nesta pesquisa, há uma trajetória teórica que começa pela historiografia do quilombo e do negro no Rio Grande do Sul, chega em reflexões críticas a respeito da formação da cidade, passa por questionamentos e elaborações sobre a prática da alteridade, do diálogo e da escuta ativa, pensa a prática da entrevista a partir dessa relação com o outro e chega até o trabalho de campo e às análises consequentes desse caminho. Conclui-se que os humanos urbanos ainda estão vivendo sob o paradigma da separação, separados da natureza e de sua própria natureza, dentro de uma cidade que cresce violenta porque se expande baseada em valores mercantis e não em valores humanos; que toda relação de pertencimento dos quilombolas é atravessada pela presença da ancestralidade; que o acionamento da memória é fundamental no processo de construção identitária de uma comunidade; e que muitos valores ensinados dentro do Colégio Marista Assunção são postos em prática no Quilombo Flores.

Palavras-chave: Quilombo. Quilombo Flores. Memória. Cidade. Alteridade. Entrevista. Separação.

ABSTRACT

In this research, I analyze how Ana Paula Flores Vasconcelos (28 years old), João Batista da Costa Vasconcelos (52 years old), Geneci Lourdes Flores da Silva (43 years old) and Nara Maria de Mello Vasconcelos (59 years old) - all quilombolas from Quilombo Flores (Porto Alegre, Rio Grande do Sul) - communicate with the territory where they live. The methodology chosen was the in-depth open interview through which quilombolas trigger memories of their relationship with the whole that surrounds them. From the testimonies, I identify categories of belonging to the inhabited space, point out conflict zones in the memory triggered on the quilombo and systematize elements common to the quilombola identity. Since 2014, quilombolas have defended themselves from the Southern Brazilian Education and Teaching Union (USBEE), which maintains Colégio Marista Assunção - a Christian institution located next to Quilombo, where I studied for nine years, which appropriated an open and green area of community usufruct to build a parking lot. In this research, there is a theoretical trajectory that begins with the historiography of the quilombo and the Negro in Rio Grande do Sul, arrives in critical reflections about the formation of the city, goes through questions and elaborations on the practice of otherness, dialogue and active listening, thinks about the practice of the interview based on this relationship with the other and reaches the fieldwork and the consequent analyzes of this path. We conclude that urban humans are still living under the paradigm of separation, separated from nature and their own nature, within a city that grows violent because it expands based on market values and not on human values; that every relationship belonging to quilombolas is crossed by the presence of ancestry; that the activation of memory is fundamental in the process of identity construction of a community; and that many values taught within the Colégio Marista Assunção are put into practice in Quilombo Flores.

Keywords: Quilombo. Quilombo Flores. Memory. City. Alterity. Interview. Separation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização das sete comunidades quilombolas autorreconhecidas e certificadas pela FCP em Porto Alegre/RS.	32
Figura 2 – Mapa das Territorialidades Negras em Porto Alegre/RS – século XIX.....	33
Figura 3 – Árvore Genealógica da Família Flores Vasconcelos.	34
Figura 4 – Quilombo Flores reúne a família para celebrar o dia da mulher em oito de março de 2020.....	51
Figura 5 – Visita do INCRA no Quilombo Flores para elaboração do RTID, em cinco de dezembro de 2019.....	52
Figura 6 – Vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan no território Quilombo dos Flores, 24 de fevereiro de 2021. Na foto, Gerson Luis Flores da Silva é vacinado.	53
Figura 7 – Dia de vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan no território Quilombo dos Flores, 24 de fevereiro de 2021.	64
Figura 8 – O pai de santo Jaime e Dona Rosa no dia de vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan no território Quilombo dos Flores, 24 de fevereiro de 2021.	65
Figura 9 – Imagem de satélite retirada do Google Maps que ilustra a região do Caveirinha em parte já desmatada (ao final da rua Estér).	85
Figura 10 – Cartilha “O Caminho da Titulação das Terras Quilombolas”, organizada pela Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPISP) em 2015.	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
2. O QUILOMBO COMO RESISTÊNCIA AO MAIOR CRIME CONTRA A HUMANIDADE.....	17
2.1 O QUILOMBO NO SUL – APAGAMENTO E BREVE RESGATE HISTÓRICO.....	19
2.2 O QUILOMBO URBANO E A QUESTÃO AGRÁRIA.....	22
2.3 A CIDADE E A PROPRIEDADE DO CAPITAL.....	25
2.4 O QUILOMBO EM PORTO ALEGRE.....	30
2.5 O QUILOMBO FLORES.....	33
2.5.1 A disputa pelo território do Quilombo Flores.....	35
2.5.2 O que diz o Colégio Marista Assunção.....	37
2.6 CONTEXTUALIZANDO – O QUILOMBOLA NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA..	38
3 PREPARAÇÃO PARA ATRAVESSAR O MURO: OLHAR E ESCUTAR O OUTRO A PARTIR DA ENTREVISTA ENQUANTO FORMA DE RESGATAR MEMÓRIAS E HUMANIDADES.....	40
3.1 O OUTRO NO MUNDO E NA ESCRITA – IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E APAGAMENTO.....	41
3.2 POSSÍVEIS RISCOS NO DESLOCAMENTO EM RELAÇÃO AO OUTRO.....	45
3.3 O PROCESSO DE ENTREVISTA E A PRODUÇÃO DE MEMÓRIA.....	47
4 AS ENTREVISTAS NO QUILOMBO FLORES.....	57
4.1 CATEGORIAS DE PERTENCIMENTO AO TERRITÓRIO PRESENTES NAS MEMÓRIAS ACIONADAS PELA ENTREVISTA.....	61
4.2 ANCESTRALIDADE: MEMÓRIAS DE PAI E MÃE.....	62
4.2.1 Dona Rosa – a matriarca que virou estrela alguns dias depois da realização dessas entrevistas.....	63
4.2.2 Seu Adão – pai, curandeiro e engraxate.....	68
4.3 INFÂNCIA EM NATUREZA: BRINCADEIRAS NO VERDE DA MATA.....	72
4.4 BAIRRO QUE CRESCE – A PEQUENA CIDADE NA CIDADE.....	76
4.5 DESTRUIÇÃO, CONFLITOS E SOLIDARIEDADE: DO INCÊNDIO NO TERRITÓRIO AO CONFLITO COM OS MARISTAS.....	80
4.6 SER QUILOMBOLA: O RESGATE DA HISTÓRIA PELA AUTOIDENTIFICAÇÃO.....	87
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS.....	94
ANEXO A – O caminho da titulação de um território quilombola.....	98
ANEXO B – Entrevista com Geneci (decupada na íntegra).....	102
ANEXO C – Entrevista com Nara (decupada na íntegra).....	126

ANEXO D – Entrevista com Ana Paula (decupada na íntegra).....	144
ANEXO E – Entrevista com Batista (decupada na íntegra).....	155
ANEXO F – Certidão de Autodefinição do Quilombo Flores (PDF)	176
ANEXO H – Autorização de uso da entrevista, por Geneci Flores	177
ANEXO I – Autorização de uso da entrevista, por Ana Paula Vasconcelos	178
ANEXO J – Autorização de uso da entrevista, por João Batista Vasconcelos	179
ANEXO K – Autorização de uso da entrevista, por Nara Maria Vasconcelos	180

1 INTRODUÇÃO

Estive caminhante entre os dois mundos que, de alguma forma ou de outra, atravessam esta pesquisa – o Colégio Marista Assunção, onde estudei dos meus seis aos meus quatorze anos, e o Quilombo Flores, que conheci em minha trajetória de estudante envolvida com movimentos sociais e populares, ambos localizados no bairro Glória, na cidade de Porto Alegre. Como causa e efeito, ter estudado na instituição Marista, onde recebi uma educação que semeou em meu espírito de criança os valores cristãos de amor, solidariedade e paz, me levou à aproximação, em minha juventude, de movimentos sociais que buscavam atuar pela defesa dos direitos de pessoas cujos direitos não são garantidos pelas estruturas e instituições em que vivemos e trabalhamos.

Em uma manhã de 2014, as famílias que moram no Quilombo Flores foram surpreendidas por homens que chegaram com suas máquinas para derrubar o que conseguissem derrubar – árvores, casas, tudo. Ana Paula Flores Vasconcelos estava sozinha em casa com um filho criança e o outro ainda bebê e enfrentou aqueles homens como pôde. “[...] Daí eles já tavam ali na parede da minha casa, vindo com as máquinas, foi onde eu saí pra rua com as duas crianças e enfrentei eles sozinha”, ela contou, em uma entrevista realizada para essa pesquisa no dia 23 de fevereiro de 2021, lá no Quilombo Flores. Os homens em questão estavam, a princípio, trabalhando para o Colégio Marista Assunção, e seu objetivo era “limpar” (matar) a área para a construção de um estacionamento que, hoje, já está lá. Matar porque antes de aquele espaço se tornar concreto para abrigar carros, ali corria a vida. Árvores nativas e frutíferas e um já saudoso campo de futebol – o Caveirinha, como é carinhosamente chamado pela comunidade que ali viveu inúmeros momentos de lazer e prazer que tantos carregam consigo em memória. Me lembro de pequenina e curiosa me esticar para enxergar, de dentro do colégio, onde havia uma cancha de futebol de grama sintética, o que havia do outro lado do muro. Era o Caveirinha, era esse espaço público e aberto em que as famílias se reuniam para brincar, conversar e celebrar a vida. Hoje, é um estacionamento. Para sua construção, foi tomada uma área de cerca de dois terços do território total que antes era de usufruto da comunidade – e não somente da comunidade Quilombola, como de tantos vizinhos, vizinhas e pessoas que vinham de longe para jogar uma partida de futebol no Caveirinha.

Percebo que meu movimento aqui, com esse trabalho, é o de cruzar o muro, a separação entre os dois mundos. Importante refletirmos que realizar esse movimento costuma ser mais fácil do lado privilegiado, em termos sociais, para o lado oprimido. Enquanto pessoas negras, muitas em situação de escassez material (e, várias vezes, abundância de espírito), os quilombolas ainda têm muito mais portas fechadas do que abertas para si nessa sociedade racista em que vivemos. Tendo passado por esses dois lugares – o Colégio, enquanto criança e adolescente em formação, e o Quilombo, enquanto humana, jovem jornalista, estudante e pesquisadora – posso aferir que há solidariedade, humanidade e humanismo em ambos os espaços, e que, hoje, a situação vivida pela comunidade indica uma injustiça. A ação da instituição Colégio Marista Assunção diante da realidade dessas famílias vai contra a educação que ela mesma oferece aos seus estudantes.

Os quilombos se originam como um movimento organizado por pessoas negras em fuga de uma situação de violência e exploração no contexto escravocrata da colonização que surge a partir de uma crença de superioridade da cultura europeia, alienada de que somos todos e todas semelhantes, em relação às culturas do sul global. Esse movimento é responsável pelo genocídio de diversos povos e pelo conseqüente apagamento de suas memórias vivas, e essa crença constitui o cerne do racismo até hoje presente em nossa sociedade, pautado recentemente por movimentos populares como “*Black Lives Matter*”, nos Estados Unidos, e “Justiça para Beto”, em Porto Alegre. Na época da escravidão, os negros e negras, com nenhuma condição de se defender sem serem assassinados, fugiam para as matas e construía sua própria sociedade e autonomia – os quilombos – e, assim, preservavam seus valores, costumes, hábitos. De acordo com Carneiro (2001), os quilombolas viviam em fraternidade racial e em paz, com uma população da qual participavam negros em sua maioria e que contava também com indígenas e pardos.

De forma geral, os quilombos urbanos seguem, somente com a sua existência enquanto organização social, em busca tanto da libertação de uma estrutura racista de cidade e de sociedade que ainda permite a prática de distintas formas de violência, quanto da preservação de seus valores ancestrais. Nesse sentido, a memória territorial, cultural, simbólica, material e imaterial dessa comunidade quilombola é preservada, transformada, construída e consolidada diariamente, bem como ameaçada por um contexto de formação urbana e de tomada de poder que são parte da continuidade do movimento de colonização. Os homens e mulheres que estão hoje em situações de poder – nós, universitários, aqui inclusos – muitas vezes atuam(os),

consciente ou inconscientemente, como mantenedores da estrutura em que vivemos que ainda semeia violência e colhe injustiças.

A trajetória teórica aqui construída começa, no primeiro capítulo, com a conceituação da palavra Quilombo, passa pelo resgate histórico de algumas situações-chave que pessoas negras viveram no Rio Grande do Sul durante o processo de escravização, pela relação dos interesses capitalistas na cidade, por uma breve história do negro em Porto Alegre, pela exposição de alguns direitos garantidos constitucionalmente aos povos quilombolas. No segundo capítulo, adentramos uma reflexão teórica a respeito do outro, da alteridade e do processo de entrevista – olhar o outro, escutar o outro – em que somos auxiliados por autores da área da antropologia, da sociologia, da psicologia e da comunicação. Já no terceiro capítulo, lemos as observações, como uma espécie de diário de campo, do que foi a metodologia escolhida – a entrevista aberta em profundidade. Analiso, por meio dela e a partir de algumas categorias de pertencimento, como Ana Paula Flores Vasconcelos (28 anos), João Batista da Costa Vasconcelos (52 anos), Geneci Lourdes Flores da Silva (43 anos) e Nara Maria de Mello Vasconcelos (59 anos) – todos quilombolas da família Flores – percebem sua relação com o território onde viveram (ou ainda vivem) boa parte de suas vidas. Busquei, nas entrevistas, facilitar o ato de lembrar, através do qual eles nos presenteiam com memórias de suas vivências em diferentes fases de suas vidas no Quilombo. Este trabalho vem ao mundo também como uma forma institucionalizada de preservar algumas memórias da família Flores em relação ao seu território cuja recente redução em cerca de 70% do espaço entristece pais e mães quilombolas que lamentam o fato de seus filhos e filhas não poderem viver uma infância em liberdade como eles viveram – subindo em árvores, se pendurando nos cipós, entre outras brincadeiras.

O que sabemos sobre os quilombos urbanos de Porto Alegre? Foi a primeira pergunta que me instigou, em 2018¹, quando entrei em contato com a realidade dos remanescentes de quilombolas da cidade. Por que não sabemos muito? Mesmo quando identificamos esse apagamento das memórias e das culturas que são parte de nossa identidade nacional, o distanciamento do nosso corpo com o entorno nos anestesia na *vida urbana de apartamentos nos quais desconhecemos nossos vizinhos*, como uma grande metáfora. Estamos cada vez mais

1. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/humanista/2019/01/17/quilombo-lemos-resistencia-e-marca-na-luta-pela-preservacao-da-cultura-negra/>>. Acesso em 22 de setembro de 2019.

distantes da vida comunitária – ainda mais com a pandemia – e os povos tradicionais² muito têm a nos lembrar sobre ela.

Diante do aqui exposto, surge meu problema de pesquisa: Como os quilombolas do Quilombo Flores se comunicam com o território onde vivem? A partir do problema de pesquisa, delimito o objetivo geral: conhecer as percepções dos remanescentes de quilombolas do Quilombo Flores a respeito de seu território presentes em suas memórias acionadas pelas entrevistas. Os objetivos específicos são: identificar, nos depoimentos, categorias de pertencimento ao espaço habitado, apontar zonas de conflito na memória acionada sobre o quilombo e sistematizar, nas entrevistas, elementos comuns à identidade quilombola.

Para situar a dimensão do outro e da alteridade na pesquisa (e na vida), fontes da antropologia como Geertz (1926), Foster (1996), Augé (1992), Strauss (1965, 1987), Hall (2006, 2013) e alguns estudiosos desses teóricos como Klinger (2006) e Moriconi (1994). Enquanto referencial teórico para compreender o conceito de lugar, espaço e território, dialogamos com Bourdieu (1997), Haesbaert (2004), Carlos (2007), quem traz à tona ideias de Lefebvre, críticas ao capitalismo, nas quais o autor destaca a vitória do valor de troca (do espaço) sobre o valor de uso. A partir da compreensão do corpo como o primeiro local ao qual pertencemos, bem como o responsável por mediar toda a nossa experiência do mundo, e a casa (ou mesmo as casas, no caso de um Quilombo) enquanto nosso segundo local de pertencimento, Tuan (1930) traz à tona o conceito de espaço íntimo, espaço esse berço de memórias íntimas e aconchegantes. Raquel Rolnik (1995) e Ana Carlos (2007) nos ajudam na compreensão da relação dos sujeitos com a cidade e da cidade com os sujeitos em uma época de constante aceleração, do tempo do fluxo das mercadorias e da dimensão que já tomou o discurso desenvolvimentista.

Para delimitar os conceitos de memória, somos auxiliados por Ecléa Bosi (1997, 2004), autora da área da psicologia social e estudiosa das doutrinas de Bergson (1959) e Halbwachs (1925, 1956, 1964). E, finalmente, para pensar e realizar a teoria e a prática da entrevista no

2. De acordo com o artigo terceiro do DECRETO Nº 6.040, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2007, que institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT, compreende-se por: I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. Disponível em: <

trabalho de campo, Medina (1989), Barthes (1982), Duarte (2005) e Bourdieu (1997) auxiliam a construção da dimensão da escuta, da presença e do abrir-se ao outro que se apresenta. Diversos autores e autoras também cruzam o caminho desse trabalho que foi construído com vários intervalos de tempo e digressão diante de uma série de dificuldades de continuidade em meio a uma pandemia que nos faz questionar a vida como um todo. Hoje reescrevo essa introdução depois de quase dois anos de tentativas de finalização desse projeto e agradeço a oportunidade de estar viva, criando, pensando, conhecendo e aprendendo com os vivos que ainda lembram e falam e com os mortos que materializaram suas palavras em pedaços de papel. Que possamos cocriar o novo a partir da preservação da memória e do aprendizado daqueles e daquelas que nos antecederam.

2 O QUILOMBO COMO RESISTÊNCIA AO MAIOR CRIME CONTRA A HUMANIDADE

Quem construiu a estrutura de poder que rege a maior parte das nossas leis de organização social – que define quem tem direito de morar onde, de acessar determinadas formas de educação, arte, cultura, esporte – foram homens brancos. Quem construiu a estrutura física, tijolo por tijolo, da “leal e valorosa”³ cidade de Porto Alegre foram majoritariamente homens e mulheres negras⁴, famílias que em meados de 1800 ocupavam o Centro da cidade – em um momento em que a cidade era basicamente seu centro – e foram sendo empurradas para as bordas do espaço urbano, formando o que hoje conhecemos como Territórios Negros e as periferias, que eram também formas de aquilombamento. Vamos agora recuperar um pouco o que exatamente é um Quilombo e o contexto histórico e político em que essa organização surge.

Desde a época das chamadas grandes navegações, no século XVI, o Brasil foi um país marcado pela exploração e colonização. Em um processo de brutal violência contra a humanidade, pessoas foram comercializadas, trazidas como escravizadas em navios negreiros vindos de África até meados do século XIX. A violência causada e sofrida por nossos ancestrais reverbera até hoje em nossos respectivos espíritos e corpos e, conseqüentemente, nas estruturas que criamos, sustentamos e transformamos coletivamente em nossas sociedades (psíquicas, políticas, espirituais etc. – não há separação). Essas famílias negras consolidaram sua cultura em território brasileiro, e “as fugas para as matas e a conseqüente *formação de quilombos* foram suas mais efetivas formas de resistência e sobrevivência à destruição do regime escravista” (MAESTRI, 2000, p. 55, grifos meus) que, diante da crença das pessoas brancas da época em uma falsa superioridade, desconsiderava os homens, mulheres e crianças negras enquanto seres sensíveis e pensantes, enquanto seres humanos e almas. Essa ilusão, essa invenção violenta, de uma suposta superioridade de uma raça diante da outra, é o que constitui o cerne do racismo.

No Rio Grande do Sul, os dois fenômenos ocorreram em todo período que durou a escravidão, acentuando-se quando as elites locais praticaram guerras – Guerra Farroupilha e

3. O Decreto número 103, de 19 de outubro de 1841, da “Collecção das Leis do Imperio do Brasil”, concede à cidade de Porto Alegre o título de Leal e Valorosa. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/legimp-27/Legimp-27_22.pdf> Acesso em 06 de janeiro de 2021.

4. “Os cativos trazidos quando ou após a fundação da vila labutavam nas construções urbanas, em plantações na periferia da aglomeração, na produção do charque e couros, nos campos vizinhos, como domésticos, nas olarias, na estiva, nos transportes, no artesanato.” (MAESTRI, 2006, p. 77 apud FIABANI, 2017, p. 57).

Guerra do Paraguai. Os cativos aproveitaram o relaxamento da vigilância e fugiram. Das fugas nasceram os quilombos. (FIABANI, 2017, p. 55)

A palavra Quilombo é originária dos povos de línguas *bantu*: Ki-lombo, aportuguesado Quilombo (MUNANGA, 2001), e, de acordo com Côrrea (2010, p. 4), significa “acampamento guerreiro ou fortaleza na floresta”. Palavra de língua *umbundu*, sua construção enquanto organização vai além de sua origem etimológica, sendo resultado de uma longa história de conflitos, migrações, cisões entre grupos. De acordo com Anjos (2006, p.53 apud FELIPE, 2018, p. 78), o conceito de comunidade quilombola surge a partir de povos de matriz africana que ocuparam uma terra para obter autonomia política e econômica. Foi a maneira que os trabalhadores escravizados encontraram para se livrar dos troncos e chicotes, das jornadas intermitentes debaixo do sol e de outras formas de violência física, psicológica e simbólica. Os quilombos são, portanto, resultado de uma busca por liberdade, e a própria liberdade exercida naquele ambiente seguro constituía uma forma particular de organização social, política e econômica. O movimento de fuga por si só era uma negação da sociedade “oficial” opressora que eliminava dos africanos suas línguas, suas religiões, seus estilos de vida, sua possibilidade de ser.

De acordo com a historiadora Zanetti (2002), as fugas tiveram início logo após o desembarque dos primeiros trabalhadores escravizados na Colônia Lusitana. Estima-se que o percentual de escravizados que conseguiam fugir ficava em torno de 6% (ZANETTI, 2002).

O tipo de organização social criado pelos quilombolas estava tão próximo do tipo de organização então dominante nos Estados africanos que, ainda que não houvesse outras razões, se pode dizer, com certa dose de segurança, que os negros por ele responsáveis eram em grande parte recém-vindos da África, e não negros *crioulos*, nascidos e criados no Brasil. (CARNEIRO, 2001, p. 13)

O antropólogo Edison Carneiro considera que o “rigor do cativo” não foi a única justificativa da fuga desses negros e negras, inicialmente em pequenos grupos, e depois em massa, para as matas vizinhas. Muitos quilombolas inclusive retornavam às vilas de onde tinham fugido para visitar, comercializar, comprar artigos manufaturados e induzir outros escravizados a seguir seu exemplo de se aquilombar (CARNEIRO, 2001). Com o surgimento dos quilombos, também se originaram as *entradas* – expedições para capturar negros fugidos e eliminar determinados quilombos já estruturados. Essas expedições eram comandadas pelo Estado, solicitadas por governadores e vereadores, e lideradas por comandantes, capitães, coronéis, entre outras patentes do exército de então. As épocas de maior formação de quilombos coincidiam com os momentos de decadência econômica, em que havia certo relaxamento da

vigilância dos senhores, e com os períodos de maior intensidade de tráfico negreiro. E não só negros e negras viviam aquilombados. “Os quilombolas viviam em paz, numa espécie de fraternidade racial. Havia, nos quilombos, uma população heterogênea, de que participavam em maioria os negros, mas que contara também mulatos e índios.” (CARNEIRO, 2001, p. 16)

Carneiro, a partir de um estudo mais específico sobre o Quilombo dos Palmares – que ficava em uma região hoje pertencente ao município de União dos Palmares, no Estado de Alagoas – e o Quilombo da Carlota, também conhecido como Quilombo do Piolho, localizado em Mato Grosso –, relata que os quilombolas só pegavam em armas para se defender de casos de abuso, como quando os brancos roubavam muito de suas plantações, ou de ataques declarados e tentativas reais de destruição e desmantelamento do quilombo por parte de capitães do mato ou oficiais. Em geral, viviam tranquilos e em paz, plantando sua comida, fazendo artesanato, roupas e tudo que é necessário para subsistir, bem como vendendo e trocando suas produções nos comércios vizinhos.

O quilombo foi, portanto, um acontecimento singular na vida nacional, seja qual for o ângulo por que o encaremos. Como forma de luta contra a escravidão, como estabelecimento humano, como organização social, como reafirmação dos valores das culturas africanas, sob todos estes aspectos o quilombo revela-se como um fato novo, único, peculiar – uma síntese dialética. (CARNEIRO, 2001, p. 20)

Lembro-me da primeira vez em que cheguei em um quilombo, no Quilombo Lemos, em Porto Alegre. Estavam sob ameaça de reintegração de posse e fomos lá, como estudantes e trabalhadores, para apoiar o movimento de resistência à ordem de despejo. Havia um almoço preparado em grandes panelas, pratos descartáveis repousavam sobre a mesa. Uma fila se formou para desfrutarmos do alimento. Sem qualquer conhecimento, perguntei a uma mulher da família Lemos se a comida era para todos. Um pouco ofendida, me disse: “filha, isso aqui é um quilombo”, como se fosse óbvio que, se há comida, essa comida deve alimentar cada uma das pessoas ali presentes. Essa foi a primeira vez que pude sentir o que era um quilombo.

2.1 O QUILOMBO NO SUL – APAGAMENTO E BREVE RESGATE HISTÓRICO

Se os quilombolas buscam preservar valores de solidariedade, cuidado e comunidade, valores que enquanto construtores de uma sociedade mais humana buscamos estimular, por que pouco se ouve falar deles? Quem é, afinal, o negro gaúcho? Onde começa essa história no Estado? Aqui vamos resgatar, a partir da historiografia, um pouco dessa construção.

No Rio Grande do Sul, o negro chega na condição de “braço” da produção de charque, que é considerada pela historiografia gaúcha a principal responsável por mobilizar a inserção de trabalhadores escravizados no Estado. No final do século XVIII, um português que vivia no Ceará não aguentou a seca que já matava o rebanho bovino do nordeste e se mudou para as margens do canal de São Gonçalo, onde fundou a primeira charqueada gaúcha (NOGUERÓL et al., 2007). De acordo com Fiabani (2017, p. 57), “a produção de charque no sul ganhou importância, visto que a carne de sol nordestina diminuía com a morte precoce do gado vitimada pelas longas secas”. O setor charqueador é reconhecido pelos historiadores e historiadoras como o responsável por alavancar economicamente o Estado principalmente no século XIX – fortalecimento econômico que só aconteceu graças ao trabalho árduo de mulheres e homens negros sob um regime de escravidão.

Os cativos desempenharam importante papel na economia do Rio Grande do Sul, sobretudo, nos séculos XVIII e XIX. As unidades produtivas escravistas não possuíam muitos cativos como as do centro-norte do Brasil. No entanto, foram vistos em quase todas as atividades econômicas. As charqueadas foram movidas pelo braço escravo, fato que determinou forte concentração de trabalhadores escravizados na região sul do Estado. Em Porto Alegre, Rio Pardo, Cruz Alta, Osório e outros locais tiveram significativa participação de escravos. (FIABANI, 2017, p. 53)

De acordo com Fiabani (2017), existem registros da presença de trabalhadores escravizados no Rio Grande do Sul em 1725, na expedição de João Magalhães, bem como diferentes registros após a fundação da cidade de Rio Grande, em 1737. Nessa época da escravidão, o capitão-do-mato era um caçador de escravizados fugidos cujo trabalho de exercício da violência era regulamentado por instituições como a polícia e a Câmara Municipal. Os registros de legislação regulamentando o ofício servem como provas concretas tanto das fugas quanto da naturalização e banalização da violência praticada contra negros e negras em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul como um todo.

Em junho de 1768, a Câmara Municipal - sediada em Viamão desde a tomada de Rio Grande e do Continente pelos castelhanos, em 1762 - publicava edital para “levantar um capitão-do-mato [...] para dar providências contra negros fugidos e roubos”. Em junho de 1773, a mesma Câmara provisionava, como capitão-do-mato, Salvador da Luz Camacho, “por tempo de um ano”. Segundo os vereadores, a medida impunha-se devido à “multidão de escravos fugidos metidos em quilombos” que existiram no continente. A ocupação de Rio Grande determinara a debandada dos luso-brasileiros da região. Trabalhadores escravizados aproveitaram a oportunidade para escapar. (MAESTRI, 1996, p. 296)

Duas décadas depois da contratação desse capitão-do-mato em Viamão, “no dia 2 de janeiro de 1793, a Câmara Municipal de Porto Alegre nomeou outro capitão-do-mato a fim de reprimir os quilombolas” (MAESTRI, 1996, p. 296). De acordo com a historiadora Valéria Zanetti: em 1847, “os capitães-do-mato recebiam dois-mil reis por fujão preso na cidade ou no

município de Porto Alegre e quatro-mil-reis se a prisão se realizava fora desse espaço”. Em relação aos quilombolas, “o capitão-do-mato recebia 6\$500 réis pela captura de cativos aquilombados, quando o reduto tivesse três ou menos fujões” (ZANETTI, 2002, p.117 apud FIABANI, 2017, p. 60). Zanetti debruçou-se, em sua pesquisa, nos anúncios de jornais gaúchos do período entre 1804 e 1860 e constatou que “128 anúncios de jornais tratavam da fuga de trabalhadores escravizados”, dentre eles, 44 anúncios traziam a informação da procedência do escravizado fugido. Desses, 55% apontam que os cativos escaparam “de regiões sulinas, como Belém, Cachoeira, Encruzilhada, Santo Amaro, São José do Norte, São Leopoldo, entre outros”. Da capital, fugiram 27% dos escravizados, “sendo que 30% [saíram] das chácaras que cercavam Porto Alegre” (ZANETTI, 2002, p. 208 apud FIABANI, 2017, p. 60).

A partir desses fragmentos de documentos reunidos pelos historiadores Mário Maestri e Valéria Zanetti, atento para duas questões. A primeira é que a naturalização da violência era tamanha que homens brancos eram remunerados, como uma profissão, para capturar homens negros fugidos, e tudo isso regulamentado por lei, dentro da burocracia das instituições. Isso abre uma brecha para pensarmos o que não é feito ainda hoje, também regulamentado por lei e pelas instituições oficiais, que dá continuidade a essa banalização da violência (no Brasil, temos a polícia que mais mata e morre no mundo). A segunda é em relação ao termo quilombo - além de popularizado, a palavra já constava na legislação de municípios gaúchos pelo menos desde 1768, portanto o aquilombamento já era reconhecido também pela sociedade branca. Reconhecido, porém, a partir de um olhar da dominação e do desejo de destruição, e não de igualdade, amor e paz.

Em relação ao uso da palavra quilombo, alguns autores como Lourdes Carril (2006 apud FELIPE, 2018) atestam a existência de documentação do Conselho Ultramarino de 1741, que compreendia quilombos como “Toda a habitação de negros fugidos que passe de cinco, em parte despovoada ainda que não tenha ranchos levantados nem nela se achem pilões”. Estudos historiográficos acerca do Quilombo dos Palmares comprovam sua existência desde, no mínimo, 1630 (CARNEIRO, 1947), sendo o ano de 1694 reconhecido como o de sua destruição e 1695 o ano da morte de Zumbi dos Palmares. O quilombo, em si, aparece antes ainda em registros históricos sob o nome de *mocambo*, tanto em algumas cartas trocadas entre governadores, chefes de mocambos e a coroa portuguesa em tentativas de negociação e acordos

de paz no ano de 1660,⁵ quanto na narrativa de alguns cronistas do século XVII. De acordo com a historiadora Silvia Lara (2010 apud CORRÊA, 2010, p. 5), a primeira definição de quilombo no Brasil surge em um regimento emitido pelo governador de Minas Gerais, em 1722:

[...] Para cada negro preso “em quilombos distantes da povoação onde estejam acima de quatro negros, com ranchos e pilões, e modo de ali se conservarem” [os capitães-do-mato] recebiam vinte oitavas. Realmente, o governador não queria que houvesse dúvidas, apresentando (provavelmente pela primeira vez num documento oficial) uma definição clara do que era quilombo: mais de quatro negros com ranchos e pilões estão bem longe da amplitude e da força dos Palmares. [...]⁶

Os “documentos oficiais” da sociedade branca ainda parecem ser o que confere certa legitimidade histórica ao uso do termo quilombo, principalmente a quem trabalha em posições de poder dentro das instituições. Aliadas à história oral preservada pelos povos tradicionais, essas informações de periódicos da época, da legislação municipal, entre outras formas de registro, também estão à serviço da lembrança de parte da história. A complexidade de como a palavra quilombo atravessa os corpos, os territórios, as vivências e a subjetividade de cada ser que se denomina quilombola ou remanescente de quilombola, porém, não cabe em um documento oficial – fica circunscrita no corpo, memória viva, que ao longo da vida passa às próximas gerações as marcas de sua história e de sua transformação. Uma fração desses atravessamentos encontramos mais adiante nessa pesquisa, no capítulo de análise das entrevistas.

2.2 O QUILOMBO URBANO E A QUESTÃO AGRÁRIA

Se a palavra quilombo já era reconhecida inclusive por meios oficiais pelo menos desde o século XVIII, o termo quilombo contemporâneo (ou urbano) surgiu mais tarde, e não há uma única definição acerca do que seja um quilombo urbano. O que se mantém é o espírito de preservação do território étnico “capaz de se organizar e reproduzir no espaço geográfico de condições adversas, ao longo do tempo, sua forma particular de viver” (ANJOS, 2006 apud FELIPE, 2018, p. 78). Da pouca bibliografia que se encontra com o termo “quilombo urbano”,

5. “No início dos anos 1660, o governador Francisco de Brito Freire havia proposto aos ‘chefes dos mocambos’, também em nome da Coroa portuguesa, a concessão de liberdade e terras onde pudessem plantar e instalar suas aldeias, em troca da paz. Nessa ocasião, porém, as negociações não foram bem sucedidas.” (LARA, 2010, p.7)

6. Regimento dos capitães-do-mato baixado por dom Lourenço de Almeida, governador de Minas Gerais a 17 de dezembro de 1722, na vila do Ribeirão do Carmo. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, II (1897), p. 389-91 (LARA, 2010 apud CORREA, 2010, p. 5).

a maior parte do que li define sua formação a partir do êxodo rural de quilombolas em direção aos centros urbanos. Em um processo de desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2016), ao chegar e se adaptar ao novo espaço, os e as quilombolas seguiram o movimento de preservação da sua cultura – agora já transformada, de alguma forma, pelo contato com outros povos em solo brasileiro, sejam alguns indígenas acolhidos por certos quilombos, sejam os próprios homens brancos.

Na origem de um quilombo urbano, algumas vezes a situação de escravidão se dava mediante a concessão de “posse” de um branco dono de um lote na cidade para as famílias negras viverem e, para isso, essas deveriam prestar serviços à família branca sem remuneração, mantendo-se assim uma relação de poder e propriedade dos brancos sob os negros que pode ser reconhecida, atualmente, como escravidão contemporânea. Alguns desses territórios seguem ocupados pelas famílias quilombolas até hoje – de acordo com os quilombolas da família Flores, esse é o caso do Quilombo Flores, que dá vida e nome a essa pesquisa. Como houve praticamente nenhuma reparação histórica para os negros, negras e indígenas em relação ao período escravocrata e de colonização em nosso país, a maior parte dos lotes de terra onde estão os quilombolas e indígenas são considerados ocupações.⁷

A principal luta que une as mais de três mil comunidades quilombolas distribuídas por todo o país,⁸ portanto, é aquela por titulação de seus territórios, ou seja, pela garantia constitucional com proteção legal da posse desses espaços. A questão agrária segue sendo tema de muita disputa política, e a história pouco se transformou em termos de redistribuição de terras e renda desde o que conhecemos como regime de sesmarias ou capitâneas hereditárias – as terras eram consideradas patrimônio da coroa portuguesa cujos membros tinham a possibilidade de escolher a quem doar, e você deve imaginar que não era aos trabalhadores escravizados ou aos indígenas. Só para termos uma ideia de onde estavam os indígenas na legislação da metade do século XIX: um projeto de lei⁹ do ano de 1843 considerava

7. Existem disputas ideológicas em relação aos termos invasão e ocupação. Considera-se aqui invasão aquilo que aconteceu no ano de 1500 quando os colonizadores chegaram à América. Tudo que ocorre em consequência disso – as mortes, estupros, as tomadas de terra e todas as violências aos povos tradicionais e originários – são também invasões. Os povos vítimas dos processos de colonização não podem ser considerados invasores porque ou sempre estiveram aqui, ou nunca puderam escolher entre vir ou ficar em seu continente de origem.

8. Dado da Fundação Cultural Palmares. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-02-08-2019.pdf>>. Acesso em 02 de dezembro de 2019.

9. De autoria de Bernardo Pereira de Vasconcelos e José Cesário de Miranda Ribeiro. O trecho da lei em questão afirma que é atribuição do Estado a “Promoção pelo governo imperial da venda de terras devolutas, em porções

responsabilidade do Estado “a reserva de terras para a prática da colonização indígena”. Inúmeras foram (e são) as políticas que favoreceram (e favorecem) a concentração fundiária e os interesses dos então sesmeiros cujas terras pertencem, em sua grande maioria, aos seus bisnetos, tataranetos, e assim por diante. Antônio Bispo dos Santos, escritor e liderança quilombola da comunidade Saco do Curtume (Piauí), reflete sobre os contratos firmados em relação às questões de terra e propriedade e traz uma outra cosmovisão da relação dos quilombolas com sua terra. Segundo ele, a partir de 1940 os contratos orais começam a ser quebrados para serem substituídos por “contratos escritos impostos pela sociedade branca colonialista”.

Na década de 1940 houve uma grande campanha de regularização das terras pela escrita. Isso ocorreu no Piauí e também no resto do Brasil. A lei dizia que as pessoas que ocupavam a terra seriam chamadas de posseiros. Essa lei colocou um nome, coisificou essas pessoas. Não éramos posseiros, éramos pessoas... O que isso significou para nós?

[...]

Os contratos do nosso povo eram feitos por meio da oralidade, pois a nossa relação com a terra era através do cultivo. A terra não nos pertencia, nós é que pertencíamos à terra. Não dizíamos “aquela terra é minha” e, sim, “nós somos daquela terra”. Havia entre nós a compreensão de que a terra é viva e, uma vez que ela pode produzir, ela também precisa descansar. Não começamos a titular nossas terras porque quisemos, mas porque foi uma imposição do Estado. Se pudéssemos, nossas terras ficariam como estão, em função da vida. (SANTOS, 2018, p. 44, grifos meus)

A organização do Estado, como já vimos, foi construída e pensada pelo branco colonizador, sem levar em consideração as cosmovisões dos povos que possuíam uma relação distinta com a Terra. Hoje, a articulação pela defesa de suas terras via “modo de viver do branco”, via instituição, tornou-se necessária a esses povos para garantir algo que já é seu por direito. Em apoio a essa luta dos povos tradicionais pela titulação de suas terras, a Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPISP) mapeou 1850 terras quilombolas e, entre elas, apenas 129 foram tituladas.¹⁰ Somente no governo Bolsonaro, um total de zero território quilombola foi titulado.

Um fato interessante em relação aos quilombos urbanos é que foi justamente a cidade de Porto Alegre que teve seu primeiro quilombo urbano titulado no país devidamente reconhecido pela *legislação* brasileira: o Quilombo da Família Silva. Depois de enfrentar

nunca inferiores a um $\frac{1}{4}$ de légua quadrada, e reserva de terras para colonização indígena e construção naval”. (CAVALCANTE, 1850, p. 4).

10. Dado do banco de dados “Observatório Terras Quilombolas”, da Comissão Pró-Índio de São Paulo. Disponível em: <<http://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/>> Acesso em 02 de dezembro de 2019.

diversas tentativas de despejo, o quilombo da Família Silva recebeu sua titulação no dia 25 de setembro de 2009.

A comunidade conquistou parte de seu território onde vive há mais de 80 anos, o que corresponde a uma área de 6.500 m². No bairro Três Figueiras, onde o m² é um dos mais caros da cidade¹¹, os integrantes da Família Silva ainda sofrem com a discriminação dos vizinhos. (PAULA, 2015, p. 21)

Em relação à contemporaneidade e às possibilidades que o termo “quilombo urbano” suscita, a palavra quilombo já está sendo utilizada por diferentes grupos negros que se unem com o propósito de preservar sua cultura e denunciar o racismo não somente em um território geográfico específico. Um exemplo é o grupo de teatro Pretagô, da cena cultural portoalegrense. Em sua rede social Facebook, o grupo se descreve como “Quilombo de artistas que pesquisa e promove a representatividade e o protagonismo negro nas artes de cena”.¹² O quilombo, portanto, já toma distintas formas dentro da cidade, sendo um conceito – e muito mais do que um conceito, uma ação, um movimento – que une e reúne negros e negras conscientes da necessidade de preservação da sua memória e reconstrução da história a partir do protagonismo de seus espíritos e corpos aqui presentes.

2.3 A CIDADE E A PROPRIEDADE DO CAPITAL

Se o jornalismo enquanto instituição e profissão aponta para os direitos humanos e, com isso, para a vida (sem distinções de classe, gênero, raça, religião, orientação sexual etc.) como critério fundamental que orienta a ação profissional, o capital – vide grandes empresas e empresários concentradores de renda e posses e, portanto, detentores de poder econômico – aponta para o desejo crescente de lucro e desenvolvimento desenfreado, e estes parecem ser os valores que indicam suas ações em relação aos espaços urbanos e rurais. Apesar de hoje o processo de globalização permitir a análise de uma homogeneização dos espaços, no âmbito local empresas privadas e o próprio poder público atuam concretamente na fragmentação do espaço, apropriando-se destes e evidenciando o que Lefebvre chamou de vitória do valor de

11. Valor do m²: R\$ 6.718,92 (PAULA, 2015, p. 21).

12. Na rede social Facebook, o grupo se descreve como “Quilombo de artistas que pesquisa e promove a representatividade e o protagonismo negro nas artes de cena. Grupo cênico autor dos espetáculos "Qual a Diferença entre o Charme e o Funk?", "AfroMe", "Noite Pretagô" e "Mesa Farta".”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/grupopretago/>>. Acesso em 27 de janeiro de 2021.

troca sobre o valor de uso. O priorizado é antes o valor monetário, mercantil de um local do que a diversidade da vida ali presente, do que o espaço vivido.

O espaço fragmenta-se, divide-se em inúmeras parcelas compradas e vendidas aos pedaços, pois o acesso ao solo urbano dá-se através da mediação do mercado. Convém lembrar que a propriedade monopoliza a distribuição como domina a produção que implica na produção espacial hierarquizada e fragmentada que se generaliza pelo espaço mundial. (CARLOS, 2007, p. 37)

A monopolização da produção e da distribuição só foi possível após o surgimento e a consolidação da cidade que, “enquanto local permanente de moradia e trabalho, se implanta quando a produção gera um excedente” (ROLNIK, 1995, p. 16). Esse processo marca a passagem dos sujeitos de produtores agrícolas (responsáveis por sua própria subsistência) a consumidores. Para administrar essa produção de excedentes e organizar de diversas formas a vida pública, emerge o Estado como responsável pela gestão da cidade. Segundo Rolnik (1995, p. 20), “sua primeira forma, na história da cidade, é a de um poder altamente centralizado e despótico: a realeza”. Desde sua origem, a cidade marca hierarquias e desigualdades tanto na sua arquitetura – os palacetes e casarões contrastantes com os cortiços, o desenho das ruas e becos – quanto na própria designação de quem pertence a qual lugar no espaço urbano.

A própria centralidade do poder, desde a *ágora* ou a *ciudadela* gregas, marca, no espaço, quem teria verdadeiro controle sobre as decisões políticas e administrativas e, conseqüentemente, a ausência ou pouca participação política dos cidadãos – dela eram excluídas as mulheres, os escravizados e os estrangeiros. Em Porto Alegre, por exemplo, a praça da Matriz era a praça dos três poderes, um dos pontos altos de onde era possível observar a chegada de navios no porto e ter certo controle dos acessos à cidade via rio/lago. Com a presença da Assembleia Legislativa e da igreja da Matriz, ainda hoje marca a centralização do poder geolocalizado no bairro Centro Histórico, onde estão também o Mercado Público, a Prefeitura e grande parte do comércio. Além disso, o bairro Centro é o único da cidade que dispõe de rotas do transporte público para todos os outros bairros, o que significa que quem ali se encontra tem acesso à cidade (acesso não tão livre assim, considerando a condição de ter dinheiro para pagar por uma passagem). Não por acaso, as populações negras de Porto Alegre estão concentradas nos bairros de periferia. É o caso do bairro Restinga, localizado no extremo sul da cidade, que se formou para abrigar moradores removidos de diferentes vilas, como as da Ilhota, Dona Teodora, Santa Luzia e dos Marítimos. A remoção da Vila Ilhota, que ficava próxima ao centro da cidade, fez parte de uma política institucional do regime militar cujo lema

era "Remover para Promover" (GAÚCHA ZH, 2017), e marca o início de uma série de intervenções do Estado orientadas para a gentrificação.

Quem dita as regras do espaço urbano, além do Estado? Com a gentrificação, são normalmente as grandes imobiliárias cujos proprietários representam os interesses do capital que se impõe sobre a vida do povo cada vez mais forçado a se deslocar às margens. Essas políticas de exclusão foram possibilitadas por um elemento que marcou, na história da cidade, a transformação da vila medieval em cidade capital: a mercantilização do espaço (ROLNIK, 1995). Nesse momento, a organização da cidade passa a ser marcada pela divisão das classes.

De um lado, os proprietários dos meios de produção, os ricos detentores do dinheiro e de bens; de outro, os vendedores de sua força de trabalho, os livres e despossuídos. Entre os dois estão artesãos independentes, donos de seu próprio negócio, que oscilam entre identificar-se com os demais proprietários ou aliar-se com os que estão com eles, aliados do poder. (ROLNIK, 1995, p. 39)

Os quilombolas urbanos, dentro dessa lógica de mercantilização do espaço e de divisão de classes, encontram-se na classe trabalhadora – seu Adão, por exemplo, era engraxate, Dona Rosa e Geneci eram trabalhadoras da limpeza, e praticamente todos os moradores do quilombo são prestadores de serviço. Apesar de o bairro Glória, onde está o Quilombo Flores, não ser um bairro periférico, a comunidade em si é um ponto de resistência em um bairro que vem recebendo novos empreendimentos que aumentam o preço (o valor monetário) dos imóveis da região. O próprio Quilombo da Família Silva, no meio do bairro mais caro da cidade, é o maior exemplo disso. Muito já ouvi as pessoas dizerem que, quando chegam empreendimentos maiores em uma região, o bairro é “valorizado”. E aqui entra a questão de que valores estamos falando quando dizemos frases como essa. Tal valor atribuído pela/na linguagem popular não é o valor cultural do espaço, o valor de uso público, o valor da tradição de gerações que ocuparam determinado espaço, mas sim um valor meramente mercantil, de troca, de inserção em um mercado ou em uma sociedade vista antes por um olhar capitalizado do que por um olhar humanizado.

[...] os lugares enquanto áreas definidas da metrópole podem ser analisados enquanto espaço material onde se inscrevem os atos de gerações e onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso. Mas o uso não é um simples ato de consumo, ele coloca acento sobre as relações entre as pessoas com o espaço no plano do imediato, no nível das relações de vizinhança, na construção de uma identidade concreta. (CARLOS, 2007, p. 43)

Existe, portanto, na cidade, um espaço totalmente fragmentado e hierarquizado que opera na formação de guetos e de uma espécie de marginalização em relação às condições de uma vida digna, com direitos básicos garantidos. Ao mesmo tempo, esses grupos formados na

resistência ao processo de opressão e marginalização, como é o caso dos quilombos desde a sua origem, constituem em si próprios a dimensão da liberdade no momento em que, unidos, percebem sua potência através da formação, preservação e transformação de suas identidades. Nas palavras de Carlos, “o gueto permite pensar a constituição da identidade vivida e não concebida”. Se a máquina da cidade opera desde o centro para construir muros e empreendimentos e expulsar pessoas para suas margens, produzindo relações cada vez mais individuais, a formação das comunidades e do senso de “comum unidade” nos guetos é em si um contraponto ao modo de ser e pensar individuais criados por essa máquina.

O quilombo urbano, ao mesmo tempo em que constitui essa grande engrenagem da cidade-máquina industrializada, está fora dela. Como constituíam o regime da escravidão os quilombos rurais, e dessa condição escravocrata estavam fora. Com a diferença gritante de que, hoje, não é possível ou é praticamente impossível sair do sistema capitalista e não depender do dinheiro para a subsistência. Os primeiros quilombos estavam afastados das casas grandes, o que permitia aos quilombolas serem autônomos e independentes, plantando suas comidas e fazendo seus artesanatos, roupas, edificações. Os quilombos urbanos estão no olho do furacão. Estão resistindo ao avanço da especulação imobiliária, de instituições no seu entorno, enfim, das diferentes formas assumidas pelo (e com o, e através do) discurso desenvolvimentista que não só privilegia alguns grupos sociais em detrimento de outros, como também prejudica uma parcela significativa da população urbana, da classe trabalhadora, do povo negro.

A metrópole enquanto expressão formal do trabalho social materializado, guarda a dimensão do lugar enquanto dimensão da sociedade urbana em processo de constituição. Para Henri Lefebvre,^[13] há no mundo moderno **um conflito violento entre uso e troca que se expressam no lugar**. Áreas inteiras são vendidas aos pedaços no mercado, amputando a cidade em sua dimensão humana, produzindo um sentido de perda provocada pelas mudanças nas formas de apropriação. Isto porque a cidade cresceu, expandiu seus limites, dispersou-se em periferias cada vez mais distantes reproduzindo uma hierarquia espacial diferenciada que se articula ao processo de apropriação que determina os usos e produz guetos, redefinindo o uso do espaço público e privado. (CARLOS, 2007, p.42)

Quando Carlos, a partir da leitura de Lefebvre, se refere ao uso, esse uso do espaço vai muito além de uma ideia de consumo dele. É o processo no qual se inscreve a vida dos habitantes do lugar, pois só eles – com cada uma das trocas cotidianas de afeto, das memórias mais íntimas tecidas na interação e na relação de diferentes gerações entre elas e com o espaço – conhecem e pertencem ali. O acúmulo cultural do espaço está na vivência inscrita nos corpos,

13. O autor levanta essa questão em vários trabalhos; dentre eles podemos citar os quatro volumes da obra *De l'État* (CARLOS, 2007, p. 42).

no inconsciente e nas almas que ali brincaram, plantaram, comeram, choraram, viveram. O corpo aparece, nessa tentativa de pensar e elaborar as noções de lugar, como o primeiro lugar ao qual pertencemos. A corporeidade de nossa existência é permissão e condição para vivermos o espaço, as relações afetivas, as distâncias concretas, simbólicas e imaginadas. O corpo, "nó vital imediato, visto pela sociedade como fonte e suporte de toda cultura" (PEREC, 1995 apud CARLOS, 2007, p. 18), compõe e significa o lugar ao mesmo tempo em que o lugar compõe e significa o corpo.

É o corpo que sente e cujos sentidos são a própria forma de apreender o mundo e o preencher ou esvaziar de valores e sentidos. Esses valores se constituem pela caminhada percorrida – tanto nessa cidade que nos fala, Porto Alegre, quanto nos demais percursos, para dentro de si ou para fora, realizados pela ancestralidade que nos antecede. A história do corpo marca não somente seu local de pertencimento – moradia, lugar de "pausa no movimento" (TUAN, 1930), mas também a inserção desse corpo em um mercado de trabalho gerenciado pelas instituições públicas e privadas. Corpo que apreende a porta que lhe foi condicionada – a da frente ou a dos fundos¹⁴ – e a partir dela significa as relações de poder.

Há, no entanto, uma outra porta (ou portão), ou talvez algumas outras portas, no caso de um Quilombo onde existem várias casas em um mesmo terreno. A porta que antecede os "lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato" (TUAN, 1930, p. 152). O lugar berço de memórias íntimas e aconchegantes que, "cada vez que são lembradas, produzem intensa satisfação, mas não são guardadas como instantâneas no álbum de família nem percebidas como símbolos comuns" (TUAN, 1930, p. 156). Assim Freya Stark (apud TUAN, 1930, p. 160) define lar: "Este certamente é o significado de lar - um lugar em que cada dia é multiplicado pelos anteriores".

Para recuperar essa relação de um indivíduo ou de uma comunidade com o espaço ou com o lar que são, antes de tudo, esses *espaços vividos*, precisamos acionar a memória, tema apreciado por autores como Halbwachs, Bergson (1990) e Bosi (1994, 2004). Memórias são imagens, normalmente (mas nem sempre) vividas pelo corpo, que submergem do passado e são

14. Quantos prédios você conhece nas grandes cidades que já foi em que há um elevador de serviço e um elevador social? Ou uma porta para os trabalhadores de limpeza, porteiros, zeladores, e outra para moradores, advogados, médicos, vereadores... Essas portas concretas e simbólicas também dividem, em função da estrutura da sociedade em que vivemos, as pessoas pela raça (já que os marcadores sociais raça e classe se interseccionam).

mediadas e trabalhadas pela percepção do presente. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstituir, repensar com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado, “tal como foi”, e que se dariam no inconsciente de cada sujeito” (BOSI, 1994, p. 55).

O corpo que lembra já não é o mesmo corpo que viveu a experiência recordada. São outros os conjuntos de representações à disposição aqui e agora em relação aos que se tinha no passado. Como afirmou Bosi (1994), lembrar é reconstruir as experiências do passado com representações de hoje. Em outras palavras ainda, “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (BERGSON, 1990 apud BOSI, 2004, p. 38). Bergson faz uma distinção inicial entre memória pura e memória-hábito, sendo essa última fundada pela repetição de um mesmo esforço (de gestos ou palavras), que Bosi (1994, 2004) coloca como adestramento cultural – são esquemas de comportamentos que se repetem inclusive inconscientemente e de forma automatizada, como quando nos locomovemos do trabalho para casa sem uma atenção plena e sequer nos damos conta do percurso já internalizado. Já a lembrança pura se atualiza na imagem-lembrança e “traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida” (BOSI, 1994, p. 49).

2.4 O QUILOMBO EM PORTO ALEGRE

Porto Alegre (RS) é a capital com maior número de quilombos urbanos certificados pela Fundação Cultural Palmares (FCP) no Brasil: Quilombo do Areal, Quilombo da Família Silva, Quilombo dos Alpes, Quilombo Fidelix, Quilombo dos Machado, Quilombo dos Flores e Quilombo Lemos. E, recentemente, no ano de 2020, mais dois territórios se autointitularam quilombolas: o Quilombo da Família Ouro e o Quilombo Mocambo, mas nenhum deles foi certificado porque, durante a pandemia, a FCP suspendeu os processos de certificação. Dos quilombos já certificados, apenas o dos Silva recebeu titulação e os demais seguem pressionando o Incra para o andamento de seus processos (de titulação) que também estão sem perspectiva de continuidade desde o início da pandemia.

Em um Estado que invisibiliza a presença no negro desde a história ensinada e aprendida nas escolas – o mais comum é associar o Rio Grande do Sul à presença europeia, às colonizações italianas e alemãs –, o fato de Porto Alegre ser a capital com maior número de quilombos urbanos é suficiente para dizer: aqui está o povo negro consciente da necessidade de preservação da sua cultura e fortalecimento de sua identidade quilombola. Enquanto estátuas,

nomes de avenidas e monumentos homenageiam na arquitetura da cidade os barões, duques, generais (normalmente brancos), os remanescentes de quilombola de Porto Alegre fazem um trabalho coletivo de conscientização que questiona toda sua representatividade na cidade enquanto negros, bem como a ausência dela nos materiais de comunicação produzidos pelo jornalismo e demais instituições.

Daniele Vieira, em sua dissertação de mestrado na área de história, elenca que essa invisibilização – que ela chamou ocultamento ou “esquecimento consciente” – acerca da presença do negro na história do Rio Grande do Sul se deve a alguns processos principais:

- i) ao paulatino deslocamento dos territórios negros para as bordas da cidade; ii) representações homogeneizadoras do espaço da cidade, que ao mesmo tempo escamoteia a presença negra e produz um espaço "alisado", aparentemente sem rugosidades (SANTOS RE, 2009); iii) a adoção da figura mítica do gaúcho como representação oficial, que se sobrepõe aos demais grupos étnicos da constituição do Estado (OLIVEN, 1996). (VIEIRA, 2017, p. 16)

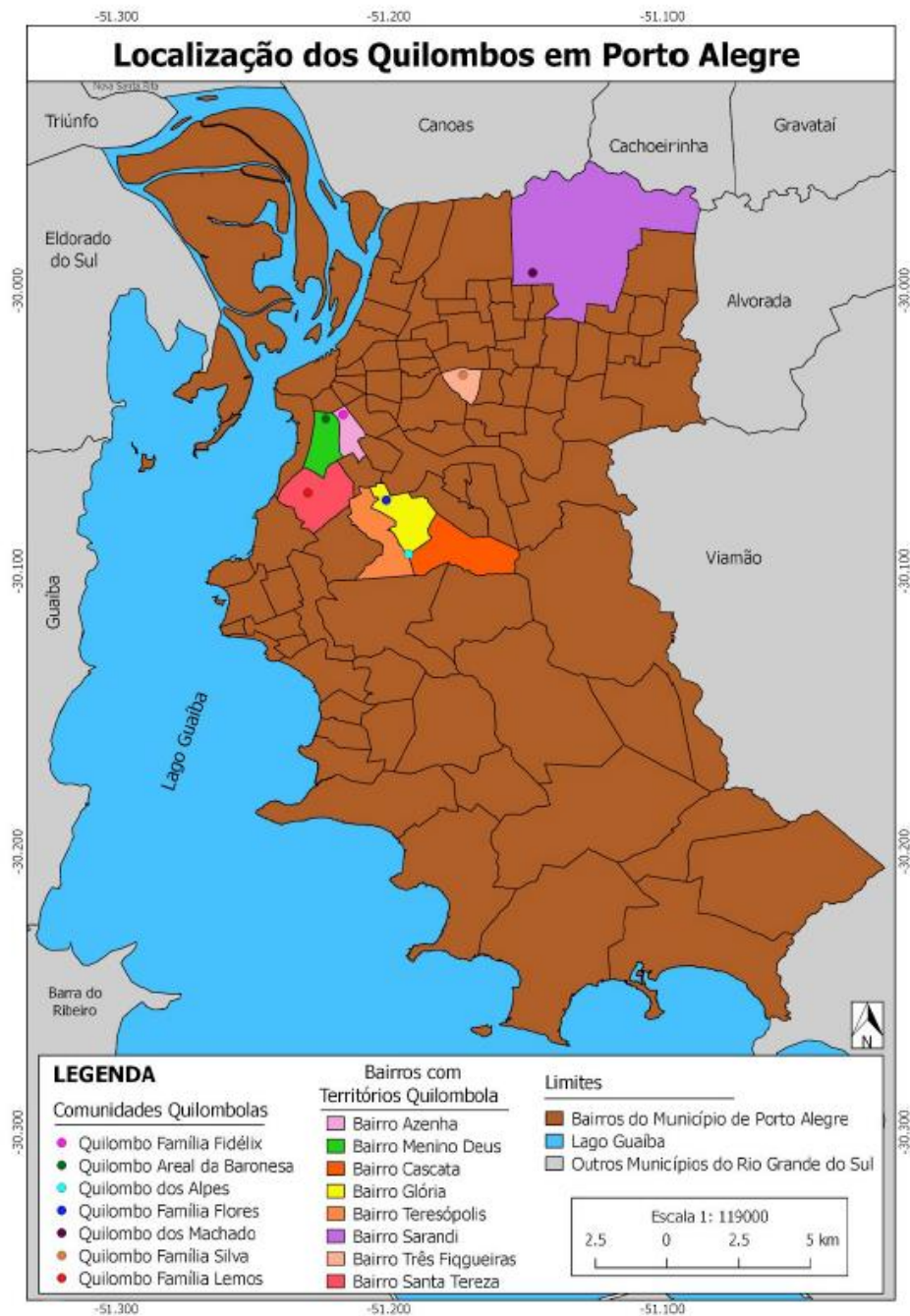
Pode-se considerar que os hoje chamados Territórios Negros foram os primeiros quilombos de Porto Alegre. Há, na cidade, um percurso intitulado “Percurso do Negro” em que se faz um *tour* cultural por oito territórios históricos marcados pela presença de negros e negras desde a época da escravidão até hoje. De acordo com informações do site da prefeitura, o ônibus circula por regiões reconhecidas como territórios “com ocupação e constituição por afro-brasileiros”. O trajeto passa pelos Largos Glênio Peres e da Força (Praça Brigadeiro Sampaio), o Pelourinho (Igreja Nossa Senhora das Dores), o Mercado Público, o Campo da Redenção (Parque Farroupilha), a Colônia Africana (Bairros Bom Fim e Rio Branco), a Ilhota (perto do Centro Municipal de Cultura e da avenida Érico Veríssimo) e o Quilombo do Areal da Baronesa (Travessa Luis Garanha), com encerramento no Largo Zumbi dos Palmares.¹⁵

Na época colonial, os territórios negros estavam concentrados em sua maioria no Centro ou nos seus limites. No final do século XIX, com a abolição da escravatura (1888) e a instauração da República (1889) há uma intensa reorganização territorial na área central e a população empobrecida, na sua maioria negra, se desloca para os arraiais ou arrabaldes, localizados no entorno. (VIEIRA, 2017, p. 15)

15. Disponível em:

<[http://www2.portoalegre.rs.gov.br/gpn/default.php?p_secao=18#:~:text=O%20trajeto%20passa%20pelos%20Largos,avenida%20C%89rico%20Ver%C3%ADssimo\)%20e%20o](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/gpn/default.php?p_secao=18#:~:text=O%20trajeto%20passa%20pelos%20Largos,avenida%20C%89rico%20Ver%C3%ADssimo)%20e%20o)> Acesso em 25 de janeiro de 2021. O percurso está atualmente suspenso em função da pandemia.

Figura 1 – Mapa de localização das sete comunidades quilombolas autorreconhecidas e certificadas pela FCP em Porto Alegre/RS.



Mapa de localização das sete comunidades quilombolas auto-reconhecidas e certificadas pela Fundação Cultural Palmares, em Porto Alegre/RS. (Fonte: NEGA/UFRGS-2018).

Fonte: NEGA/UFRGS, 2018.

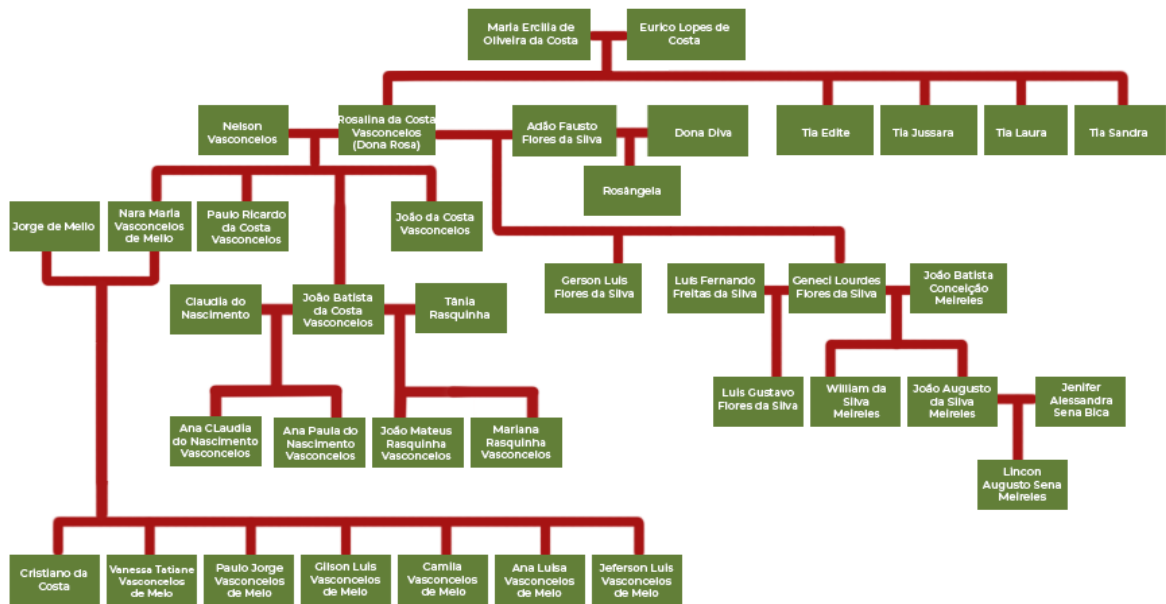
Figura 2 – Mapa das Territorialidades Negras em Porto Alegre/RS – século XIX.



Fonte: Elaboração de Daniele Machado Vieira em 12/04/2017 sobre Mapa de Porto Alegre, 1868 (IHGRGS, 2005 apud VIEIRA, 2017).

2.5 O QUILOMBO FLORES

Já a história do Quilombo Flores, localizado na Rua Manduca Rodrigues, bairro Glória, em Porto Alegre, começa com os pais de Adão Fausto Flores da Silva, falecido em 1983, aos 64 anos, casado com Rosalina da Costa Assunção. A memória foi preservada pela história oral, mas grande parte se perdeu, principalmente em decorrência de um incêndio que destruiu a casa da família na década de 80. O que se sabe hoje foi contado por uma tia de Geneci de Lourdes Flores da Silva (42 anos, filha de Adão e atual liderança do quilombo) chamada Anita Flores, que faleceu em 2017. Irei resumir aqui essa história, que se encontra em maior profundidade (e contada pela própria comunidade) nas entrevistas que constam em trechos do capítulo 4 e na íntegra em anexo a essa monografia. Algumas das informações contidas nesse subcapítulo foram coletadas em entrevistas (que pude acompanhar presencialmente) realizadas pela antropóloga do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) Bethânia Dias Zanatta, em dezembro de 2019, para a elaboração do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação RTID.

Figura 3 – Árvore Genealógica da Família Flores Vasconcelos.¹⁶

Fonte: elaboração da autora, em fevereiro de 2021, a partir de um modelo construído pelo Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente (NEGA) da UFRGS em setembro de 2019.

Adão saiu de Bom Retiro do Sul em direção a Porto Alegre em busca de uma vida digna. Ele era baixinho, gordinho, e uma pessoa com deficiência: “puxava” uma perna ou utilizava o auxílio de muletas para caminhar. Ficou conhecido basicamente por seu trabalho como engraxate – engraxava sapatos na praça XV – e como curandeiro. Adão frequentou a Umbanda e cultivou suas plantas medicinais no quilombo até o fim de sua vida. Foi inclusive no terreiro onde encontrou as duas mulheres com quem se casou na vida. No Quilombo, ele recebia diferentes pacientes para realizar consultas, atendimentos espirituais, banhos de ervas, entre outros cuidados da religião.

Quando conheceu DÍva, sua primeira esposa, ela já morava na Manduca Rodrigues, 285,¹⁷ onde hoje fica o Quilombo. Ela trabalhava para os Azambuja como empregada doméstica. Conta Geneci que ambos trabalhavam para a família em troca da moradia, fato questionado por Batista que não recorda de nenhuma relação de Adão com os Azambuja. Geneci e Gerson relatam que não sabem se o trabalho era ou não remunerado. Em uma das

16. Faltam, ainda, os filhos das tias de Geneci (Edite, Jussara, Laura e Sandra).

17. Em alguns momentos, os quilombolas se referem ao endereço como número 283, em outros, como 285.

entrevistas realizadas por Bethânia com uma das vizinhas da comunidade, lembro-me de a entrevistada comentar que era colega de trabalho de Dona Diva e confirmar que sim, recebiam pelo serviço.

Geneci conta que Diva teve uma filha registrada no nome de Adão, Rosângela, que eles criaram juntos ali no quilombo. Depois de Diva falecer, Adão morou sozinho com a filha durante quinze anos no quilombo, até encontrar Rosalina, dona Rosa, mãe de Geneci e Gerson, em uma casa de religião que pertencia a uma prima dele. Dona Rosa era a pessoa mais velha viva no Quilombo até pouco tempo. Ela faleceu vítima da Covid-19 durante a realização dessa pesquisa, no dia 19 de março de 2021, algumas semanas depois de tomar a segunda dose da vacina Coronavac.

Dona Rosa nasceu nos Alpes, o que indica provável relação entre o Quilombo Flores com o Quilombo dos Alpes, e trabalhou durante 43 anos no posto de saúde da Glória com serviços gerais. Sua filha Nara conta que Dona Rosa foi sozinha morar no Flores para ficar com Adão, e, somente três anos depois, seus filhos chegaram no território. Hoje, o único desses filhos nascidos no Alpes que permaneceu no território foi o Batista. Apesar de não serem filhos de Adão, tanto Nara quanto Batista consideraram ele um pai e, em suas lembranças, falam de Adão com muito carinho.

2.5.1 A disputa pelo território do Quilombo Flores

De acordo com Geneci, o que os Azambuja faziam antigamente enquanto proprietários das terras era pedir para que seus empregados assinassem um termo para continuarem morando ali. Esse termo concedia o usufruto da terra até a morte do/a empregado/a, independente se houvesse uma família ali morando – seriam expulsos porque estava no papel, e o que está no papel... Sabemos como pesa um papel, uma caneta, uma assinatura no nosso mundo regulado por instituições. O acordo foi oferecido a Adão que entendeu tudo na hora e não assinou. Em janeiro de 1983, ele entrou com uma ação de usucapião do terreno, já no fim de sua vida, provavelmente sentindo que a morte estava chegando mais perto. Adão viria a falecer no mês seguinte.

Segundo relatório escrito em pedido de usucapião pelo advogado Ângelo Marcelo Curcio dos Santos – OAB/RS 91.218 (2019, p. 3),

Os antepassados do Senhor Adão, escravos fujões, encontraram, naquele local de mata fechada, um ambiente de resistência à violência da escravidão. Ali estabeleceram seus laços familiares, buscando conquistar a dignidade que lhes foi negada por um Estado Monarquista

que insistia no tráfico ilícito de escravos. Iniciava-se a história do Quilombo dos Flores. Próximo a um riacho e plantações, tiravam da terra o sustento e viviam escondidos, até serem descobertos pelo dono da Casa Grande, que se arvorou de proprietário daquela mata. Negociou com a família dizendo que não os denunciaria, poderiam ficar ali, no meio do mato, porém, em troca, foram obrigados a lavar as roupas dos integrantes da Casa Grande e lá permaneceram, até os tempos atuais.

Apesar da ação de usucapião ter sido protocolada em 1983 por Adão, foi em 2014 que a comunidade realmente precisou se preocupar em relação à propriedade. Nesse ano, a União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE) avançou sobre o território, tomando especialmente o campo de futebol apelidado Caveirinha pelas comunidades do entorno do bairro Glória que ali se reuniam para se divertir.

O Caveirinha é lembrado com muito carinho por moradores da comunidade de diferentes idades. Jogar ali era praticamente uma tradição do bairro – se você nasceu pela região, certamente “bateu uma bola” no Caveirinha. Gerson conta que os moradores das ruas de trás do campo também utilizavam o espaço como um atalho para chegar ao supermercado Maccari, que fica na Avenida Oscar Pereira, perto da Paróquia Nossa Senhora da Glória. Então esse espaço tomado pela escola era, além de parte do Quilombo, considerado um espaço público da comunidade toda.

Ana Paula, filha de Batista e neta de Dona Rosa, foi uma das únicas pessoas presentes no dia em que os homens chegaram com as máquinas e ferramentas para, segundo ela, derrubar as casas e construir aquele muro, e relata a forma violenta e autoritária com que chegaram (ver capítulo 4, subcapítulo 4.4, “Destruição, conflitos e solidariedade: do incêndio no território ao conflito com os Maristas”).

Depois desse dia, houve algumas audiências para tentativas de negociações. Gerson relata uma em especial, no FORO do Partenon, em que a advogada presente se dirigiu a ele e perguntou se ele sabia quanto valia o terreno, quanto o Colégio havia pago por aquele espaço. Segundo ele, a advogada falou que valia um milhão e meio de reais, e perguntou se aceitariam essa quantia. Gerson respondeu que o terreno nunca esteve à venda, portanto aquela pergunta não fazia sentido. E assim tem sido desde 2014, com agravamento da situação em 2015. Uma luta para manter preservado ao menos uma parte do território em que Adão plantou suas ervas e realizou suas benzeduras, em que ele, Diva e Rosa criaram seus filhos e filhas, que criaram seus filhos e filhas, e certamente a família seguirá por muitos anos ainda.

2.5.2 O que diz o Colégio Marista Assunção

Depois de enviar e-mails para diferentes endereços institucionais do Colégio Marista Assunção e não receber resposta alguma, recorri ao contato com ex-professoras do tempo de infância que me conheceram pequena e, agora, reconheceram jovem adulta. Agradeço aqui em especial à professora Simone Martins da Silva, a Simoninha, que, além de ter sido minha educadora na infância, nesse momento facilitou meu contato com o atual diretor, David Hatsek. Infelizmente, David não é o mesmo diretor que estava no cargo na época do conflito, então pouco sabia sobre o assunto.

David me ligou no dia primeiro de abril de 2021. Em uma ligação que durou cerca de dez minutos, ele falou que o processo a respeito do conflito envolvendo o colégio e o quilombo corre em sigilo no Superior Tribunal Federal (STF) e que, em função disso, foi orientado pelo jurídico da instituição a não fornecer informações. Também disse que estavam priorizando dar atenção a alunos da Pontifícia Universidade Católica (PUC) por ser Marista, fazendo menção ao fato de eu ser estudante da UFRGS. Respondi tranquilamente que eu estudei a vida inteira em escolas Maristas – passei nove anos no Marista Assunção e três anos no Marista Rosário, ou seja, somente a faculdade que cursei não foi Marista nessa linha da vida educacional institucional. E que tinha certeza de que eu e ele compartilhamos valores cristãos, que eu queria conversar para entender como o Colégio se posiciona, qual sua versão dos fatos, tanto como jornalista e pesquisadora quanto como ser humano, entendendo que seria importante para a pesquisa. Como ser humano mesmo, reconhecendo também sua humanidade de alguém que agora ocupa um cargo institucional, contei a ele o que vi lá dentro do Quilombo, me posicionei dizendo que sabemos que as pessoas com menos poder aquisitivo acabam também tendo mais dificuldades de acessar os poderes jurídicos e as formas de se defender dignamente. Ele concordou. Parecia um pouco nervoso na voz, mas senti que ele me escutou, e que eu também pude escutá-lo, foi um diálogo.

Não consegui, portanto, uma resposta formal a respeito de como o Colégio Marista Assunção se posiciona em relação ao fato de ter construído um estacionamento em uma área que era viva, de usufruto de uma comunidade. Nem sequer se os educadores ali presentes, que prestam um excelente serviço educacional e pedagógico, sabem da dor e dos traumas que essa instituição causou a essas famílias.

2.6 CONTEXTUALIZANDO – O QUILOMBOLA NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA

Depois de compreendermos a necessidade de os quilombolas e indígenas precisarem se defender, via instituições, para permanecer em suas terras, nesse subcapítulo vamos conhecer alguns dos direitos quilombolas já garantidos por lei. Mais informações pesquisadas a respeito dos direitos jurídicos quilombolas podem ser encontradas no Anexo A desta monografia.

Foi apenas com a promulgação da Constituição da república, em 1988, que o termo quilombo passou a ser utilizado como categoria jurídica. O direito à propriedade definitiva dos quilombolas sob suas terras foi reconhecido pelo Estado (BRASIL, 1988), pelo menos no papel, na lei. Para os quilombolas, a regulamentação desse processo consolidou-se pelo decreto Nº 4.887,ⁱ de 20 de novembro de 2003 (BRASIL, 2003), assinado pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que certificou os procedimentos administrativos para a identificação, o reconhecimento, a delimitação, a demarcação e a titulação das terras ocupadas por remanescentes de quilombolas e conferiu ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) a responsabilidade por garantir o acesso à terra, fiscalizar e regulamentar os processos de titulação.

A principal garantia desse decreto é o fato de a definição de uma comunidade quilombola vir a partir da autoatribuição, da autodeclaração. Ou seja, quem diz se é ou não quilombola é o próprio quilombola. Mas não por isso é um processo simples, muito pelo contrário. Os trâmites burocráticos para que haja uma confirmação da condição de quilombo são longos e demorados (ver Anexo A para mais detalhes).

Outra ferramenta jurídica muito utilizada na defesa dos povos originários e tradicionais é o direito de consulta prévia, regulamentado pela convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) adotada no ano de 1989. A obrigação estatal de consulta prevê que os povos têm o direito de serem consultados, de forma livre e informada, antes de serem tomadas quaisquer decisões que possam afetar seus territórios, sua cultura, seus patrimônios materiais e imateriais e aplica-se

a) os povos tribais em países independentes, cujas condições sociais, culturais e econômicas os distingam de outros setores da coletividade nacional, e que estejam regidos, total ou parcialmente, por seus próprios costumes ou tradições ou por legislação especial [...] (BRASIL, 2019)

Lendo esses direitos garantidos por lei, percebe-se que a lei e os instrumentos jurídicos não são suficientes para garantir a proteção dos povos. Desde 1989 existe a garantia do direito internacional à consulta prévia, livre e informada dos povos, e mesmo assim esse direito segue

sendo violado de forma ampla, bem como tantos outros artigos da constituição brasileira. O caso só não se aplica ao Quilombo Flores porque o território recebeu sua certificação da Fundação Cultural Palmares somente em 2017, e o Colégio avança sobre o espaço desde 2014. A própria comunidade dos Flores Vasconcelos demorou a se reconhecer enquanto um Quilombo, já que essas informações a respeito do que seria um território quilombola são mais ocultadas do que divulgadas. E desde que se reconheceu, transformações profundas aconteceram em suas vidas (ver capítulo 4.6, “Ser quilombola: o resgate da história pela autoidentificação”).

3 PREPARAÇÃO PARA ATRAVESSAR O MURO: OLHAR E ESCUTAR O OUTRO A PARTIR DA ENTREVISTA ENQUANTO FORMA DE RESGATAR MEMÓRIAS E HUMANIDADES

Neste capítulo trago algumas reflexões sobre os motivos que nos levam, e que, particularmente, me levam, a falar do outro. O que me faz direcionar o passo, o olhar e a atenção a uma realidade completamente distinta daquela que me cerca – como é o caso do quilombo, que, por todas as diferenças sócio-históricas da família Flores em relação à minha realidade de mulher jovem, branca, nascida em uma família classe média alta, hoje estudante universitária, é considerado “outro” nessa pesquisa. Também questiono de que forma é possível representar esse outro na escrita, como atestar a existência do outro para além da representação e da afetação individual. Algumas outras questões, como a formação da identidade, acabam surgindo enquanto escrevo, pesquiso e penso sobre o que a relação de alteridade suscita.

Antes de entrar nas leituras que fiz e no que aprendi com essa penca de gente que li, vou contextualizar algumas situações em relação ao que percebo enquanto jovem nascida nos anos 90, inserida nos meios em que estive nos últimos anos de Fabico, e que me levam direta ou indiretamente a buscar compreender “que história é essa de falar do outro”.

Entre a minha geração de estudantes engajados em causas e movimentos sociais e coletivos, percebo que a mobilização desses grupos ocorre mais em termos de identidade do que em termos de classe, embora também seja pautada a necessidade de se observar o mundo pela lente da intersecção entre gênero, raça e classe. Conceitos como “lugar de fala”, amplamente divulgado por Djamila Ribeiro (2017), foram apropriados (e talvez ressignificados) para os discursos presentes nas redes sociais, de forma a inibir muitas pessoas desses círculos a falarem sobre questões que “estavam fora de si”, ou que, de forma geral, se tratassem do outro. Em um grande movimento que parece conversar com a proposta algorítmica das redes sociais – cada um fala de si. Além de falarmos de nós mesmas, recebemos conteúdos em nossa rede social de acordo com o que informamos para a rede que seria de nosso interesse a partir de ações como curtidas, compartilhamentos, comentários. Assim formamos nossas conhecidas “bolhas algorítmicas”.

Vivemos nossos processos individuais, falamos de nós mesmas no ciberespaço, reverberamos nossa exposição em outros seres e reconhecemos, também ali, nossas semelhanças e diferenças a partir das exposições dos outros sobre si. Ao mesmo tempo em que

esse movimento tem sido muito efetivo no sentido de ampliar espaços em que se reverbera e se acessa, enfim, a voz do outro que agora assume voz própria, reconhecendo que qualquer um pode e tem a opção de curtir e acessar páginas de distintos “outros” agora falantes sobre suas próprias realidades, também percebi um risco de cair em processos narcísicos em que, mesmo dentro de um grupo social que preza pela diversidade enquanto valor fundamental da vida, a própria diversidade poderia estar sendo negada. Nesse sentido notei, dentro do meu círculo social da faculdade e dos movimentos sociais, a constituição de vários julgamentos (que também partiam de mim) a respeito de quem quer que estivesse falando sobre a realidade do outro e não sobre a sua própria. O que, para o jornalismo em si, é muito complicado – já que nos propomos, enquanto profissionais, a praticar uma escuta ativa e um olhar atento para contar o que escutamos e presenciamos justamente sobre a realidade de outras pessoas.

Levando isso em conta, me proponho agora a tentar compreender de que outro estou falando aqui, enquanto jovem pesquisadora e jornalista, quando me refiro ao quilombo. Por que reconhecemos o outro como outro, quais são as dimensões de alteridade e os riscos possíveis diante desse outro que exigem uma permanente vigilância epistemológica.

3.1 O OUTRO NO MUNDO E NA ESCRITA – IDENTIDADE, REPRESENTAÇÃO E APAGAMENTO

Uma escrita do outro é sempre uma escrita de si, uma escrita de si é também uma escrita do outro. Toda construção de si acontece, em alguma medida, pela mediação do outro, já inserido em instituições, processos, grupos sociais, enfim, em determinada cultura que pressupõe a perpetuação de alguns valores que nos possibilitam construir tanto nossas identidades e cosmovisões quanto as narrativas que tecemos sobre nós mesmos e a realidade que nos cerca. É impossível falar do outro sem falar de si, porque o identificar como “outro” já é partir de um reconhecimento do que (não) sou. Ser comunicadora é estar, frequentemente, frente a esses múltiplos outros a quem nos abrimos para escutar e representar. Para compreender melhor a aplicação dessa alteridade na pesquisa, na profissão, e nos encontros de forma geral, bebi de fontes da antropologia, ciência cujo objeto é, em si, o outro.

Trata-se de todos os outros: o outro exótico, que se define por referência a um <<nós>> que se supõe idêntico [...]; o outro dos outros, o outro étnico ou cultural, que se define por referência a um conjunto de outros que se supõe idênticos, um <<eles>> resumido as mais das vezes por um nome de etnia; o outro social: o outro do interior por referência ao qual se institui um sistema de diferenças que começa pela divisão dos sexos, mas que define também, em termos familiares, políticos, econômicos, os lugares respectivos de uns e de outros, de tal

maneira que não é possível falar de uma posição no sistema [...] sem referência a um certo número de outros [...]. (AUGÉ, 1992, p. 22)

O reconhecimento como ‘outro’, em um primeiro momento, a partir de uma autoidentificação com determinado lugar, posição, grupo ou espaço social que permite o reconhecimento da diferença, em um movimento de construção da identidade que se compõe em algum lugar entre o olhar e a interpretação do outro e a afirmação de si. Mas seria muito simplista reduzir esse outro à sua diferença. O outro é um universo com suas complexidades, singularidades, subjetividades, e é justamente no reconhecimento da humanidade do outro que também me reconheço. Em uma humanidade que nos coloca em pé de igualdade a ponto de não haver sentimentos de inferioridade ou superioridade por nenhuma das partes envolvidas em uma troca interativa ou “diálogo possível” (MEDINA, 1989), apenas um olhar e uma escuta abertos a sentir quem se apresenta independente de quem for.

Uma igualdade de espírito, quando percebemos que todos nós humanos fomos um esperma que fecundou um óvulo e cresceu dentro de um útero para chegar até à Terra, conhecer a si mesmo (de dentro pra fora, de fora pra dentro, a toda hora, a todo momento¹⁸), crescer, envelhecer, morrer. Todos e todas aprendendo: uns com os outros, umas com as outras, umas com os outros, uns com as outras, independente de idade, raça, classe, nada. Estamos de passagem em cada aqui-agora da existência no planeta Terra, somos efêmeros, seremos esquecidos enquanto egos. Os marcadores sociais, nesse caso, nos auxiliam a nos entender como seres humanos sociais, não em uma dimensão espiritual, planetária ou cósmica, mas em uma dimensão de sociedade – essa que costuma ser bastante trabalhada pelos cientistas sociais.

Quando os primeiros antropólogos reconhecidos como tal pela ciência – como Malinowski (1978) – se propõem a olhar para o outro, existe, em geral, uma consideração eurocêntrica de um outro “selvagem” em comparação a um eu “civilizado”. Essa parece ser uma abordagem colonizadora, que ainda povoa nosso imaginário ocidental até hoje e cuja desconstrução é um trabalho coletivo a ser feito para que, enquanto humanidade, possamos resgatar saberes que vão sendo soterrados pela velocidade da modernidade.

Um dos questionamentos que surge, pensando em como insiro o quilombo enquanto o “outro” aqui nesse trabalho, é até que ponto o outro existe como tal em uma pesquisa e até que ponto existe somente sua representação? Lembro-me de Geertz (1926) quando afirma que todo

18. Trecho da canção “Serra do Luar”, do compositor Walter Franco.

relato, toda escrita é interpretação e representação de uma cultura, sendo impossível acessar a cultura em si de maneira idealizada e pura. Podemos entender “representar” como atribuir sentido a algo a partir de signos mediados na e pela linguagem, algo que fazemos a todo instante seja através de pensamentos, palavras ou ações, e que estou fazendo necessariamente nesse momento em que escrevo e a todo momento em que há comunicação.

Talvez só possamos dizer que existimos aqui-agora enquanto corpo se relacionando em (e com) um espaço atravessado pelo tempo, ou em um tempo atravessado por múltiplos espaços. Um corpo que se compõe e se complexifica na sua relação com outros corpos que podem dividir campos concretos e sutis. Geertz (1926) também nos lembra que, enquanto a cultura existe em seu território específico, a antropologia e o jornalismo existem na escrita, no livro, na imagem, na representação. Por isso é importante sempre nos perguntarmos “quem” narra, ou seja, quem interpreta a realidade ao redor e a transforma em narrativa. Desde a virada cultural, o sentido passa a ser visto “como algo a ser produzido – construído – em vez de simplesmente ‘encontrado’” (HALL, 2016, p. 25), como se sempre estivesse ali apenas esperando alguém o “captar”, daí a importância de saber quem fala ou quem é o “emissor”.

A história que conhecemos e criamos acerca dos acontecimentos, fenômenos, culturas e grupos sociais da Terra, as notícias e imagens as quais podemos acessar diariamente nos portais de notícia e mesmo os conteúdos de autores e autoras que lemos em ambientes acadêmicos são, portanto, representações. David Harvey, no seu livro *Condição Pós-Moderna*, considera, a partir de uma leitura de Bourdieu, que uma alteração nas formas de representação das experiências pode inclusive transformar relações sociais – fato vivenciado nesse exato momento histórico diante de uma pandemia cocriada a partir das representações midiáticas a respeito das experiências da morte, da dor, do luto. Nas palavras dele: “Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais (como sugere Bourdieu), uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas” (HARVEY, 1989, p. 225).

Esse conjunto de representações do qual dispomos amplia e limita nossas possibilidades de compreender e sentir tanto o universo que nos cerca quanto a nós mesmas/os e os locais aos quais pertencemos ou não, sendo a própria sensação de pertencimento o que aponta a natureza social da identidade (CARLOS, 2007). Se sentimos que em determinado grupo de pessoas comungamos valores, origens, espaços vividos e apreendidos pelos sentidos do corpo, formas de ser, interpretar e estar interagindo no mundo, nos sentimos parte, nos sentimos em casa, há

um certo reconhecimento da semelhança e da diferença em cada coletivo que nos faz poder sentir “pertencço aqui” ou “não pertencço aqui”.

Um exemplo concreto (e que se relaciona diretamente com o quilombo) de como o sentido que atribuímos à realidade é construído e perpetuado por diferentes gerações é nosso próprio conhecimento acerca da história da cidade de Porto Alegre, como já enfatizado no capítulo anterior. Nessas versões contadas nas escolas às crianças e jovens que aqui nasceram e/ou cresceram, os protagonistas da história da construção da cidade são, geralmente, os açorianos e estancieiros, “sustentando a narrativa da colonização lusitana, não permitindo conceber a contribuição de outros grupos na constituição dessa sociedade e na edificação dessa cidade” (MONTEIRO, 2002, p. 31). A centralização dos colonizadores nas narrativas a respeito de territórios do sul global nos mostra como, há séculos, as pessoas responsáveis por definir, por exemplo, diretrizes dos livros de história das escolas, operam (consciente ou inconscientemente) em um processo de omissão do negro, do indígena, do caboclo, e de sua importância multidimensional na constituição das realidades.

Podemos compreender esse processo, que ocorre desde a chegada dos Europeus nessas *terras de palmeiras onde canta o sabiá*,¹⁹ como de invisibilização social, política, cultural e racial, e também enquanto reflexo de uma sociedade cujas estruturas foram impostas pelo colonizador escravocrata e que podem ser transformadas, em maior ou menor grau, por todos e todas nós. A invisibilização da diversidade de povos responsáveis pela construção do Rio Grande do Sul desde sua origem até hoje está longe de ser somente simbólica e discursiva; ela é concreta, sentida nos corpos. Mesmo as representações simbólicas interferem na percepção de si e do outro, sendo capazes de contribuir com as possibilidades de autorrepresentação ou representação do outro, e, portanto, atuar diretamente no sentimento de autoestima e pertencimento ou não-pertencimento a determinados lugares e grupos, interferindo também na construção de nossas identidades individuais e coletivas.

A cultura é definida como parte constitutiva das coisas; logo, a cultura é definida como um processo original e igualmente constitutivo, tão fundamental quanto a base econômica ou material para a configuração de sujeitos sociais e acontecimentos históricos – e não uma mera reflexão sobre a realidade depois do acontecimento. (HALL, 2016, p. 25-26).

19. A citação em itálico faz menção ao poema de Gonçalves Dias intitulado *Canção do Exílio*.

Complementando o pensamento de Hall sobre a importância da cultura, e, portanto, da identidade, Augé (1992) aborda que é impossível dissociar a identidade individual da coletiva. Ao campo da antropologia não interessa simplesmente o fato de a representação do indivíduo ser uma construção social, e, portanto, cultural, mas também que “toda representação do indivíduo é necessariamente uma representação do laço social que lhe é consubstancial” (AUGÉ, 1992, p. 23). Geertz define essas interpretações e representações e os próprios textos antropológicos – e, poderíamos pensar, por que não, todos os textos – como ficcionais.

Resumindo, os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. (Por definição, somente um “nativo” faz a interpretação em primeira mão: é a sua cultura.) Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são “algo construído”, “algo modelado” — o sentido original *âtfectio* — não que sejam falsas, não-fatuais ou apenas experimentos de pensamento. (GEERTZ, 1926, p.11).

Seguindo essa linha de pensamento em relação à ficção e interpretação, Marc Augé (1992) elabora que a investigação antropológica, independentemente do nível a que se aplica, “tem por *objetivo interpretar a interpretação que outros fazem da categoria do outro* aos diferentes níveis que situam o seu lugar e que impõem a sua necessidade” (AUGÉ, 1992, p.26, grifo meu). Aqui, especificamente através da entrevista em profundidade enquanto metodologia, me proponho a escutar, ler e representar realidades que já são, portanto, interpretações de uma determinada realidade, de uma identidade, de um território, de um espaço marcado pelas diferenças – nesse caso, localizado em uma metrópole e circunscrito em todo processo de modernização e industrialização pelo qual passamos enquanto sociedade.

3.2 POSSÍVEIS RISCOS NO DESLOCAMENTO EM RELAÇÃO AO OUTRO

Em relação aos riscos que se corre no deslocamento em direção ao outro, Hall (2016) atenta para o fato de que pessoas significativamente diferentes da maioria “em algum aspecto” ficam expostas a uma forma binária de representação. Hall também destaca a grande possibilidade de essas pessoas serem representadas de maneira estereotipada.

Elas parecem ser representadas por meio de extremos acentuadamente opostos, polarizados e binários – bom/mau, civilizado/primitivo, feio/excessivamente atraente, repelente por ser diferente/cativante por ser estranho e exótico. E, muitas vezes, elas são obrigadas a ser as duas coisas ao mesmo tempo. (HALL, 2016, p. 145)

Quando Hall fala de pessoas significativamente diferentes da “maioria”, reflito de que maioria estamos aqui falando – a população negra é maioria no Brasil, mas minoria dentro da Universidade Pública, por exemplo. Então, de fato, maioria e minoria são termos relativos a

lugar, espaço, tempo e outras formas de agrupamento. Nesse caso, porém, a categorização e diferenciação entre brancos e negros pode ser percebida por qualquer um que tenha o sentido da visão e/ou sensibilidade para perceber as formas de tratamento social em relação às diferentes raças. No trecho de Hall mencionado acima, os extremos opostos são qualidades, adjetivos, que podem ser aplicados de inúmeras formas a depender dos sistemas de representação de quem se dispõe a qualificar esse outro. Aqui não me proponho a qualificar ou adjetivar esse outro, embora isso aconteça algumas vezes em que me deixo afetar²⁰ durante o processo de pesquisa.

Outro risco que se corre no deslocamento em direção ao outro é a possibilidade de romantizar essas diferenças, como aponta Foster (1996), quando menciona a fantasia primitivista do “romantismo do outro”, esse outro, nesse caso, visto a partir de um olhar eurocêntrico do qual falávamos antes. “Com frequência, a suposição realista é composta por uma fantasia primitivista de que o outro, normalmente assumido “não-branco”, tem acesso especial à psique primária e a processos sociais dos quais o sujeito branco é de alguma forma impedido” (FOSTER, 1996, p. 175). Um dos cuidados a se tomar seria, portanto, o de ser humano – que aqui resumi em não considerar, em nenhuma circunstância, o outro inferior ou superior; simplesmente estar aberta para escutar o que há para ser dito.

Klinger (2006, p. 75), a partir dos estudos de Borie (1989 apud KLINGER, 2006) e Strauss (1965 apud KLINGER, 2006), aponta o romantismo do outro como “parte da consciência pesada europeia”. Segundo ela, o pensamento político do qual a antropologia é herdeira *utiliza* o outro enquanto ferramenta para uma crítica da sociedade europeia. O utilitarismo do outro presente na origem da antropologia aponta uma civilização ocidental culpada (BORIE, 1989 apud KLINGER, 2006) cujos estudos são incompreensíveis senão como tentativa de redenção (STRAUSS, 1965 apud KLINGER, 2006). O cenário lentamente se transforma quando o outro passa a falar por si, se organizar de diferentes formas e demandar espaços de representatividade.

Esse outro não é mais simplesmente reduzido à sua diferença, mas sim incorporado como uma subjetividade a ser reivindicada (KLINGER, 2006) que pode se reconhecer também

20. Jeane Favret-Saada, em seu texto “Ser afetado”, comenta o tratamento paradoxal do afeto na antropologia: “em geral, os autores ignoram ou negam seu lugar na experiência humana. Quando o reconhecem, ou é para demonstrar que os afetos são mero produto de uma construção cultural, e que não têm nenhuma consistência fora dessa construção [...]; ou é para votar o afeto ao desaparecimento, atribuindo-lhe como único destino possível o de passar para o registro da representação [...]” (FAVRET-SAADA, 2005, p. 155).

enquanto intersubjetividade a partir “da relação entre eu e outro como parceiros no diálogo” (MORICONI, 1994, p. 64). Hoje (e sempre) o esforço da alteridade, definida por Veiga (2010, p. 43) como a “capacidade de, a partir de reconhecer-se num grupo social entre tantos, deslocar-se para tentar compreender outras realidades pertencentes a grupos diferentes”, é extremamente necessário. Uma escuta aberta e livre que possa servir a qualquer ser que se apresente em nossa frente – do opressor ao oprimido.

3.3 O PROCESSO DE ENTREVISTA E A PRODUÇÃO DE MEMÓRIA

A entrevista é a principal ferramenta do jornalismo – esse despir-se de si para sentar diante de outra pessoa, de outro universo, e poder escutar uma história, o relato de um acontecimento singular, a experiência narrada por um corpo que viveu e sentiu uma experiência e agora se dispõe a nos contar. Entrevistar é um exercício de alteridade e necessariamente um momento de interação. Como bem está descrito na frase de Fontana & Frey (1994 apud DUARTE, 2005) com que Jorge Duarte abre seu texto *Entrevista em Profundidade*: “Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar compreender nossa condição humana”.

A entrevista, no entanto, é quase sempre assimétrica, tendo em vista que há um sujeito entrevistando e outro entrevistado; um perguntando, o outro sendo perguntado; um falando e sendo escutado, o outro escutando e interrogando a partir do que ouviu. Tecnicamente, no jornalismo, é assim. Medina (1986) nos convida a olhar para a entrevista de outra forma: como um diálogo possível e, para ser diálogo, é preciso haver reciprocidade na fala e na escuta. Ela afirma: “Se quisermos aplacar a consciência profissional do jornalista, discuta-se a técnica da entrevista; se quisermos trabalhar pela comunicação humana, proponha-se o diálogo” (MEDINA, 1986, p. 5). Medina nos lembra que, na sociedade em que estamos, imperam a divisão, a grupalidade, a solidão, e que a entrevista só avançará em seu sentido humano no momento em que deixamos de reduzir a técnica da entrevista à esfera do desempenho.

Quando propomos a entrevista enquanto um diálogo, resgatamos nossa presença, essa que se ancora na nossa respiração consciente (aqui um lembrete para que você preste atenção na sua respiração nesse momento em que lê). Relembramos nossa capacidade de nos afetarmos mutuamente, sendo capazes de abrir caminhos para experimentar o que Medina chamou de humanização do processo interativo, que pode ser sentida e percebida quando “ambos – entrevistado e entrevistador – saem ‘alterados’ do encontro. Nesse momento, a técnica foi

ultrapassada pela ‘intimidade’ entre o EU e o TU” (MEDINA, 1986, p. 7). Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o diálogo possível. Para Morin (1973), o diálogo é uma práxis, portanto precisamos restaurá-lo enquanto prática humana. Encontrar o lugar do diálogo na entrevista ou fazer com que o momento de entrevista seja realmente um diálogo, porém, é nada simples. E me pergunto se no caso dessa pesquisa seria o ideal.

[...] haverá até a possibilidade de acontecer um ato culminante que se pode nomear como *interação social criadora*. Neste caso, tanto entrevistado como entrevistador são duas pessoas, simplesmente duas pessoas, que se auto-elucidam a respeito de coisas da vida e conceitos específicos, juízos de valor, ao mesmo tempo que se modificam entre si. Realmente, a força de tal encontro dialógico (que não é misticismo, é realidade possível²¹) ilumina o instante concreto, sacode a emoção e a razão, ambos saem perturbados e sem definir muito bem o que aconteceu. Só se sabe que aconteceu. (MEDINA, 1989, p. 31-32)

Mesmo que haja real e verdadeira intenção de, em uma entrevista, ambas as partes estarem lado a lado, partilhando um momento de troca – fala e escuta mútuas – sobre determinado tema, não estamos livres dos recortes sociais que nos diferenciam, que nos levaram a caminhar distintos percursos pela vida até chegar aqui-agora ao momento da entrevista, tornando a estrutura da relação entrevistador-entrevistado, portanto, necessariamente assimétrica. Justamente por isso meu questionamento se, no caso dessa pesquisa (e não fora dela), em que me coloco, me sinto e me compreendo em um lugar de escuta, o diálogo seria possível. Considerando tudo que já foi aqui resgatado nos capítulos anteriores acerca dos acontecimentos históricos e marcas que nos diferenciam (eu, pesquisadora; Geneci, Ana Paula, Nara e Batista, as entrevistadas e o entrevistado), considerando o regime de silêncio e apagamento das memórias e subjetividades que já foram impostos a tantos negros e negras, considerando que quem tem o conhecimento capaz de responder ao problema de pesquisa são elas e ele, e não eu, nesse caso prefiro acreditar na escuta possível, antes mesmo do diálogo possível, e acredito que ambos têm força suficiente para aproximar-se da *interação social criadora* (idem).

Em relação à escuta, Barthes (1982, p. 217) a divide em três tipos: no primeiro, “o ser vivo dirige sua audição (o exercício de sua faculdade fisiológica de escutar) para índices”, sons que possam indicar e evocar a imagem de outro acontecimento, e que em nada distinguem o

21. Não seria o misticismo uma realidade possível?

homem do animal – essa escuta Barthes classifica como um alerta; no segundo, a escuta é dirigida para signos, já buscando uma decifração – “aqui, sem dúvida, é a vez do homem”; e finalmente, a terceira “não visa – ou não espera – signos determinados, classificados: não aquilo que é dito, ou emitido, mas aquele que fala, aquele que emite: deve ser desenvolvida em um espaço intersubjetivo”. Essa última escuta “já não é concebível sem a intervenção do inconsciente”. Assim, a escuta na pesquisa se assemelha, de certa forma, à escuta psicanalítica, composta por uma intersubjetividade em que “um inconsciente fala ao outro que deve escutar” (BARTHES, 1982, p. 223).

Pierre Bourdieu (1993, p. 694) reflete que, mesmo a relação de pesquisa se distinguindo entre a maior parte das trocas da existência comum por ter como finalidade o mero conhecimento, “ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce diversos efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos”. Ele defende que todo tipo de distorção deve ser reconhecida e dominada na própria realização de uma prática – aqui, penso a prática da entrevista e, conseqüentemente, da escuta – “que pode ser refletida e metódica, sem ser a aplicação de um método ou a colocação em prática de uma reflexão teórica” (idem). Esse domínio ao qual Bourdieu se refere implicaria um controle a respeito dos efeitos da aplicação de um método. Quando tratamos da escuta, no entanto, e principalmente da escuta a partir da compreensão de sua dimensão intersubjetiva, não há controle possível sobre as respostas e imagens que brotam de nosso inconsciente diante da escuta – no momento em que tentamos conscientizá-las, provavelmente já aconteceram, já foram evocadas. Mesmo que haja o empenho em esvaziar-se de si para a escuta do outro, ainda estamos sujeitos, como seres humanos sensíveis e sociais que somos, tanto às implicações que advém de nossos marcadores sociais quanto às respostas imediatas de nosso inconsciente (também construído por esses marcadores sociais) afetado pela palavra ouvida. A busca aqui, portanto, é estar consciente acerca da presença do inconsciente no ato de escutar, e permitir o exercício do que Barthes considerou uma escuta livre.

As sociedades tradicionais conheciam dois espaços de escuta, ambos alienados: a escuta arrogante do superior, a escuta servil do subordinado (ou de seus substitutos); este paradigma é hoje contestado, é bem verdade que de uma maneira grosseira, e, talvez, inadequada: acredita-se que, para liberar a escuta, basta que o indivíduo tome a palavra, ele mesmo – quando, na verdade, **uma escuta livre é essencialmente aquela que circula, que permuta, que desagrega, por sua mobilidade, a malha estabelecida que era imposta à palavra**: já não é possível imaginar-se uma sociedade livre, aceitando de antemão nela preservar os antigos espaços de escuta: do crente, do discípulo, do paciente. (BARTHES, 1982, p. 228, grifo meu)

Seja durante o ato de escutar, seja na análise do material obtido através da escuta, sempre estamos sujeitos à produção de “efeitos possíveis” (BOURDIEU, 1993). O que Bourdieu traz a respeito dessa produção de efeitos possíveis sobre resultados obtidos é fundamental, aqui, para que possamos pensar a entrevista, a pesquisa, a ciência humana fora de um lugar inocente que considera a existência de uma verdade essencial, pura, em que a partir da aplicação de um método estaríamos livres de uma construção de sentidos.

O sonho positivista de uma perfeita inocência epistemológica oculta na verdade que a diferença não é entre a ciência que realiza uma construção e aquela que não o faz, mas entre aquela que o faz sem o saber e aquela que se esforça para conhecer e dominar o mais completamente possível seus atos, inevitáveis, de construção e os efeitos que eles produzem também inevitavelmente. (BOURDIEU, 1993, p. 694-695)

Bourdieu ressalta, também, que a apresentação da pesquisa e de sua finalidade ao/à entrevistado/a deve acontecer no sentido de reduzir as distâncias entre o que há na mente da pessoa pesquisadora e a forma como essa finalidade pode ser percebida e interpretada pela pessoa entrevistada. Essa maneira de o outro perceber, sentir e interpretar a finalidade da pesquisa, no entanto, vai depender de muitos fatores. Compreendo que o principal deles seja a existência da confiança da pessoa entrevistada na que está a entrevistar. No caso do Quilombo, antes de realizar as entrevistas para essa pesquisa, eu já frequentava o território há cerca de dois anos. A frequência de visita no território, as conversas que tive com diferentes pessoas da família (como Geneci, Ana Paula, pai de santo Jaime, Gerson, Nara) e a fluidez com que aconteceu minha aproximação permitiram o estabelecimento de uma relação de confiança entre nós. Participei de celebrações antes da pandemia, como o oito de março de 2020, em que reuniram boa parte da família e alguns apoiadores, e a visita do INCRA para início da elaboração do RTID²², que acabei cobrindo de forma colaborativa para o Sul 21. Durante a pandemia, no mesmo dia em que realizei algumas das entrevistas para essa pesquisa, também presenciei a vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan²³ no território.

22. Relatório Técnico de Identificação e Delimitação.

23. Coronavac/Butantan é uma das vacinas preventivas ao Coronavírus. A Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre priorizou os quilombos urbanos na ordem de vacinação do município. Geneci, na entrevista realizada para essa pesquisa, considerou a ação uma conquista, bem como uma pequena parte da reparação histórica que precisa ser feita no Brasil em relação ao que passaram os negros e negras no período da escravidão. Mais informações sobre a vacinação disponíveis em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2021/02/02/a-auto-organizacao-e-o-sus-salvaram-vidas-dentro-dos-quilombos-diz-lider-da-frente-quilombola-em-porto-alegre-sobre-a-covid-19.ghtml>>. Acesso em 24 de março de 2021.

Figura 4 – Quilombo Flores reúne a família para celebrar o dia da mulher em oito de março de 2020.



Fonte: a autora (2020).

Figura 5 – Visita do INCRA no Quilombo Flores para elaboração do RTID, em cinco de dezembro de 2019.²⁴



Fonte: a autora (2019).

24. O muro que se pode ver à direita foi aquele construído a mando da USBEE e do Colégio Marista Assunção. As pessoas sentadas são, respectivamente, da esquerda para a direita, Bethânia Dias Zanatta, antropóloga do INCRA, Vanessa Flores, também do INCRA, Lara Machado Bitencourt, geógrafa e pesquisadora do Núcleo de Estudos Geografia e Ambiente, Ângelo Marcelo Curcio, advogado da Frente Quilombola RS, Geneci de Lourdes Flores da Silva, liderança do Quilombo Flores e João Batista da Costa Vasconcellos, morador do Quilombo e irmão de Geneci.

Figura 6 – Vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan no território Quilombo dos Flores, 24 de fevereiro de 2021. Na foto, Gerson Luis Flores da Silva é vacinado.



Fonte: a autora (2021).

Por falar em confiança – Cremilda Medina atenta, no seu livro *Entrevista*, para o fato de que a entrevista se funda na palavra. Morin (1973 apud MEDINA, 1989, p. 11) define a palavra como “a mais duvidosa e a mais rica das fontes”, e diz que ela “corre o risco permanente de dissimulação ou da fabulação”. Entendo que nem todas as informações narradas pelas pessoas entrevistadas nessa pesquisa sejam passíveis de verificação, ou que exigiriam bastante tempo e energia de trabalho investidas para tal. Também por isso (somado aos fatores de que toda fala e escrita é uma interpretação e de que é impossível acessar uma verdade absoluta e essencial) a presente pesquisa não se pretende um fim em si mesma ou uma verdade completamente verificável, mas sim um meio para um breve resgate de parte da história oral preservada do Quilombo Flores através do reconhecimento da formação das subjetividades das pessoas entrevistadas a partir da dimensão do que Bosi (2004) chamou “espaço vivido”. Portanto, mesmo sabendo que a palavra é uma fonte duvidosa, no momento em que me debruço, enquanto entrevistadora, diante dos remanescentes de quilombola para os escutar, busco confiar

e estar presente para receber as memórias acionadas a partir daquela interação, daquele encontro, daquele despertar para o ato de lembrar.

“Qual versão de um fato é verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes dele. Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco de réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade.” (BOSI, 2003, p. 65)

Halbwachs (1956 apud BOSI, 1994, p.59) define o ato de lembrar como uma “justaposição de ‘quadros sociais’ e ‘imagens evocadas’”. Partindo das investigações de Durkheim a respeito das funções que as representações e ideias dos homens exercem no interior do seu coletivo e da sociedade, Halbwachs estudou os quadros sociais da memória e aferiu que mesmo a memória que se julgue mais individual possível, é sempre coletiva. Primeiro porque o que socializa a memória é a linguagem, e toda linguagem é recurso comunicativo entre seres, ou seja, é dotada de índices comuns que podem ser compreendidos e interpretados por mais de uma pessoa, já configurando um grau de coletividade. Em segundo lugar, porque o sujeito que lembra está inserido em uma série de instituições sociais nas quais estabelece relações. “A memória do indivíduo depende de seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de referência peculiares a esse indivíduo” (BOSI, 1994, p. 54).

Em resumo, assim como todo processo comunicacional, seja ele verbal ou não-verbal, produz algum tipo de memória, essa memória quando decodificada e relatada já é uma relação de interpretações condicionada por um contexto sociocultural específico. Halbwachs (2006, apud SOUSA, 2008) aponta que mesmo quando o indivíduo está só, “recorda tendo como referências estruturas simbólicas e culturais de um grupo social” (SOUSA, 2008, p. 2). Segundo Ortiz (1994), a lembrança só é possível em função da existência do grupo, e o esquecimento é decorrência de seu desmembramento. Ortiz ainda relaciona os conceitos de memória e território quando afirma que toda memória necessita de uma referência territorial.

Quando os negros africanos são trazidos para a América, a infraestrutura material de suas sociedades desaparece. Eles devem, portanto, reconstruir suas crenças, no contexto do mundo escravocrata. Os mecanismos da memória coletiva lhes permitem recuperar lembranças do esquecimento. Mas para isso é preciso que os grupos construam nichos no seio dos quais a lembrança possa sobreviver. Um novo território é redesenhado, no qual a identidade anterior é preservada. (ORTIZ, 1994, p.75)

Foram essas lembranças que Geneci começou a resgatar no ano de 2014, quando percebeu a semelhança entre a história de seu território e a história de outros quilombos urbanos. E são também algumas dessas lembranças que essa pesquisa pretende materializar através da metodologia da entrevista aberta em profundidade, definida por Jorge Duarte (2005, p.63) como “uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido”. O autor continua:

É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. São próximas no objetivo de buscar informações pessoais e diretas por meio de uma conversa orientada, no cuidado, rigor e objetivo de compreensão (sobre entrevista jornalística, ver Medina, 1995 e Talese, 2004) e na noção de que há, explicitamente, um participante interessado em apreender o que o outro tem para oferecer sobre o assunto. A entrevista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, os critérios de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. (DUARTE, 2005, p. 63)

Por ser aberta, permite maior liberdade tanto ao entrevistado ou entrevistada para discorrer sobre o assunto quanto ao pesquisador ou pesquisadora que não precisa estar preso(a) a um questionário base e pode focar toda a atenção no que está sendo dito, na riqueza de informações expostas no aqui-agora. Diferente de uma entrevista jornalística na qual muitas vezes o(a) jornalista vai a campo com pouco tempo e a intenção de obter uma informação específica para preencher uma expectativa condicionada pela pré-pauta ou pelo(a) editor(a), a entrevista aberta e com fins de pesquisa exige da pesquisadora a ausência de pressa e a disposição em se entregar à “aprendizagem por meio da identificação da riqueza e diversidade” (DUARTE, 2005, p. 62) e, mais tarde, “pela integração das informações e síntese das descobertas do que ao estabelecimento de conclusões precisas e definitivas” (DUARTE, 2005, p. 62). O próprio nome diz: aberta. É preciso estar aberto para realizar uma entrevista aberta, e é preciso encontrar uma pessoa aberta a oferecer seu universo em palavras, gestos e sons. Abertura essa que acontece, como já dito, mediante a construção de confiança.

Mesmo sem um questionário base ou uma pré-pauta, a entrevista aberta ainda precisa estar associada ao objetivo da pesquisa, normalmente colocado em forma de uma pergunta que, ao final do trabalho, deve ser respondida ou justificada no caso de não haver conclusões precisas. Segundo Guber (2001), o que diferencia a entrevista estruturada da entrevista aberta é que, na primeira, a pessoa entrevistada participa nos termos da entrevistadora (munida de um

questionário), e, na segunda, a entrevistadora participa nos termos da entrevistada (munida de informações). Nas palavras dela:

Nas entrevistas estruturadas, o pesquisador formula as perguntas e pede ao entrevistado que se subordine à sua concepção da entrevista, à sua dinâmica, ao seu questionário e às suas categorias. Nas entrevistas não dirigidas (*abertas*), em contrapartida, o entrevistador está atento às pistas que provê o informante, para descobrir, a partir delas, os acessos ao seu universo cultural. Essa abordagem é muito semelhante à transição de “participar nos termos do pesquisador” para “participar nos termos dos informantes”. (GUBER, 2001, p.75, tradução minha)

Se consideramos a identidade (ou o “universo cultural” ao qual Guber se refere) como essa herança de significados (SOUSA, 2008), a memória, aqui acessada através da entrevista, atua fundamentalmente no processo de formação identitária dos quilombolas. Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992 apud SOUSA, 2008).

A memória também se relaciona com a tradição, onde os símbolos valorizados perpetuam a experiência de gerações. A tradição “insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro” (GIDDENS, 1990, p. 38). Segundo Ortiz, a tradição é normalmente entendida como a transmissão de conteúdos culturais de uma geração para outra. Embora a tradição seja muito assimilada enquanto fixa, a cada nova geração, com alterações sistemáticas na forma de produzir, comunicar e experimentar o mundo, a tradição se atualiza conforme os mais novos compreendem e assumem as heranças culturais de seus ancestrais.

A conquista colonial causa desenraizamento e morte com a supressão das tradições. A dominação econômica de uma região sobre outra no interior de um país causa a mesma doença. Age como conquista colonial e militar ao mesmo tempo, destruindo raízes, tornando os nativos estrangeiros em sua própria terra. (BOSI, 2003, p. 176)

A memória ainda aparece como uma forma de preservação de costumes, embora seja praticamente impossível comprovar se os costumes de determinada cultura foram ou não modificados com o tempo. Bertone Sousa (2008) classifica a memória entre dois tipos: o primeiro, *mneme*, trata-se da lembrança involuntária, convocada por uma experiência presente de cheiros, lugares, pessoas que se associa a uma lembrança passada e possibilita que se recorde de determinada situação. O segundo, *anamnese*, refere-se a uma recuperação consciente do que ocorreu no passado. “Nesse caso, pode haver reelaboração, reflexão, julgamento e ressignificação as experiências vividas” (SOUSA, 2008, p. 3). Um relato acerca de uma

memória é sempre uma tentativa de representação de algo que ocorreu a partir do acionamento de outras representações que aparecem como lembranças dos sujeitos afetados por vivências, sendo necessariamente seletivas e limitadas tendo em vista que é quase impossível lembrarmos de todas as experiências e da multiplicidade de seus detalhes.

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos), e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro de memória importante para a sua identidade (ABREU, 2014 apud VIEIRA, 2017, p. 21-22).

É exatamente nesse lugar em que se situam as entrevistas que realizei com Ana Paula, Geneci, Nara e Batista, e que agora se eternizam nessa pesquisa. Durante a entrevista, ao mesmo tempo em que me debrucei diante do que estava sendo dito no momento, estive articulando (conscientemente ou não) com a teoria que dá suporte à pesquisa. São esses estudos teóricos, somados à sensibilidade construída, que fornecem condições e inspirações para que a pesquisadora chegue a campo com o olhar e a escuta de cientistas sociais ou, pelo menos, auxiliados e orientados por eles e elas, já que só o acúmulo de leituras e experiências refina a práxis.

4. AS ENTREVISTAS NO QUILOMBO FLORES

Em relação às entrevistas realizadas no Quilombo, obtive o suporte de todos os autores e autoras já mencionados aqui, como Geertz, Augé, Foster, Medina, Duarte, Bourdieu, entre outros, como Bosi, Halbwachs, Bergson. Sentia que já estava pronta para ir a campo após as leituras, e assim voltei a Porto Alegre²⁵ e ao Quilombo Flores durante a pandemia. Cheguei lá no dia 23 de fevereiro, uma terça-feira, quando entrevistei Geneci, e voltei no dia seguinte para continuar as entrevistas com a Ana Paula, a Nara e o Batista.

Entrei com meu rosto vestindo uma máscara em respeito às medidas de segurança impostas pelo coronavírus. Como só eu estava de máscara, tive uma sensação esquisita de

25. Saí de Porto Alegre em junho de 2020, quando fugi para a mata: fui morar com minha irmã em um sítio na zona rural de Santa Catarina. Ali ainda escrevi um pouco desse trabalho – que foi escrito em pelo menos cinco moradias diferentes pelas quais passei antes e durante o período de pandemia (duas em Porto Alegre/RS e três em Palhoça/SC). Agora, no primeiro semestre de 2021, estou ainda em Santa Catarina. Por isso “voltar” à Porto Alegre.

distanciamento, de uma leve barreira na intimidade, mas relevei e segui adiante. Em minhas mãos segurava um caderno, uma caneta, a câmera fotográfica e algumas mudas de boldo e pitanga. No bolso, o celular que serviu de gravador. Só. Na folha do caderno estavam algumas poucas anotações – o título do trabalho e a data, o objetivo da pesquisa, a pergunta geradora e algumas palavras-chave para retomar o foco caso a narrativa fugisse muito do objetivo da pesquisa: espaço, território, corpo, memória, lembrança. Fui recebida – como sempre sou – pela Geneci, com quem mantenho contato. Entreguei a ela as mudas que havia levado, ela me falou que estavam mesmo precisando de boldo para um parente que ficou mal do estômago, e mais tarde me entregou uma de arruda em troca. Conversamos brevemente sobre a vida e o momento de pandemia, pegamos algumas cadeiras e já fomos nos direcionando para os fundos, debaixo de uma árvore enorme que abraça parte do território com sua sombra. Uma árvore grande e anciã que guarda o Quilombo Flores há dezenas, talvez centenas de anos. Um espaço mais do que propício para contar histórias...

Antes de iniciarmos as entrevistas, informei o objetivo da pesquisa e também falei que todo material estaria, mais tarde, disponível no repositório virtual da Universidade – o LUME. Como todos eles já me conheciam, tudo fluiu de forma confiante e tranquila. Comecei pedindo para se identificarem com nome completo e idade, e logo já iniciei as perguntas. Escolhi começar com um questionamento que vai no cerne da identidade. Essa que está, como já vimos anteriormente, sempre marcada por relações sócio-históricas e espaço-temporais (HALL, 2006, 2016; CARLOS, 2007). Uma pergunta que todos nós já recebemos e provavelmente já ofertamos. “Quem é você?”. Perguntei, ainda, em terceira pessoa. “Quem é Geneci, quem é Ana Paula, quem é Nara e quem é Batista?”. O objetivo da pergunta era deixar florescer a narrativa deles mesmos a respeito de quem são, vir à tona a forma como cada um se enxerga a partir de suas subjetividades. Por entender o corpo como o primeiro território que ocupamos (CARLOS, 2007; BERGSON, 1990), a história inscrita nesse corpo é também a vivência em um território. Praticamente todas as respostas dadas acabavam naquele espaço – Quilombo Flores, localizado na Manduca Rodrigues, 285, bairro Glória, cidade de Porto Alegre. Além de uma infinidade de vivências, atravessamentos, sentimentos, pensamentos, sonhos, ações que compõem quem são, eles também são aquele território. E aquele território também é eles, cada um e cada uma que por ali passou e deixou sua marca.

As outras perguntas foram nascendo a partir do que cada pessoa entrevistada respondia – por exemplo, Geneci, no meio de sua fala respondendo à pergunta “quem é Geneci?”, diz o

seguinte: “eu quero deixar minha história registrada para eles (*seus filhos*) ter orgulho, para eles saberem de onde que eles vieram, e a luta que a gente vê que meus avós, tataravós tiveram pela minha mãe, né, eu tô tendo por eles”. E então perguntei “e de onde que eles vieram?”. Assim busquei conduzir, sempre que possível, as entrevistas – com o menor número de interrupções possível e, quando perguntava, a pergunta normalmente surgia a partir de algo que havia sido dito por elas e ele. Nem sempre foi assim, já que nem todos falaram muito – Ana Paula falou menos de vinte minutos, Geneci falou mais de uma hora, Nara e Batista regularam com cerca de 40 minutos de fala. Cada qual a seu modo, com seu jeito de ser, se aprofundou mais ou menos nas respostas, seguindo caminhos diferentes na narrativa e conseqüentemente indo para lugares distintos. Em algumas entrevistas, estimulei mais as respostas a partir de algumas perguntas, buscando tanto acender memórias das pessoas naquele espaço ali do quilombo, onde estávamos sentadas, quanto estimular outras memórias em relação ao próprio bairro, o entorno daquele lugar, que também surgiram. Nas entrevistas com Ana Paula e Batista, chegamos a nos levantar das cadeiras e caminhamos sobre o espaço para que eles pudessem mostrar os locais aos quais se referiam em algumas lembranças que trouxeram nas suas falas. Nesses momentos percebi algo ressaltado por Bosi (2003): a importância de a entrevista ter sido realizada no espaço sobre o qual estávamos nos propondo a resgatar memórias. Também pude notar o quão fundamental é o respeito ao silêncio nesses momentos de resgate das imagens das experiências vividas. Quando havia espaço para o silêncio, as entrevistadas olhavam ao redor, paravam, observavam e se permitiam acessar as memórias... “Ah, ali a gente sentava à noite no barranco para ver a lua cheia...”, conta a Nara.

A experiência da entrevista, em si, foi muito rica. Escutar o Batista, que a princípio não seria entrevistado, foi uma bela surpresa, e meu convite para que ele falasse foi uma escolha deduzida pela percepção. Nas outras entrevistas, notei que ele ficou perto. Primeiro escutou da janela e deu alguns palpites quando entrevistei a Nara, depois sentou ao nosso lado quando entrevistei sua filha, Ana Paula. Ele escutava, escutava e interrompia em alguns momentos para acrescentar ou corrigir informações. Senti que também queria falar, então o convidei para falar. Ele, que nunca tinha conversado direito comigo, naquele dia se abriu e contou muitas de suas histórias de vida ali, no Quilombo, no bairro, na cidade. Confesso que tinha receio em fazer uma entrevista com ele em função de sua dicção tão particular que marca o que acredito ser um dialeto africano no qual algumas palavras se emendam com outras, tornando difícil a compreensão para quem não está acostumado com aquela sonoridade. Ao escutar a entrevista

no momento de decupagem percebi que, realmente, não consegui entender várias palavras, mas o contexto delas acabou favorecendo a compreensão do que estava sendo dito de forma que essas ausências não foram fator decisivo para “perder” alguma informação importante. Essas informações incompreendidas, em todas as entrevistas (seja em função do vento que bateu no microfone ou de uma dificuldade minha em interpretar a dicção do entrevistado), assinala com a palavra *inaudível*.

Foi do Batista que senti o maior compromisso com a verdade – não que tenha sentido falsidade ou mentira em qualquer uma das outras entrevistadas, todas as falas narravam as verdades de suas vivências. Mas o Batista estava preocupado em passar as informações corretas. Queria corrigir aquelas que ele julgou distorcidas em algumas memórias da Nara em relação à disposição de um comércio do bairro (que não era realmente muito importante para a pesquisa, mas dali pude perceber sua preocupação com a veracidade do que estava sendo dito); quando questionei sobre seu pai, Adão – que é seu padrasto, mas ele considera um pai –, ter trabalhado para a família dos Azambuja, os primeiros proprietários do terreno em questão, algo que Geneci trouxe em sua fala, Batista disse que não lembrava nada sobre o trabalho de seu Adão para os Azambuja, que desde que foi para o Quilombo lembrava era de seu Adão como engraxate, pai e curandeiro... Batista foi fiel à sua lembrança para além do que as outras pessoas já haviam me contado em suas narrativas. Como afirmou Bosi (2003, p. 64), “os lapsos e as incertezas são o selo da autenticidade. Narrativas seguras e unilineares correm sempre o perigo de deslizar para o estereótipo”.

Mesmo depois da entrevista, diversas vezes Batista se aproximou de mim naquela tarde. Era dia de vacinação no Quilombo. Fiquei, enquanto acontecia a vacinação e a movimentação das pessoas, observando, fotografando, e saindo fora em alguns momentos para olhar as montanhas do bairro Glória que se pode ver ali do Quilombo. Quando estava só, em silêncio, a observar o morro, Batista percebeu e chegou para contar que ali eles subiam a pé, andavam por tudo. Enquanto falava, apontava para os caminhos por onde ele e seus amigos iam... Foi como se a experiência da entrevista se estendesse para além do momento da entrevista. Senti que aquela escuta atenta e interessada despertou nele o desejo de compartilhar mais, de trocar mais. E então trocamos, contei a ele que eu também subia o morro com meu primo já falecido para ver o pôr do sol (salve, Dudu), que eu hoje estava morando perto do mar e da mata. Enfim, trocamos. Apesar de já ter visto e cumprimentado ele em diversas outras oportunidades, foi naquele dia que conheci um pouco mais do Batista. E queria manifestar aqui minha gratidão

por sua abertura, pela confiança, pela possibilidade de escutar e trocar com esse ser maravilhado com a vida e consciente sobre a chegada da morte. Depois de já ter passado fome, hoje Batista é grato por ter casa, luz, água, comida e família. Tanto com ele, quanto com a Geneci, pude aprender um pouco mais sobre o sentimento de gratidão.

4.1 CATEGORIAS DE PERTENCIMENTO AO TERRITÓRIO PRESENTES NAS MEMÓRIAS ACIONADAS PELA ENTREVISTA

Respondendo ao objetivo específico de identificar, nos depoimentos, categorias de pertencimento ao espaço habitado, tracei alguns pontos que se repetem nas diferentes entrevistas. As categorias listadas a seguir não são as únicas que aparecem nas falas, elas foram traçadas no sentido de organizar mensagens que respondem ao objetivo específico em questão. O conteúdo na íntegra das entrevistas, sem necessariamente ser atravessado por algum tipo de categorização, contém em si uma diversidade de sentimentos e ações que os fazem pertencer àquele espaço. Considero que as falas por si só já evidenciam esses sentimentos e dispensam qualquer tipo de análise externa, mas como se trata de uma pesquisa, me coloco aqui agora no lugar de articular a teoria estudada com o conteúdo das falas dos entrevistados. Percebe-se que alguns trechos destacados tocam duas ou mais categorias. Diante disso, busquei inserir essas falas apenas em uma categoria, aquela que considere de maior realce no trecho em questão.

A análise a respeito do conteúdo das falas é breve, permitindo que o destaque seja a própria fala de Geneci, Nara, Batista e Ana Paula durante o processo de entrevista. Nos trechos que se encontram em recuo, destaco algumas frases em negrito de falas que retomo (ou não) logo em seguida no momento de análise. A partir desse capítulo, todas as inserções que aparecem entre parênteses nas falas em recuo são grifos e sinalizações minhas.

Os relatos estão distribuídos entre cada respectiva categoria de pertencimento ao território. São elas:

- a) Ancestralidade: memórias de pai e mãe;
- b) Infância em natureza: brincadeiras no verde da mata;
- c) Bairro que cresce: a pequena cidade na cidade;
- d) Destruição, conflitos e solidariedade: do incêndio no território ao conflito com os Maristas;
- e) Ser quilombola: o resgate da história pela autoidentificação.

4.2 ANCESTRALIDADE: MEMÓRIAS DE PAI E MÃE

Na religião Iorubá e nas afrodescendentes da diáspora, principalmente nos candomblés de nação Queto de origem étnica Iorubá, a vida não se finda com a morte. *Àtúnwá* (reencarnação) e/ou *Atumbi* (renascer) é o processo divino de continuidade da vida que significa a ancestralidade.²⁶ A ancestralidade nos remete a toda uma herança cultural e genética, de memórias inclusive celulares que carregamos enquanto seres humanos que, só para estarmos aqui agora, dependemos do trabalho de muitos e muitas avós. Quando o povo africano reconhece os idosos como bibliotecas, tradicionalmente honra e respeita muito os mais velhos. Na árvore genealógica da família Flores, Geneci, Nara e Batista saíram do mesmo ventre – o de Dona Rosa. Já seu Adão, apesar de geneticamente não ser pai de Nara e Batista, é considerado e chamado por todos eles de pai. Para resgatar alguns legados, perguntei a eles suas memórias das relações com pai e mãe – e a ancestralidade está presente em praticamente todas as suas respostas, para além das perguntas sobre pai e mãe, algo que ficará evidente a seguir. Há também, nas falas, para além das relações vividas com seus ancestrais, uma consciência a respeito das heranças de dor e acolhimento deixadas por seus bisavós e tataravós escravizados.

Eu acho que são coisas que já vem dessa ancestralidade, o povo preto, o povo escravo sempre foi um povo acolhedor né, então isso daí já tá no sangue, né, já tá no sangue, na verdade. Se tu for na periferia lá, tu vê a dificuldade das pessoas, as pessoas dividindo o pouco que tem com outras, já é um, já vem já, isso daí é coisa que já vem já. Já vem porque o preto quando era escravo um dependia do outro, um precisava do outro entendeu. Um lutava pelo outro. Então são coisas que já vem, já é da ancestralidade, já é sua história, já é sua resistência, entendeu. Porque sabiam, né, o que um sofria o outro sofria também. Então o que um aguentava, né, ele ia matar o outro, então são as coisas... se um morria de fome o outro também ia morrer. Então se um tinha um pouco d'água, um dava um pouco d'água pro outro, né, porque sabiam que um passava fome, o outro também passava, então o que tinha de pão... Tudo dividido então. Isso daí é da ancestralidade, entendeu. Já vem, já. Já vem da luta, né, do sofrimento (informação verbal).²⁷

Nos próximos subcapítulos, recuperamos um pouco da história de Rosa e Adão e percebemos como elas estão intimamente e fisicamente relacionadas com as escolhas de vida de cada um de seus filhos e neta, escolhas que os fazem pertencer ao Quilombo Flores.

26. Disponível em: <<https://educalingo.com/pt/dic-pt/ancestralidade>> Acesso em 19 de abril de 2021.

27. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

4.2.1 Dona Rosa – a matriarca que virou estrela alguns dias depois da realização dessas entrevistas

No dia 24 de fevereiro de 2021, quarta-feira, dia de vacinação no quilombo, também foi o último dia em que vi dona Rosa. Estava quietinha, sentada na sua cadeira perto da casa de madeira que fica no centro do terreno (ver figura 7). Aproximei-me dela e do pai de santo Jaime, que estava sentado ao seu lado conversando, trocando ideias e lembranças. Dona Rosa parecia tranquila, em seus 75 anos, com o corpo e o espírito já cansados; observadora e tranquila. No dia 19 de março, pouco menos de um mês depois, Dona Rosa faleceu vítima do coronavírus. A morte de Rosa foi recebida com muita dor, principalmente por Geneci que cuidava bastante da mãe no fim de sua vida em que ela já estava com o estado de saúde agravado pela forma como os homens contratados pelos Maristas chegaram para se apropriar do terreno e construir o muro.

E a mãe adoeceu quando aconteceu esse negócio aqui que os Marista vieram aí e fizeram o muro, e essas *coisarada* toda, ela adoeceu totalmente. Aí ela teve que parar de trabalhar, depois teve que se aposentar, ela ficou na cama, ela não, ela ficou... Praticamente, a gente fazia tudo. Ela comia na boca, tinha que dar comida na boca, tinha que botar fralda nela. Ela se abalou tanto que ela se largou, ela não queria viver. Essa preocupação dela era mais isso, que ela queria sempre ver os filho aqui né. E na cabeça dela, ela ia ter que ir pra rua com os filhos. Por isso que ela se deprimiu. E aí agora que ela tá se ajeitando, mas não tá muito bem ainda. Tem vezes que ela tá bem deprimida. Tem dia que ela sonha... A única coisa ruim que eles fizeram foi isso, foi deixar ela desse jeito. Não voltou ao normal mais. Era uma pessoa que trabalhava, era uma pessoa que fazia tudo, não dependia de ninguém, né, agora ela depende de todo mundo. Pra cuidar, pra dar banho, pode ver. É isso que eu me lembro... (informação verbal).²⁸

28. VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

Figura 7 – Dia de vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan no território Quilombo dos Flores, 24 de fevereiro de 2021.²⁹



Fonte: a autora (2021).

29. A data da visita foi pouco menos de um mês antes do falecimento de Dona Rosa. Ela é a senhora sentada ao centro, sem máscara. À esquerda dela (direita na foto) está Ana Paula, sua neta e uma das entrevistadas nesta pesquisa.

Figura 8 – O pai de santo Jaime e Dona Rosa no dia de vacinação da segunda dose da Coronavac/Butantan no território Quilombo dos Flores, 24 de fevereiro de 2021.



Fonte: a autora (2021).

Seus filhos Batista, Geneci e Nara respondem quais eram as lembranças que tinham da mãe que trabalhou praticamente a vida toda com serviços gerais no posto de saúde do bairro Glória, casou duas vezes, criou oito filhos, frequentou terreiro, frequentou igreja, e viveu grande parte da sua vida no Quilombo Flores.

Minha mãe nunca fez trabalho social, mas minha mãe se tinha uma pessoa precisando de alguma coisa que ela tinha um quilo de arroz, ela dividia meio pacote de arroz praquela pessoa pra ficar com meio. Então ela nunca se envolveu com trabalho social assim fora aqui do Quilombo, mas esse tipo de coisa que ela via lá no postinho que tinha uma mulher triste, sem roupa, sem isso, aquilo, o que ela pudesse largar o serviço dela e vim aqui, pegar uma roupa dela pra levar pra uma pessoa que tava no postinho, ela fazia isso. Se ela tivesse que pedir, pedia fiado no barzinho lá, ah me vende tanto pra mim aí, e a pessoa vendia porque sabia que ela era (*inaudível*) dava pra ela, pra ela dar pra outra pessoa, entendeu (informação verbal).³⁰

30. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

Essa ancestralidade traz consigo e passa adiante valores éticos e morais presentes nas memórias acionadas tanto em relação à educação que Geneci, Nara e Batista receberam dos pais, quanto da simples forma de eles agirem e estarem no mundo, expressa na lembrança de Geneci sobre a conduta de Dona Rosa destacada no trecho acima. O fato de Dona Rosa manifestar sua empatia com aqueles e aquelas que passavam alguma dificuldade parece ter sido fator disparador para o desejo de Geneci se envolver com os projetos de mobilização dos quais, hoje, faz parte – o Geração Tigres, que oferece treinos de futebol, reuniões e festas a crianças em situação de vulnerabilidade social, e a própria militância enquanto liderança do Quilombo Flores. Podemos considerar esses valores parte de uma tradição, que Ortiz (1994) descreve como a passagem de conteúdos culturais de uma geração para outra. Giddens (1990) ainda nos lembra que a tradição é capaz de inserir experiências particulares em um contínuo de passado, presente e futuro.

Para Geneci, a mãe é lembrada por seu coração solidário. Já nas lembranças da infância de Nara, dona Rosa aparece como uma mulher trabalhadora, que passava a maior parte do tempo fora de casa, e, quando chegava, reunia a família para conversar.

Minha mãe trabalhou quase a vida toda no posto de saúde né. Então quando ela chegava assim era só de tardezinha. Lembro dela chegando do serviço. E quando a gente sentava na área pra conversar, todo mundo junto, sabe? À noite. Tinha uma época que a gente não tinha luz aqui, era luz de vela, o candeeiro mesmo né? E a gente sentava na área todo mundo junto, no fim da tarde sentava pra contar história, pra conversar, tomava um banho de ervas também. A gente fazia aqueles banho de... banho de descarrego, como dizem, né? A gente aprendia a fazer em casa, as ervas pra defumar a casa. Era mais ou menos isso (informação verbal).³¹

Halbwachs aponta que as pessoas lembram do que consideram importante para seu grupo social. Em um contexto em que o discurso desenvolvimentista do progresso altera substancialmente a forma como enxergamos e construímos a história, já buscamos mais a transformação do mundo do que os conselhos do passado (SOUSA, 2008). A lembrança de Nara em relação à simplicidade de um momento de troca em família mostra, de uma forma sutil, o que a marcou positivamente em um lugar íntimo. São os acontecimentos simples que, com o tempo, podem transformar-se em um profundo sentimento pelo lugar (TUAN, 1930).

O banho e a queima de ervas, rituais tradicionais de religiões afro-brasileiras como a Umbanda, o Candomblé, a Jurema, a Quimbanda, entre outras, são lembrados como uma

31. VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

manifestação do vínculo com a ancestralidade africana, que hoje no Quilombo Flores é preservado por Gerson, irmão de Geneci. Parte de pertencer ao território naquela época era esse contato com as ervas medicinais e limpezas realizadas por seu Adão. No Quilombo, ele plantava e cultivava suas ervas medicinais e também recebia pessoas de diversas localidades para realizar trabalhos de limpeza energética.

Outro fato marcante sobre Rosa que se repete nas entrevistas é o fato de ela ser analfabeta, algo que preocupava a família. Segundo Geneci, Adão tinha receio de que alguém fosse tentar “passar a perna” na família, “tirar vantagem” diante de seu analfabetismo. Como eles não tinham a posse oficial do terreno, somente o pedido de usucapião aberto na década de 80, Adão, antes de morrer, pediu a Rosa que não assinasse nenhum documento caso alguém chegasse solicitando sua assinatura.

Com três anos (Geneci tinha três anos), (Adão) faleceu na noite de ano novo, com um ataque cardíaco, morreu em casa. Mas nesse meio tempo ele sentiu que não ia longe, pra os Azambuja não retirar minha mãe daqui, porque minha mãe é analfabeta né, ele pegou e pediu pra irmã dele pegar nossa guarda meu e do meu irmão, pra poder tentar continuar a ação do usucapião, que era uma ação que ele já tinha entrado, de usucapião. A posse né. [...] Daí ela ficou um bom tempo, mas a prima dele que se dava com minha mãe começou a botar pilha dizendo que ela queria o terreno pra vender, né, ia passar a perna nela, ia deixar a gente na rua, ia fazer trato com os Azambuja. E minha mãe entrou e pediu nossa guarda de volta. Como ela pediu nossa Guarda de volta, a minha tia não podia mexer com a ação de usucapião. Minha tia só podia mexer com a ação de usucapião enquanto estivesse com a nossa guarda né. Que é uma coisa pra cá pra gente né. Daí minha mãe nunca mais mexeu, uma ação de usucapião, né, então na verdade já era 20 anos que (*inaudível*) morava aqui, mas eu tô com 42, já são 60 anos de território (informação verbal).³²

Adão fez sua passagem há 39 anos, Rosa fez sua passagem há pouco mais de um mês... E hoje Geneci, Gerson, Nara e Batista tentam dar continuidade a esse pedido de usucapião, buscam provar para a justiça que eles são merecedores daquele território onde construíram e seguem construindo a história da família.

32. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

4.2.2 Seu Adão – pai, curandeiro e engraxate

Assim Adão é lembrado pelos filhos: um bom pai, curandeiro, plantador, batuqueiro (de Umbanda), engraxate, trabalhador. Baixinho e gordinho, como diz Batista, Adão tinha uma deficiência em uma das pernas que puxava para caminhar. Nara e Batista, os mais velhos, têm maiores lembranças do pai que faleceu quando Geneci tinha três anos e que Ana Paula nem chegou a conhecer. A história narrada por Geneci, portanto, vem do acúmulo da oralidade, do resgate do passado que ela mesma iniciou na comunidade para, segundo ela mesma, “poder passar aos seus filhos de onde eles vieram”. Quando a questioneei de onde eles vinham, ela resumiu boa parte da história do Quilombo. A resposta foi mais longa, com algumas interrupções minhas para confirmar ou verificar informações recém ditas. Escolhi colocar essa resposta maior aqui na íntegra, com todos os detalhes, considerando sua importância nesse resgate da memória do Quilombo que nos propomos aqui, nessa pesquisa, a realizar. A letra “G” refere-se à Geneci (entrevistada), a letra “L” refere-se a Luiza (entrevistadora).

G: Bom, a minha mãe vem do Quilombo dos Alpes, meu pai vem de Bom Retiro do Sul, meu pai era curandeiro né, se instalou nas bacias ali da cidade baixa. Primeira moradia dele, junto dos quilombos que tinham entre ali, que **são um povo acolhedor, são povos que abrem as portas pros nossos irmãos que precisam. Que jamais vira as costas pros nossos irmãos quando precisam.** Primeiro casamento dele, **conheceu a primeira mulher ali mesmo, na cidade baixa, que ela ia nos terreiros lá, ela gostava de acompanhar lá os terreiros, as lutas, a capoeira, tudo que a nossa cultura oferece.** Conheceu ele lá, trouxe ele pra cá porque ela já tava no bairro Glória, no 285, que ela já morava aqui porque ela trabalhava pros sinhozinhos, né, em troca de serviço eles deram moradia, que na época era assim. E aqui ele começou a fazer serviço pro patrão da mulher dele atual.

L: Que era a Dona Diva.

G: Era a dona Diva. Ela já tinha uma filha quando ele conheceu ela, só que não era registrada, e ele adotou a guria, registrou ela, morou um bom tempo aqui com eles, com ela né, construiu uma nova família aqui com ela, e, em troca da moradia, também fazia serviço pra casa do patrão dela.

L: Dos Azambuja.

G: Dos Azambuja. Tempo se passou, ele se espalhou porque ele era engraxate e ele gostava de engraxar na praça XV, a raiz dele ali do centro, pessoal que ele conhecia, apesar de ele ter vindo da cidade baixa ali onde tinha quilombo, ficou ali porque **quando ele saiu de Bom Retiro do Sul foi o primeiro lugar que acolheu ele, né. Então ele teve, ele sentiu que ali tava firme, ele sentiu que lá tinha irmãos de cor, irmãos de luta, então ele não largou o centro assim.** Foi trabalhar na cidade baixa, engraxar sapato na praça XV, trabalhou anos e anos lá e no meio tempo ele trabalhava pros Azambuja aqui.

Dona Diva faleceu e ele continuou a mesma rotina dele, **tocava na casa de Umbanda da Gruta ali, né, viveu a vida dele, trabalhava de engraxate, se virava como ele podia né, como todo povo brasileiro se vira de uma maneira ou outra. E ali ele conheceu minha mãe, que minha mãe frequentava o terreiro, que minha mãe era amiga da prima dele.**

Minha mãe veio do Quilombo dos Alpes, frequentava a casa, ele batia tambor ali né, fazia as ervas dele, que ele dava banho de erva.

L: Aonde, no Alpes?

G: não, a minha mãe morava no Alpes. Ele morava aqui mesmo, na Manduca Rodrigues 283. A casa que eles frequentavam é ali na gruta ali, bem ali na gruta, ali na Oscar Pereira, sabe? A minha mãe se dava com a prima dele e convidou ela “vamo lá na casa lá, que tem meu primo lá”, que minha mãe também frequentava os terreiros né. Daí ela começou a frequentar lá e gostou da casa. Foi ali que ela conheceu seu Adão, meu pai, né. Como ele era solteiro, era viúvo, né, ele gostou dela, se gostaram, resolveram criar uma nova família, né. E, nessa nova família, minha mãe já tinha já cinco filhos né, como ele pegou já da dona Diva, ele resolveu assumir também os outros cinco filhos do meu pai, do meu pai não, da minha mãe né. Então mandou ela vir morar com ele aqui na Manduca Rodrigues 285. Daí ela desceu lá do Quilombo do Alpes, trouxe os filhos dela, e ele ajudou ela a criar os filhos.

Nesse meio tempo aí moraram um bom tempo aqui, teve o meu irmão Gerson Luis Flores da Silva, e eu que somos os únicos filhos dele mesmo né, mesma mãe. Daí quando eu tinha três anos e o Gerson pra quatro, **ele tinha uma doença na perna né, mesmo tendo a doença ele não deixava de trabalhar, não deixava de trazer o pão de cada dia pra casa porque ele sabia que tinha as boquinha pra sustentar, que ele tinha assumido.** Minha mãe trabalhava no posto de saúde Glória, né, onde se aposentou, trabalhou 40 anos lá de faxineira, não, a gente fala que é serviços gerais, né. E nesse meio tempo os dois trabalhavam dum lado, ela do outro. Ele trabalhando pros Azambuja e nos engraxate dele. O que aconteceu. Ele viu que os Azambuja meteram pressão porque, como a Dona Diva tinha falecido, eles pediram de volta o Quilombo, meu pai se negou, dizendo que ele trabalhou de graça, que foi uma troca né, que ele só veio aqui pra registrar nossa origem, que isso aqui era um Quilombo, que meu pai como era curandeiro ele tinha visões, ele enxergava as coisas, então ele sentiu que aqui era o chão dele, que de repente já teve coisas já que aconteceram aqui, então de repente ele só veio através, ele só, Deus, os santos, Oxalá, só trouxeram ele pro lugar de repente que ele já tinha passado né (informação verbal, grifos meus).³³

Estão destacadas, em negrito, algumas informações que manifestam o sentimento de pertencimento ao espaço, seja ao Quilombo em si, seja aos demais espaços que Adão, Diva e Rosa frequentavam. Como o fato de, segundo Geneci, Adão sempre voltar à praça XV onde **“ele sentiu que ali tava firme, ele sentiu que lá tinha irmãos de cor, irmãos de luta, então ele não largou o centro assim”**³⁴. A autoidentificação com seus companheiros, seus irmãos de cor, como diz Geneci, é, portanto, um dos fatores que o fazem sentir pertencente ali. Essa identificação também passa pelo sentimento de acolhimento, considerando que Adão tinha recém vindo sozinho do interior para a capital.

Logo adiante, Geneci comenta que a primeira mulher de seu pai, Diva, **“ia nos terreiros lá, ela gostava de acompanhar lá os terreiros, as lutas, a capoeira, tudo que a nossa cultura**

33. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

34. Op. cit.

oferece”. Essa fala também traz à tona os atos culturais mais evidentes e tradicionais da cultura africana que a faziam se sentir parte – os encontros tinham também a finalidade de realizar trabalhos espirituais. Adão encontrou e foi encontrado por suas duas esposas, Diva e Rosa, em casas de Umbanda. Isso também nos mostra que as raízes do Quilombo Flores estão intimamente ligadas às casas de religião afro. Foi a partir desses encontros nos terreiros que nasceram os filhos, os filhos dos filhos, os filhos dos filhos dos filhos, que hoje dão continuidade a essa história.

Outros trechos ainda apontam o pertencimento em relação à classe trabalhadora, a **“todo povo brasileiro que se vira de uma maneira ou outra”**, ao povo que depende da venda de sua força de trabalho para garantir a subsistência e sobrevivência própria e de sua família nuclear. “[...] **ele (Adão) tinha uma doença na perna né, mesmo tendo a doença ele não deixava de trabalhar, não deixava de trazer o pão de cada dia pra casa porque ele sabia que tinha as boquinha pra sustentar, que ele tinha assumido**”. Essa sensação de pertencimento em relação ao lugar de povo trabalhador também aparece em algumas falas do Batista. Enquanto, na infância, as lembranças de pertencimento compartilhadas vêm de brincadeiras em contato com a natureza, na vida adulta o pertencimento aparece não só nas raízes culturais brasileiras, mas também bastante atrelado às ações e sentimentos de cuidado uns com os outros e umas com as outras, e a esse lugar de trabalhadores.

O Adão era muito gente boa. Bah, eu não tenho uma queixa dele, todo mundo gostava dele. Era baixinho, gordinho, trabalhador. **Saia às 7h30, oito horas, nove horas da noite ele chegava cansado** coitadinho, uma pena. (*inaudível*) Fazia pra dar pra nós. **Ele não tinha necessidade por nós nenhuma né, pegou e assumiu. Como eu também fiz.** Assumiu dois. **O que ele fez, eu fiz. Ele fez pra mim, eu fiz pra outros.** Entendeu como é que é. Moram aqui os dois. A mãe deles foi morar lá em cima lá, eles não vão. É mais difícil lá. Casaram agora. Quando peguei um deles tinha um ano, a guria tinha dois (informação verbal, grifo meu).³⁵

Batista traz à tona, nessa lembrança, o lugar de classe trabalhadora em seu referencial de pai que passa o dia fora para garantir comida aos filhos que assumiu da esposa; o sentimento de continuidade no momento em que ele mesmo, Batista, se enxerga praticamente no mesmo lugar do pai (**“O que ele fez, eu fiz. Ele fez pra mim, eu fiz pra outros”**), quando assume a criação dos filhos de sua companheira. A lembrança aqui acionada evidencia a importância da memória na formação identitária tanto individual quanto do grupo (sabendo que o grupo é feito

35. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

de vários indivíduos). Bertone de Sousa (2008, p. 9) nos traz a percepção de que olhar e estudar as identidades compartilhadas pelos indivíduos é “esquadrinhar o universo de significados que norteiam sua existência enquanto grupo social, instituição, comunidade, etnia, enfim, enquanto agentes da memória”. A lembrança do pai trabalhador, cuidador, plantador e curandeiro aparece também na fala de Nara.

N: Meu pai, era praticamente meu pai né, porque eu vim pra cá pequena, ele praticamente me criou... Ah, me u pai era uma pessoa especial. Não tem nem o que falar dele, né. Ele trabalhava também, ele tinha uma (*inaudível, vento*) na perna. **Era engraxate, né, ele ia trabalhar, quando chegava que minha mãe não tava em casa, ele que ajudava a cuidar de nós, então era uma pessoa fora do sério, maravilhosa.** E, isso. Cuidava bem daqui também. **Plantava todas as ervas que ele usava, ele plantava tudo aqui.**

L: Quais ervas tu lembra que ele tinha?

N: Ah ele tinha arruda, comigo ninguém pode, orô, que agora é muito difícil tu ver orô, espada de são Jorge, aquele dinheirinho penca... dinheirinho penca, comigo ninguém pode... manjerição, alecrim. Esse tipo de erva que ele plantava, porque tudo a gente fazia banho.

L: Sim.

N: Até com a folha do abacate consegue fazer banho. (*inaudível*)

L: E vocês plantavam também? Acompanhavam ele?

N: Siiim. Em tudo. **A gente ajudava ele em tudo né. Ele levava nós pra ajudar... ele ensinava as coisas pra nós. Pra cuidar, preservar as árvores ali também... Tudo foi ele que plantou. E aí a mesma coisa, ele ensinava nós a cuidar, a ter amor pelas coisas né, pelas plantas, pelas árvores.** Nós temos até um pé de canela, acho que ele plantou bem pequenininho. Esses dias disseram “ah vou arrancar esse pé de canela” e eu fiquei com pena, “não arranca o pé de canela”, (*inaudível, vento*) com a casca tu seca né, é canela. É chá, tu faz doce, tudo, né? Gostava tanto do... E aí. Isso. E **eu lembro mais dele com nossas conversas, quando a gente tinha nossas conversas fim do dia que a gente sentava pra conversar, pra plantar as coisas, pra colher, pra fazer o banho, ele ensinou nós a fazer os banhos também.** (*inaudível, vento*). E criava os bicho né, galinha, porco. **Aí depois que ele faleceu praticamente terminou tudo** (informação verbal, grifos meus).³⁶

Perguntei sobre a relação com o plantio e as ervas por reconhecer que, na cidade de Porto Alegre, em um cenário demasiado urbano, esse contato com o plantio de ervas, flores, árvores é mais raro – uma tradição de contato com a natureza que marca a história dos povos tradicionais e às vezes se perde no tsunami de concreto. Hoje, no Quilombo, eles seguem plantando, aumentando suas hortas, em um movimento de continuidade aos ensinamentos de Adão – “**ele ensinava nós a cuidar, a ter amor pelas coisas né, pelas plantas, pelas árvores**”.

36. VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

Além de uma relação espiritual do cultivo das ervas tradicionalmente utilizadas em rituais afro-brasileiros para banhos de descarrego energético, esse contato com a natureza através do plantio é também um contato com a vida enquanto produção de mais vida, como nos lembrou recentemente Ailton Krenak (2021) em uma aula de “Práticas indígenas de produção de cuidado”.³⁷ É um relacionar-se que ensina, como diz a Nara, a praticar o amor.

4.3 INFÂNCIA EM NATUREZA: BRINCADEIRAS NO VERDE DA MATA

Alguns anos atrás, quando Geneci, Batista e Nara eram crianças, a infância no Quilombo era vivida na natureza. O Caveirinha, campo de futebol onde se reuniam para jogar, brincar de pega-pega e esconde-esconde, subir em árvores para colher frutas, hoje virou um estacionamento: as árvores foram todas derrubadas. O arroio Taquara, ao qual se tem acesso pelos fundos do quilombo, onde as crianças brincavam de cipó – se penduravam no cipó e balançavam de um lado para o outro do arroio –, hoje está poluído, cheio de lixo jogado, e não é mais frequentado. As crianças de hoje no Quilombo ficam, como quase todas as crianças que estão crescendo nessa geração, bastante tempo atrás das telas de led, jogando jogos no celular ou no computador. As memórias registradas aqui nesse capítulo são, portanto, uma forma de manter vivos os espaços onde costumava circular a vida, as crianças correndo, as risadas altas, os jogos e brincadeiras. No trecho a seguir, Geneci relembra a surpresa e a alegria das outras crianças da rua, que ela recorda como “as crianças brancas”, com as formas de brincar dos pequenos quilombolas.

G: [...] os vizinhos brancos, né, os meus amigos também que eram branco né, como eu tinha te falado, tinha bastante, ahn, gente branca aqui na rua, depois que as pessoa preta foram embora, foram mandado pra outro lugar bem longe, bem distante, os vizinho viam (*inaudível*) a gente pra chamar aqui, pra brincar, e **ficavam surpreendidos com o cipó, ficavam surpreendidos com nossas brincadeiras né, brincadeira de bolita, que é o cipó no riacho cascata, ficavam surpreendido com a brincadeira do tabuco. Que a gente pegava taquara, botava bolinha e fazia uns tabuquinho. Então eles ficavam surpreendido com esse tipo de brincadeira.**

[...] Então isso aí pra mim é gratificante, porque as pessoas aceitavam a gente. As crianças, que não tinham maldade, da minha idade, não tinha essa visão maldosa, não se importavam

37. Essa aula foi facilitada pelo Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicologia Comunitária e da Saúde (NUCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e integrou o curso de Extensão Saberes Ancestrais e Práticas de Cura. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FEnc2arDpJg&t=5697s>> Acesso em 13 de abril de 2021.

com quem a gente era entendeu. O meu medo não era pelas crianças, meu medo (era) pelos adultos, o que os adultos pensavam.

[...] **Pra eles era diferente a nossa brincadeira, entendeu. Porque a gente não tinha brinquedo, a gente não tinha boneca, a gente não tinha videogame, a gente não tinha skate, a gente não tinha nada disso que eles tiveram entendeu. Era brincadeira simples, mas eram brincadeiras gostosas, sadias.** Como te falei, esse tabuco, as latas aquelas, a gente pegava as latas de Nescau, botava cordinha, fazia corrida com a lata de Nescau, entendeu. Bolinha de sabão, que a gente pegava as folhinha de bananeira ali, pegava a bolinha. Enquanto eles tavam pegando canudo, bababá, a gente não, a gente pegava na natureza. Então pra eles também, eles gostavam de brincar aqui por causa disso, era tudo original (informação verbal, grifos meus).³⁸

No trecho acima, Geneci traz à tona a diferença sentida e vivida por sua geração de crianças negras da Rua Manduca Rodrigues, no bairro Glória, no final da década de 70 e início de 80. Diferença expressa principalmente na cor da pele e no tipo de brincadeiras realizadas de acordo com os acessos que se tinha (ou não) a brinquedos – expresso na criatividade dos pequenos ao inventar, cocriar formas de brincar junto da natureza. **“Bolinha de sabão, que a gente pegava as folhinha de bananeira ali, pegava a bolinha. Enquanto eles tavam pegando canudo, bababá, a gente não, a gente pegava na natureza”**. Para Carlos (2007), os lugares podem ser analisados “enquanto espaço material onde se inscrevem os atos de gerações e onde o processo de apropriação aparece como condição necessária à vida que se realiza no e através do uso”. Aqui notamos que o espaço foi bem apropriado por essas gerações. Ana Paula, que é mais nova das entrevistadas, nascida nos anos 90, integrou a última geração de crianças que ainda conheceu o arroio limpo e o Caveirinha antes de virar um estacionamento.

A: [...] Ali onde eles cortaram o muro, pra lá, o que eu vivi lá brincando com meus irmão, meus primo, **meus filho já não curtiram**. O arroio ali embaixo onde a gente tomava banho, andava de cipó e **coisa meus filho já não curtiram**, fico triste por isso né. **A nossa infância aqui era boa. Depois, né, vieram aí, derrubaram tudo, e os filhos da gente não curtiram nada que a gente curtiu**. Não é fácil.

L: Vocês tomavam banho no arroio Taquara ali?

A: Nós tomava, ali embaixo. Eu, meus irmãos e meu primo. E nós brincava ali, no Caveirinha que eles chamavam ali, o pai jogava bola, nós jogava bola, depois destruíram tudo. (informação verbal, grifo meu).³⁹

38. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

39. VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento. **Entrevista III**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (21 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo D desta monografia.

Durante a entrevista, percebi a tristeza dela como quem viveu na pele a primeira situação de conflito com os Maristas. Tristeza que se estende para o reconhecimento de que amou sua infância no Quilombo, mas que esse mesmo amor pela mata, pelas brincadeiras em contato com a vida, já não serão vividos com a mesma intensidade por seus filhos, já que **“Depois, né, vieram aí, derrubaram tudo, e os filhos da gente não curtiram nada que a gente curtiu”**. Bosi (2003, p. 45) aponta a existência, no sujeito que lembra e se apresenta como narrador oral memorialista, de algo que está além da simbolização – trata-se da intuição de um devir, do seu próprio devir de humano que se vê envelhecendo, “enquanto sentimento de um tempo que, simultaneamente, passou a se rerepresentar à consciência e ao coração”. A transformação do espaço marca a presença da nostalgia, quando Ana olha para o local onde suas memórias se construíram, vê que agora já não está mais lá e sente que seus filhos não terão as mesmas oportunidades de construir suas próprias memórias em um espaço aberto, comunitário e com natureza preservada. Para Bosi (2003), a nostalgia revela a crítica da sociedade atual e um desejo de que o momento presente e o futuro devolvam algo precioso que foi perdido. É como se a própria memória de alguma forma morresse diante da ausência do espaço em que nasceu. Batista, em uma de suas falas, também traz essa dimensão de que eles (sua geração) sim tiveram infância para brincar.

Ia até a outra ponta correndo e voltava, em cima do arroio. Nós e os vizinhos aqui, tudo brincando no meio do arroio. Não tinha maldade não, não tinha nada, podia correr, (*inaudível*), tempo de criança. Podia pular no pátio dos outros, pegar fruta, não dava nada. Agora tu vai entrar, tu toma um tiro (risos). Nossa geração mais antiga, como a minha, né, nós tivemos infância pra brincar. Agora tu vê essas de hoje aí... (informação verbal).⁴⁰

Dialogando com Bosi – na nostalgia, nesse caso a de Batista, há uma crítica da sociedade atual (**“Não tinha maldade não. [...] Podia pular no pátio dos outros, pegar fruta, não dava nada. Agora tu vai entrar, tu toma um tiro”**) e essa vontade de que algo perdido seja devolvido (**“Nossa geração mais antiga, como a minha, né, nós tivemos infância pra brincar. Agora tu vê essas de hoje aí...”**). Essas transformações vividas pelas diferentes gerações são mudanças em toda a geografia do bairro que reflete (e também é reflexo de) uma mudança de valores e paradigmas.

40. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

4.4 BAIRRO QUE CRESCE – A PEQUENA CIDADE NA CIDADE

O bairro é esse lugar tecido por memórias coletivas, no sentido de que não se trata do lar individual e reservado típico da burguesia, mas sim de um espaço compartilhado e construído em uma dimensão mais pública do que privada, como são alguns lares da periferia. Ao mesmo tempo, esse bairro é também formado pela união de tantos lares, refúgios, lugares de acolhimento e familiaridade. Lares que às vezes são prédios, condomínios... Os bairros urbanos vêm historicamente sendo alvo de intensas transformações em sua arquitetura que agora tapa o sol e rouba o horizonte. “O que ainda resta na metrópole explodida, aqui e ali, são pequenos movimentos em torno da manutenção de pequenas áreas dos bairros”, afirmou Carlos (2008, p. 46). Os movimentos são de preservação da vida, e muitas vezes acabam sendo de resistência ao poder de grandes imobiliárias ou instituições que, em função de seu acúmulo de capital financeiro, também influenciam fortemente os poderes políticos de decisão sobre “o que fazer” com o espaço urbano (e público, gerenciado pelo Estado) em permanente disputa. Nesse sentido, o Quilombo Flores pode ser visto como uma comunidade que, em sua relação com o Caveirinha, vivia uma dimensão pública do próprio espaço de moradia. Nas memórias de Batista e Geneci sobre o bairro, é possível perceber bem o recorte de classe na forma de viver e sentir o espaço das ruas “fora de casa” – Batista ia pedir comida nas casas vizinhas quando faltava na sua, Geneci ia visitar sua prima no morro e se sentia mais pertencente lá do que no bairro Glória.

B: Meu irmão outro, tu conhece ele né? O chico.

L: O Chico? Acho que conheci.

B: Aí tá, ele teve ontem aqui. Eu andava com ele, nós brincava, eu brinquei também, nós andava caçar sapato, (*inaudível*). **Passava fome, pedia pão nas casas, nos apartamentos aqui de cima, esqueci o nome daqueles apartamento ali. Nós batia de casa em casa pra pegar comida.**

L: O pombal?

B: É, pombal, aquele ali. **Nós batia até em apartamento, guria, pra pegar comida, que nós não tinha.**

L: Quando isso?

B: Quando eu tinha uns 15, 16 anos. Eu amanhecia na rua, eu com meu irmão, ficava no posto 27, engraxava sapato dos taxistas (informação verbal, grifos meus).⁴¹

Foi na entrevista com Batista que percebi com maior clareza que tínhamos referências em comum do bairro – eu cresci no bairro vizinho, o Teresópolis, justamente na rua onde fica o prédio conhecido na região como pombal. Morei em uma casa fechada, da qual saía para ir ao colégio e do colégio voltava para a casa. Como não tinha “vizinhos de prédio”, eu ia caminhando até o pombal para encontrar outras crianças e brincar, jogar bola, tudo dentro do condomínio – que, na época, já era gradeado. Alguns anos antes de eu sequer nascer, Batista também frequentava o pombal e caminhava pelas mesmas ruas. Como ele mesmo disse, **“Nós batia até em apartamento, guria, pra pegar comida, que nós não tinha”**. Naquela época, ainda não havia grades ao redor dos prédios, não havia porteiro ou zelador, e talvez – ousaria dizer – não houvesse tanto medo. Trago aqui minha experiência porque, no próprio momento da entrevista, foi impossível não acessar as referências que eu mesma tinha do espaço em questão – um espaço que, em termos físicos (como a geolocalização), era o mesmo para nós dois, visível no momento em que eu mesma resgato o “nome” dos prédios (**“[...] nos apartamentos aqui de cima, esqueci o nome daqueles apartamento ali. Nós batia de casa em casa pra pegar comida.” “O pombal?”**). O espaço vivido, no entanto, era completamente outro. E isso se deve principalmente aos marcadores sociais que também nos diferenciam, como a classe e a raça. Batista ainda fala que ele amanhecia na rua com o irmão, quando engraxavam os sapatos dos taxistas. Nesse trecho, o pertencimento aparece novamente em relação à tradição, à ancestralidade e à classe – o pai era engraxate, a classe trabalhadora.

Para Nara, as transformações do bairro acompanham as mudanças de vizinhos que dali partiram ou ali chegaram.

L: tu te lembra em que momento que começou a mudar, assim, a... a cara do bairro?

N: ah, quando os pessoal mais velho começou a morrer, né. **Começou a vir gente nova, começou a morrer pessoa, o pessoal mais velho se mudaram, e aí terminou.** Aqui da frente mesmo, os vizinhos daqui da frente, uns morreram, outros foram embora, ali, venderam. Lá da esquina também não é os mesmos, são outras pessoas diferentes. **Tudo pessoa diferente. Aí muda né. Começou a ficar mais vazio o bairro. Não era aquela alegria toda que tinha. Tinha festa de, dia de São João, tinha festa, tinha fogueira aí pra baixo, que o pessoal fazia. Juntava todo mundo também. Agora terminou tudo. Vai**

41. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

mudando né. Naquela rua de cima que vai pro Maccari ali também, tudo pessoas novas, tinha era tudo pessoas antigas (informação verbal, grifos meus).⁴²

Nesse trecho, a nostalgia aparece mais uma vez – “Não era aquela alegria toda que tinha. [...] Agora terminou tudo”. As transformações mais sentidas no bairro, e também aquelas das quais os entrevistados mais parecem sentir falta, são as que indicam uma mudança na prioridade da dimensão do público para o privado. Os espaços compartilhados, como a mencionada festa de São João que acontecia na rua e o próprio Caveirinha como o campo de futebol em que todos se encontravam, começam a dar lugar para uma experiência de bairro cada vez mais privada, com menos indivíduos compartilhando a vida, em espaços cada vez mais fechados – com grades, cerca elétrica, etc. Geneci comenta as lembranças que tinha das visitas na casa da prima, que morava no morro da polícia, onde a sensação de pertencimento também está atrelada ao espaço comunitário e à autoidentificação com as famílias negras e as casas humildes.

G: As minhas tias moravam nos morros, no morro da polícia, no morro lá. A minha prima ficava faceira comigo porque eu ia brincar com ela, porque ela podia falar pras amiguinhas dela que eu morava aqui. Ah ela mora lá perto da rua do Maccari, ali na Manduca Rodrigues. Que **pro pessoal da periferia isso aqui era um bairro chique, né**. [...] E eu chegava, elas pensavam que era o cheio né, morava lá em tal lugar né, daí **depois eu fui passando pra elas que não, que eu era como elas né. Independente de elas morarem na periferia e eu morar aqui embaixo, o que elas passavam eu passava também, entendeu. Só que lá era bom de brincar porque tinha pessoas como nós, né. Pessoas humilde. Pessoas de cor, pessoas que estudavam no mesmo colégio que a gente, entendeu. E aqui é diferente, né**. Aqui é diferente. Aqui por mais que as crianças, como te falei, chamavam a gente pra brincar, brincavam com a gente, **a gente se sentia insegura por causa dos pais, né, por causa da tia, não sabia qual era a visão deles. Lá na periferia, as mães sabem qual é a visão nossa**. Então a gente na verdade, sempre... é triste né, mas são coisas que não é só aqui no quilombo flores, mas em todos territórios também.

L: tu sentia então, de alguma forma, que tu pertencia mais no bairro lá da periferia do que nesse bairro aqui?

G: sim.

L: essa sensação de pertencimento do espaço na cidade, assim.

G: sim. **Porque a gente via, eu via o que os irmão passavam. A gente via, né, o que passavam lá, a gente ia livre pra fazer o que a gente quiser na rua, no bairro, entendeu. No que o carro da polícia passava não dava bola, ia ser só de rotina, sabe. É diferente daqui, que tá um branco, um preto junto, eles chegarem, é diferente. Então a gente se sente muito mais protegida lá do que aqui, né, no bairro. E lá na periferia todo mundo se conhece. Todo mundo sabe de onde vem. Aqui não, é como eu te falei né, cada um no**

42. VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

seu quadrado. Ninguém tá nem aí pra ninguém, ninguém ajuda ninguém, assim que as coisas acontecem (informação verbal, grifos meus).⁴³

A sensação de segurança no bairro (e conseqüentemente de pertencimento também) aparece, aqui, atrelada à identificação entre as famílias – profissão dos pais, colégio em que estudavam as crianças, simplicidade das construções das moradias, (re)conhecimento entre as famílias no bairro periférico onde a prima morava. O racismo vivido por eles e elas atravessa essa sensação – quando o carro da polícia passa no bairro Glória e os policiais veem os pretos na rua, “é paredão”⁴⁴. Os negros e negras são, muitas vezes, considerados perigosos, ainda mais em bairros que não são considerados “seus”, mas sim de uma parcela branca da população. Segundo dados disponibilizados pela revista Piauí de um levantamento produzido pelo Grupo de Estudos sobre Violência e Administração de Conflitos da Universidade Federal de São Carlos (São Paulo), “Embora os negros correspondam a 37% da população do Estado (de São Paulo) e os brancos a 62%, as abordagens policiais não obedecem a essa proporcionalidade” (PACHECO; ALCADIPANI, 2020). **“É diferente daqui, que tá um branco, um preto junto, eles chegarem, é diferente. Então a gente se sente muito mais protegida lá do que aqui, né, no bairro. E lá na periferia todo mundo se conhece. Todo mundo sabe de onde vêm.”**, afirma Geneci. Os diferentes graus do sentimento de pertencimento se relacionam a esse contraste entre uma realidade de semelhanças tangíveis e uma realidade de diferenças gritantes. As casas na periferia eram parecidas com a casa de Geneci. A cara das pessoas, as roupas, as escolas onde estudavam as crianças. O Quilombo Flores, no bairro Glória, com o tempo passou a destoar das casas da própria vizinhança. Como o Quilombo dos Silva, em pleno bairro Três Figueiras (bairro nobre de Porto Alegre) – a presença de pessoas, como elas mesmo se intitulam, “mais humildes”, pretas, quilombolas, nesses bairros de pessoas majoritariamente em situação de abundância financeira, brancas, com casarões, é um contraste que muitas vezes incomoda. Incomoda tanto quem tem muito quanto quem tem pouco. Ao mesmo tempo, Geneci também comenta que “ninguém é mais do que ninguém”.

Eu tô passando pra eles (*seus filhos*) o que eu passei aqui né. Que a gente tem que ser humilde, todo mundo é humano né. Tem que se dar com todo mundo né. Não tem que ter grandeza. Que ninguém é mais do que ninguém né. Então é gratificante isso, gratificante de ver os

43. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

44. “Paredão” é uma forma popular de se referir à revista policial que acontece (normalmente de forma violenta) no Brasil. Os policiais pedem aos cidadãos que se posicionem na parede, com as mãos para cima, para então realizar uma revista geral no corpo. Algumas vezes não pedem, já chegam agredindo fisicamente.

meus... Que eles podiam se empinar “ah que eu moro, ah cês moram no morro lá e...” não, entendeu. Eu ainda ia lá pro morro, eu ia ainda. Eles não, eles não vão, mas eles tão ali no centro comunitário, que é do projeto social Geração Tigres, tem crianças de várias comunidade, eu levo eles lá pra brincar com as outras crianças, das comunidades da Glória, [...] eu levo eles comigo pra eles poderem se libertar né, porque aqui, agora, não tem guri da idade deles pra brincar com eles na minha rua. Então que eles brincam só no colégio, no colégio que eles brincam com as outras pessoas, na escolinha. Porque aqui eles não têm os amiguinho de rua como eu tive, como meus irmão teve, bem ou mal vinham né... Eles não têm aqui. Aqui agora é cada um no seu quadrado mesmo, entendeu. Aqui eles só saem do portão pra ir pro colégio, pra ir no supermercado, sabe? Pra ir em algum lugar ou outro, só saem do portão pra isso. Sair do portão pra brincar com vizinho da rua, vim aqui brincar, não tem mais, isso aí não tem mais. Não tem (informação verbal).⁴⁵

No final de sua fala, volta a nostalgia do tempo passado que não volta. O passado em que era normal as crianças saírem na rua para brincar. **“Isso aí não tem mais. Não tem.”**, afirma Geneci.

4.5 DESTRUIÇÃO, CONFLITOS E SOLIDARIEDADE: DO INCÊNDIO NO TERRITÓRIO AO CONFLITO COM OS MARISTAS.

A história do povo quilombola, como vimos brevemente no primeiro capítulo, é marcada por sofrimentos, fugas, acolhimentos, alegria, força, luta, muita cocriação coletiva para que cada quilombamento seja uma comunidade autônoma. Essa “linha do tempo” do povo quilombola é marcada por vários momentos de ameaça, destruição, conflitos e manifestações de solidariedade. No Quilombo Flores em específico, há uma tragédia que alguns entrevistados mencionam – um incêndio que ocorreu na casa de Adão na década de 1980, em que foram perdidas quase todas as fotografias dos ancestrais. Praticamente tudo que era material de registro da família foi levado pelo fogo naquele dia. Depois do incêndio, houve uma onda de solidariedade dos vizinhos que se uniram para doar materiais de construção, roupas, etc. Esse foi o primeiro grande conflito seguido de apoio que aparece de forma repetida nas entrevistas. O segundo (e também o maior) foi o conflito com o colégio Assunção que foi responsável por, logo em seguida, desencadear um movimento de conscientização política liderado por Geneci no Quilombo Flores. A partir do momento em que têm parte de seu território tomada, os Flores Vasconcelos se identificam com as histórias de tantas outras famílias que passam o mesmo e se

45. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

encontram em territórios considerados quilombos urbanos. Então decidem buscar a história de seus antepassados e percebem que eles também, eles também são quilombo.

N: [...] Inclusive nós tinha, teve um acidente com nós também. Pegou fogo na casa, queimou toda a casa. Os vizinho tudo ajudaram. Cada um deu uma madeira, cada um deu telha, todo mundo ajudava.

L: Quando foi isso?

N: Ai... Mais ou menos... Acho que uns 30 anos atrás.

L: Foi depois do Adão falecer?

N: Foi antes. Bem antes. Ele faleceu acho que faz uns 35 anos.

L: Foi 83 né?

N: É 83... 84!

L: 84.

N: 83 pra 84. E foi bem antes de ele falecer. E aí como ele comprava, tinha o botijão de gás cheio, isso ajudou mais, sabe? Porque daí começou a queimar, estourou o botijão, e aí queimou tudo. **Ficamos sem nada, nada, nada. Mas no mesmo dia, foi de tardezinha, no mesmo dia o vizinho já trouxe uma barraca, outro dia o outro já trouxe uma tábuas, o outro já trouxe uma telha, quando tu viu, uma semana a casa tava pronta. Todo mundo ajudou, todo mundo...** Então por isso que eu digo, vizinho aqui. Agora mudou tudo, uns morreram, outros foram embora, mas antigamente a gente tinha vizinhos bons aqui. Muito bom. Até os vizinhos do mercado ali também. Também, aqueles ali sempre ajudaram. Sempre, sempre. E é, é assim (informação verbal, grifo meu).⁴⁶

Se, por um lado, acontecem alguns desastres, por outro, sempre há mãos vizinhas dispostas a ajudar na hora do aperto. Como contou Nara, em uma semana de doações e trabalho, já havia uma nova casa. Batista ainda lembra que, se não fosse um vizinho, seu pai Adão poderia ter morrido nesse incêndio.

B: Foi um vizinho nosso, aqui, que eu fiquei sabendo, que meu veio ia morrer. O veio tinha problema na perna, era baixinho, né, tinha problema. Um vizinho mesmo que ajudou a tirar ele de casa. Ele não tinha conseguido sair. O vizinho morava bem aqui.

L: Não entendi. Ele ajudou a tirar?

B: Ajudou a tirar o homem de dentro de casa. Começou a pegar fogo.

L: Aqui? Quando pegou fogo aqui?

46. VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

B: É. Quando pegou fogo na casa dele, é, aqui. Já não tem casa, (*inaudível*) com o vizinho que tinha casa aí resolveu tirar ele de dentro de casa, meu padraço, o homem, meu pai, chamo pai. Ele era muito devagar e o fogo pega ligeiro, madeira. Madeira seca (informação verbal).⁴⁷

Em determinado momento, perguntei a Batista se ele tinha fotos do pai para mostrar. Ele respondeu que não, que **“tinha tudo ali, mas pegou fogo tudo. Foi tudo”**. O incêndio aparece aqui como esse elemento fogo descontrolado que também destrói algumas memórias materializadas e cria outras vividas. No trecho acima, percebemos que a ajuda dos vizinhos esteve presente não só depois do incêndio com as doações de materiais, mas também durante, quando o vizinho ajuda seu Adão, que era um homem com deficiência, a sair da casa em chamas. **“[...] o vizinho que tinha casa aí resolveu tirar ele de dentro de casa, meu padraço, o homem, meu pai, chamo pai”**, conta Batista. A solidariedade aparece nas entrevistas de formas que podem ser consideradas contraditórias ou dialéticas. Geneci, quando compara o bairro do morro da polícia, mais periférico, com o bairro Glória, onde moram, comenta que “aqui é cada um no seu quadrado” referindo-se à vizinhança cuja relação com o espaço público e com o próprio quilombo se transformou com o tempo e com a saída e chegada de novos moradores no entorno. Nessa mesma fala, ela também afirma que, hoje em dia, “ninguém ajuda ninguém”. Um pouco depois, comenta que a solidariedade é um valor do povo preto que vem da ancestralidade.

Já no conflito com os maristas, a solidariedade entre os quilombos ficou ainda mais evidente para os Flores. Foi justamente no ano de 2014, entre 2014 e 2015, que os Flores começaram a reunir a documentação com sua história para então solicitar a certidão de autodefinição à Fundação Cultural Palmares (FCP). Essa certidão foi concedida em 15 de agosto de 2017 pela então Diretora do Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro Carolina Conceição Nascimento. Ainda antes de receberem a certidão, os quilombolas começaram a se organizar politicamente com a Frente Quilombola RS, que hoje reúne os oito quilombos de Porto Alegre em reuniões, assembleias, mobilizações populares pela defesa e preservação de cada território. Ana Paula foi a principal testemunha sobre o dia em que os homens, a princípio orientados e pagos pela União Sul Brasileira de Educação e Ensino (USBEE), chegaram com as máquinas de forma autoritária e violenta, sem qualquer tentativa de diálogo com a comunidade para construir o muro.

47. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

Eu sei que eu tava com meus dois filhos deitada quando a gente começou a escutar barulho de quebrando um monte de coisa, derrubando, a gente foi ver eram as máquinas. Daí eles já tavam ali na parede da minha casa, vindo com as máquinas, foi onde eu saí pra rua com as duas crianças e enfrentei eles sozinha. Eu falei que ali não. Até então eles não fizeram nada, mas daí de noite foi a pior coisa, né, eles ficaram ali tocando pedra, o segurança deles ameaçando nós né. Daí a gente achou que tinha passado, que eles iam parar, e depois de uma semana eles foram descendo metade ali do muro. Foi onde meu pai viu, que eu não tinha visto porque tava fazendo minha nenê dormir, meu pai viu, foi onde eu vim correndo, botei o pé e derrubei tudo. Daí eu falei que ali eles não iam mexer, foi onde eles não mexeram, mas o resto eles botaram muro em tudo. Destruíram a infância dos filhos da gente, na real (informação verbal).⁴⁸

Na situação, conseguiram acionar o advogado do quilombo, Ângelo Marcelo Curcio dos Santos – OAB/RS 91.218 (2019), que entrevistou e ligou para a polícia. Quando o então diretor percebeu que ele estava acionando a polícia, pediu para os funcionários recolherem o trator, que ficou estacionado dentro do Colégio. No sábado seguinte (isso tudo aconteceu em uma terça-feira), às sete e meia da manhã havia várias pessoas e três tratores, mais alguns seguranças, invadindo o pátio do Quilombo.⁴⁹ Geneci conta que os homens carregavam instrumentos como facão e foice, e que junto deles havia uma advogada ordenando que seguissem com a operação. A liderança do quilombo os considera invasores e comenta sobre o suporte que recebe das reuniões com outros quilombos do Brasil nas quais percebe que o Flores não é exceção na história atual do país: os ataques e as lutas por resistência em cada quilombo brasileiro são muito parecidos.

Então, mesmo a gente sabendo que uma caneta pode matar como se fosse uma bala né. Mas a gente já tá sabendo que a gente corre esse risco, **por mais que eu tenha 60 anos de território, o pessoal Marista ali por ter mais dinheiro do que eu, pode alegar, como eles alegaram lá pro juiz que a gente era invasores, tomaram 70% do nosso território, e eles chegam lá “os Flores são invasores, os Maristas são donos” e aí?** Tá lá na justiça esperando até hoje. Uma coisa que tava na cara que a gente não era invasores. Que a gente já morava no território já faz anos, quem era invasores é eles, que invadiram nosso território, entendeu. Mas a gente tem que estar preparada pra isso. Então é uma arma que a gente tem, de ter os outros territórios, os quilombos urbanos, não só os urbanos, os quilombos do Brasil todo, que a gente tem uns grupos né, da ANQ⁵⁰, que são Quilombos do Brasil todo – da Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro. E a gente entra em contato, a gente se comunica, faz reuniões com eles todos, que daí um passa pro outro o que tá passando em cada região, e a gente tem que trocar ideias, então isso daí é muito gratificante. É gratificante porque daí a

48. VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento. **Entrevista III**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (21 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo D desta monografia.

49. Todas essas informações foram contadas pelos moradores do quilombo. Na única entrevista que consegui com o atual diretor do Colégio Marista Assunção, ele foi orientado pelo jurídico a não falar nada, portanto não há outra versão da mesma história.

50. Articulação Nacional de Quilombos (ANQ).

gente sabe, tem consciência de que a gente não tamo só, que tem gente como a gente, que luta pelo que a gente luta (informação verbal, grifo meu).⁵¹

Por trás da saudade que aparece na fala de Ana Paula, Geneci, Nara e Batista sobre o tempo que não volta mais, da nostalgia de algo perdido na eternidade, está a brutalidade das relações do capital na cidade – essa chegada dos homens com máquinas, ferramentas, agressividade e ausência de diálogo. Junto à chegada da violência, vem também a solidariedade que ameniza os conflitos duros. Os então sete quilombos de Porto Alegre se solidarizam ao Flores, unem forças com outras entidades e organizações para, inclusive atualmente, organizar a distribuição de cestas básicas durante a pandemia, campanhas permanentes de arrecadação aos quilombos, criação de hortas, entre outros projetos coletivos, cocriados entre parceiros. O sentimento de “ser invadido”, porém, permanece. Batista lembra da noite mal dormida no mesmo dia em que começaram a construção do muro.

L: Lembra quando eles chegaram e construíram esse muro aí?

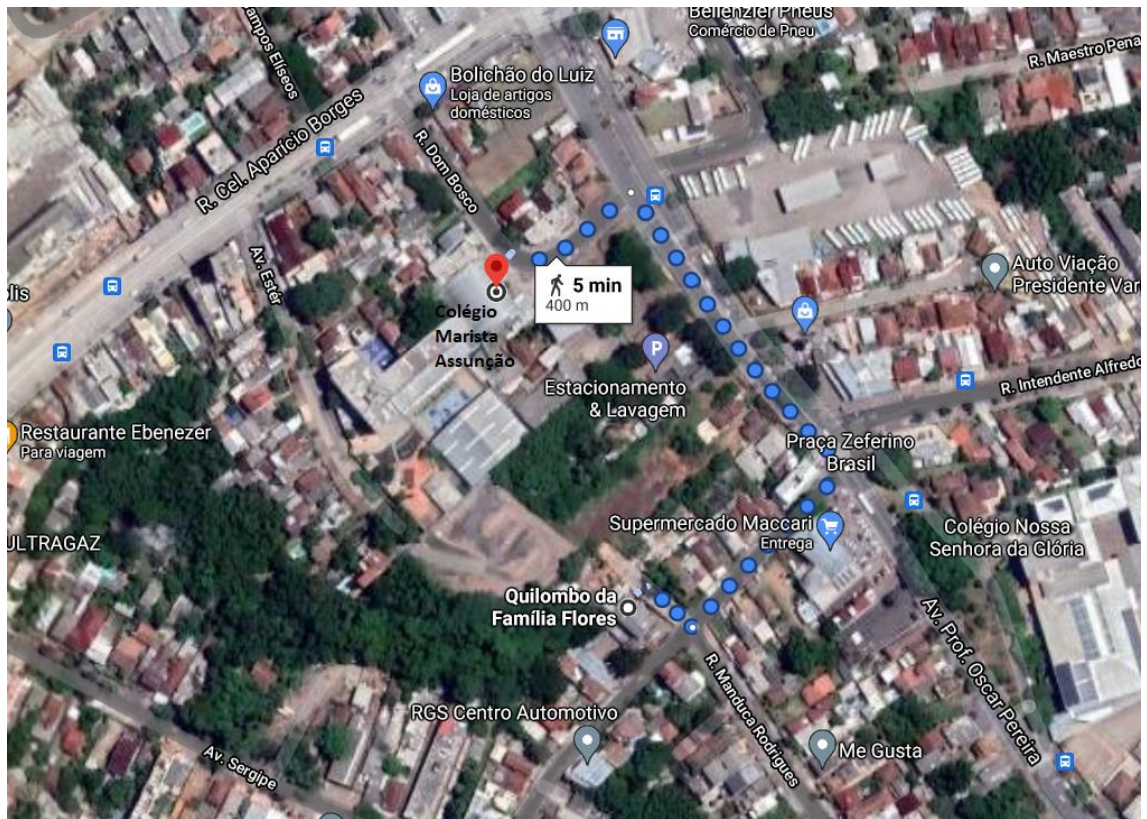
B: Invadindo o bagulho aí, chegaram invadindo. Os cara com as máquina (*inaudível*). Os vizinho tudo. (*inaudível*) E minha filha aqui, foram se meter com as criança. Pô. Tavam limpando ali. Vieram no barranco, pegaram um caminhão no barranco, iam até lá a frente. Ah pegaram a máquina porque né, exagero. (*inaudível*). Eles iam entrar pela frente, mas não entraram né, eles deram toda a volta nessa rua aí. Eu que vi o tumulto deles invadindo isso daí. Aí o doutor Marcelo (*inaudível*). Vuque-vuque, vuque-vuque. Depois na noite botaram um monte de nego pra cuidar aí, esse lugar. (*inaudível*) de boca ali. Pegaram até um cara armado aí dentro. Guarda... Armaram, botaram, **os caras ficaram a noite toda em volta aí. Olhavam pra cá, apontando pra nós... Que que é isso? Vai saber o que esses caras iam fazer com nois. A gente nem dormiu direito aqui, com os caras cuidando, tá ligado?** Depois isso dali que eu vi. A marca ali. Depois que eu cheguei em casa e vi, ninguém tinha visto. Eu que vi. Deu tumulto, falando com o homi. A ideia deles, emendar aquela rua lá com aquela ali. Ali atrás tem dois terreno ali atrás. Que foi ali ta ligado? Atrás do galpão nosso ali. A ideia deles foi isso aí (informação verbal, grifo meu).⁵²

A rua, a qual Batista se refere no trecho acima, é a Avenida Estér, rua dos fundos do Colégio Marista Assunção, que antigamente desembocava no Caveirinha. Veja no mapa.

51. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

52. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

Figura 9 – Imagem de satélite retirada do Google Maps que ilustra a região do Caveirinha em parte já desmatada (ao final da rua Estér).⁵³



Fonte: Google Maps (2021).

B: Eles tavam fechando aqui já ó (aponta para a metade do terreno do quilombo), a ideia deles era emendar aquela rua com essa daqui. A ideia deles. Por isso cercaram até aqui, entendeu. E ali é vizinho, é proprietário do muro, não pode ir mais pra lá, pra cá, entendeu?

L: Sim.

B: Ia dar no muro do vizinho aqui. E pra cá ia sobrar pra fazer a rua que eles queriam. Era isso que eles iam fazer, terminar naquela outra lá. Pra desafogar um pouco a Aparício Borges, agora tem (*inaudível*) lá também né, daí desafoga um pouco a avenida. Tudo bom, né, daí pra eles ia ficar bom, duas entrada no colégio. Pode entrar no colégio por aqui e por lá pela frente. A ideia deles era fazer aqui... Faz a rua aqui, emenda com essa aqui e já era. As galera são pobre lá, um monte de coisa... (informação verbal).⁵⁴

53. De acordo com Batista, o plano dos Maristas era estender a Avenida Estér até a Rua lateral do Supermercado Maccari, a Bibiano de Almeida, para diminuir o trânsito da Aparício Borges e facilitar mais uma entrada para o Colégio. Essa ação cortaria o atual espaço ocupado e vivido pelos quilombolas ao meio, reduzindo ainda mais seu território.

54. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

Também perguntei à Ana Paula se ela tentou conversar com os homens que chegaram para derrubar a mata e construir o muro. Suas falas terminam com uma expressão que resume a experiência – foi horrível.

Eu só falei que eles não deviam fazer isso, que eles não tinham direito, que eles não tinham mandato nem nada, que eles não podiam chegar destruindo. Mas mesmo assim eles falaram que não sabiam de nada, foi onde eu fiquei braba e fui pra cima. Daí eu falei: aqui na minha casa vocês não vão encostar. Vocês até encostam, mas que eu vou machucar um de vocês, eu vou. E eles tavam tudo com ferramenta na mão e coisa. Eu tô nem aí né. Eu vou proteger meu filho. Eles vieram com tudo ali. Eles vieram, derrubaram a outra casinha que tava ali fechada, que ali a gente botou uma piscina e tinha uma peça que as crianças brincavam, daí tava fechado os brinquedos das crianças depois eles já vieram ali e destruíram, eles nem sabiam se tinha gente dormindo ali ou não, imagina o que não podia acontecer comigo e com meus filhos ali. Foi sorte que a gente escutou os barulhos assim, deles cutucando na casa, senão, não sei se não ia vim a máquina com tudo. Depois eu corri eles daqui, daqui debaixo, eu já tava aqui embaixo, era um barranco ali. Eu já tava ali embaixo ali. E depois ali onde eles quiseram cortar ali foi onde a gente, eu botei o pé e derrubei de novo, foi onde eles pegaram e não passaram mais pro lado de cá. Ficaram só pro lado de lá. Foi horrível.

[...]

Daí também teve uma vez, depois desse dia, acho que foi um outro dia de noite. A gente foi dormir, começou os cachorros a latir, a gente foi ver os caras tavam passando ali em cima ali, com arma na mão e coisa, mas tu vê né, não tavam com roupa de segurança nem nada, né, eles tavam passando ali pra baixo e pra cima e o telhado que eu falo é bem ali em cima, daí não conseguimos dormir, foi horrível aquele dia. Bah. Fechou de viatura aí a rua. A gente chamou né, porque a gente ficou com medo. Até então parece que pegaram um cara que tava aí armado nesse dia. Pegaram ele e a arma parece, tava dentro do carro depois a arma, que eles deram a volta. Foi horrível. (informação verbal).⁵⁵

O horror vivido por Ana Paula é o horror experimentado por milhares de brasileiros que presenciam cenas de violência em seus cotidianos, e que sofrem com as políticas de exclusão facilitadas por aquilo que marcou, na história da cidade, a transformação da vila medieval em cidade capital: a mercantilização do espaço (ROLNIK, 1995). O fato de o espaço ser mercantilizado, ou seja, ter um valor financeiro, acaba beneficiando somente aqueles que já possuem bens e dinheiro. Isso também está explícito no sentimento de Geneci e Batista de que, por serem pobres, a justiça não está ao lado deles. A falta de recursos e a fome aparecem principalmente nas lembranças de Batista referentes ao final da década de 80. Ele fala que,

55. VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento. **Entrevista III**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (21 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo D desta monografia.

quando havia comida durante a crise, essa era dividida entre todos. Ninguém ficaria sem, por menor que fosse a fatia compartilhada – todos comiam.

B: [...] Depois comecei, pegou fogo, vim morar pra cá com meu padrasto. Senão eu ia passar fome. Passar fome mesmo. Passar em casa pra pedir comida pra comer. Ele dava leite ninho né. Ele guardava rango pra nós. Pra ver. Claro. Tempo de guri, pra não passar fome né. Na crise, era ruim né. Meu vô comprava (*inaudível*) de quatro queijos e dividia entre 6, 7. **O véio cortava uma fatia bem fininha pra cada um. Era ruim (risada). Pra dar pra todo mundo, uma fatinha pequeninha.** [...] **Todo mundo comia, aqui era assim.** (*inaudível*). Era festa... Pedia comida assim na rua. A gente tomava cevada como café.

L: como?

B: tomava cevada, aquele bagulho, como café, que nem café da tia. Botava na água. Carvão na água. [...] Fazia tipo café, com açúcar, assim, não tinha café. Farinha de mandioca com açúcar. Não tinha o que comer. Aí não adianta. Botava açúcar ali.

L: puro?

B: não tinha o que comer. Com açúcar. Botava num copo assim, comia, não tinha o que comer. E a crise era ruim. Comia bofe, bofe, de gado. Minha tia, irmã da mãe, ela ia pro centro e trazia bofe, bofe. Dizia que era comida pra cachorro (informação verbal, grifo meu).⁵⁶

Trazendo reflexões já feitas nos capítulos anteriores – se a máquina da cidade opera desde o centro para construir muros e empreendimentos e expulsar pessoas para suas margens, produzindo relações cada vez mais individuais, a formação das comunidades e do senso de “comum unidade” é em si um contraponto ao modo de ser e pensar individuais criados por essa máquina. “**Todo mundo comia, aqui era assim**”, afirma Batista. Se algumas pessoas que estão no poder concentram a renda que têm, no quilombo as pessoas dividem a menor quantidade de comida que há para que, assim, todos possam comer. “Minha filha, isso aqui é um quilombo!” – me lembro daquela mulher na fila do almoço no Quilombo Lemos. A comida de um é a comida de todos. Aqui é assim.

4.6 SER QUILOMBOLA: O RESGATE DA HISTÓRIA PELA AUTOIDENTIFICAÇÃO

O movimento de conscientização política da família Flores se deu a partir do momento em que Geneci decidiu, entre 2013 e 2014, que iria atrás da história de sua família para poder resgatar e preservar algumas memórias e experiências e, a partir delas, solicitar a certificação

56. VASCONCELOS, João Batista da Costa. **Entrevista IV**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (44 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo E desta monografia.

de autodefinição enquanto quilombo à Fundação Cultural Palmares. Dos integrantes da família que entrevistei, quase todos já tinham escutado a palavra “quilombo” em telenovelas, mas nunca haviam se identificado com ela. O que aconteceu depois da entrada das palavras quilombola e quilombo na vida das mais de 40 pessoas cadastradas como integrantes do Quilombo Flores (que não necessariamente moram no território, mas fazem parte de sua história) foi uma transformação profunda na sua identidade.

L: E quando vocês se autorreferenciaram quilombola aqui, né, o território sendo um quilombo. Tu já conhecia esse termo, já tinha alguma relação?

N: Eu via nas novela né, na televisão que tem nas novelas, os escravos geralmente moram nos quilombo né. Então sempre tinha essa base das novela que eu via, dos filme, mas muita gente aqui ficou admirada, porque não sabiam né. Aí a maioria das pessoas não sabiam que existia. E eu via mais nos filme, nas novela. E eu não sei, eu tenho... eu tenho aquele probleminha que quando tu te machucar tu não cicatriza. Isso aqui eu vi muito nos, geralmente os escravos tem isso. Eu tenho até aqui também ó (*mostra queleide por baixo da camiseta*). Essa marca, quando os senhores queimavam os escravos, eles ficavam com essa marca aqui. E eu tenho essa marca. Eu acho que eu sou neta de escravo ou bisneta de escravo. E não tem jeito porque eu já fiz três plástica aqui e o médico disse “a senhora vai fazer três plástica e não vai adiantar porque isso aí é da tua pele mesmo”. [...] E aí é um sinal que eu vi (informação verbal).⁵⁷

A palavra quilombola, para Nara, remete diretamente à escravidão. Foi a partir dessa identificação da família enquanto quilombola e dos movimentos de aceitação de quem eles são, como negros e negras, que Nara olhou com mais carinho para sua cicatriz, para o queleide. Antes, queria remover, fazer cirurgia, ficava incomodada com a marca em seu corpo. Hoje ela olha e diz que gosta, que isso mostra sua ancestralidade. Só um pequeno exemplo de como a autoidentificação como quilombola e a honra à ancestralidade africana transformam os sentimentos deles sobre eles mesmos. Já Geneci traz a importância do reconhecimento enquanto pretos e quilombolas para saber como se defender diante de situações de racismo.

Tu querendo ou não, o preto querendo ou não se autodeclarar, querendo ou não ouvir, vai se obrigar a ouvir porque são coisas que a gente tamo botando no jornal, tamo botando na televisão, tamo botando no rádio, entendeu. Tentar pelo menos se conscientizar um pouco né. E conscientizar, e não só conscientizar, quem não quer lutar pelos seus direitos, quem não quer se reconhecer, que dê uma oportunidade pro seu filho, pro seu neto, né. Que dê uma oportunidade pra eles dizer “não, mãe e vó, eu quero me autorreconhecer mesmo, porque eu sou preto mesmo” [...]. É uma oportunidade que eles tão tendo de se autodeclarar, de reconhecer sua história verdadeira né. Então acho que tu não tem que pegar e apagar, tu tem que ser realista né, tem que ser realista. Porque mais cedo ou mais tarde, por mais que tu esconda, mais cedo ou mais tarde isso vai vir à tona, entendeu. Vai vir à tona. Tu vai ser, numa, num shopping, né, o teu filho vai ser... Vai ser o policial que vai parar ele num paredão. E vai adiantar? Não. Então é bom, por um lado, as pessoas dar oportunidade pro seu

57. VASCONCELOS, Nara Maria de Mello. **Entrevista II**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (38 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo C desta monografia.

filho, pro seu neto, se enxergarem. Porque se enxergando, se reconhecendo, a sua história mesmo, pra eles poderem se defender quando isso acontecer, entendeu. Daí ele vai saber se pôr e vai saber se defender (informação verbal).⁵⁸

Também podemos notar aqui a importância dada aos meios de comunicação de grande massa enquanto difusores de informação à população – **“o preto querendo ou não se autodeclarar, querendo ou não ouvir, vai se obrigar a ouvir porque são coisas que a gente tá botando no jornal, tá botando na televisão, tá botando no rádio”**. O desejo de Geneci a partir do seu autorreconhecimento e de sua família é, em uma crescente, facilitar a experiência do reconhecimento para que cada vez mais pessoas negras possam se reconhecer, viver esse processo de aceitação de si e de honra de sua ancestralidade. Esse resgate das memórias, no entanto, não foi simples e fácil, já que implicava também lembrar a dor sofrida por seus antepassados escravizados.

Por ser um povo sofrido, por minha mãe ter sofrido, por minhas tias terem sofrido, por isso eles não se autodeclaravam né, porque eles não queriam voltar tudo de novo. A partir do momento em que eu resgatei a minha história, e eu botei pra eles, coloquei pra eles, eles se autodeclararam, sabe, eles se reconheceram como isto. Porque é realmente isto. Daí eles deciram Bah, que tinha uma pessoa que, pra lutar pelos seus direitos, entendeu. Pra lutar pelos... [Cof, cof.] Daí. [tosse, limpa garganta]. Daí foi bom por causa disso. As minhas primas que não tinham essa visão começaram a ter essa visão, começaram a passar pras filhas delas, então é legal. É legal tu ser a fonte disso, entendeu. Tu poder ajudar (*inaudível*) por se autodeclarar quilombola, poder dar apoio, né, pros parente. Então isso aí, daí eu fiquei de passar, não só pelas minhas primas, mas pelos filhos delas. Porque os filhos delas, pros netos delas. Então isso daí, bah, pra nós é um reconhecimento absurdo né. Porque eles tem orgulho de falar assim “ah eu sou quilombola”. E pra nós é orgulho. Então pra nós é gratificante. Porque a partir do momento que nós, do Quilombo Flores, se autodeclaremo quilombola, fizemos uma reunião com as tias, com os primos, contemo a história do meu pai, contemo a história da minha mãe, da onde que ela vem, são coisas que minhas tias não contaram pros filhos delas, não sabiam da história da vida delas. Pra elas era mais comum, como sofreram muito, apagar esse sofrimento da mente e não querer que os filhos delas enxerguem né (informação verbal).⁵⁹

Em outro momento, ainda, Geneci comenta sobre a fala de um primo seu diante da vacinação da Coronavac que aconteceu no Quilombo em reconhecimento ao empenho de Geneci na autodeclaração da comunidade enquanto remanescente de quilombola e na articulação política para poder ajudar, cada vez mais, toda a família.

G: Meu primo me fala, meu primo que tá morando com meu irmão agora, que a (*inaudível*) que fala “ó, primo, quarta-feira vacinação, agora tu vai”, “vou prima, vou, bah isso aí foi uma benção pra nós, bah, foi uma benção pra nós. Bah, prima, bem capaz, foi uma benção”. Entendeu. Então isso daí é gratificante, entendeu.

58. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

59. Op. cit.

L: O reconhecimento que é uma benção.

G: O reconhecimento.

L: Quem falou isso?

G: Meu primo, o Marcos Antônio, tá morando com meu irmão ali agora. Uma benção. Então é um reconhecimento dele, um reconhecimento das minhas primas, a gente poder se comunicar mais, ter um grupo da família, do quilombo, todo mundo se autoidentificar, todo mundo se considerar como quilombola, como do quilombo, entendeu, fazer parte do quilombo. Nós, como parente, **antes eu podia ajudar uma ou duas família, né, agora não, agora dependendo de qual projeto que o quilombo buscar, eu posso ajudar mais famílias, né, eu vou poder ajudar muito mais do que duas, três famílias, que eu ganho pra ajudar as 45 famílias, 45 primos né. Então pra mim é bem gratificante, isso daí. São coisas que eu sempre gostei de fazer. Mas sempre trabalhei em projetos de outros, agora não, agora é a coisa do quilombo mesmo, da minha família mesmo, então isso daí é gratificante** (informação verbal, grifo meu).⁶⁰

Percebe-se, novamente, na fala de Geneci, como o valor da solidariedade está presente nas ações que a fazem se sentir realizada e grata. Quanto mais pessoas ajuda, mais gratidão ela sente. **“Eu vou poder ajudar muito mais do que duas, três famílias, que eu ganho pra ajudar as 45 famílias, 45 primos né. Então pra mim é bem gratificante, isso daí”**, afirma. O resgate da história de sua família, da identidade enquanto negros e negras remanescentes de quilombolas permitiu, além da autoaceitação e da honra em ser quilombola, a chegada de algumas políticas de reparação histórica ao povo negro a mais de 40 famílias. E assim Geneci segue seu trabalho como liderança – articulando com os movimentos para que cada vez mais mulheres e homens negros e negras possam se reconhecer, agradecer e honrar sua ancestralidade. Dessa forma, essas comunidades podem sustentar sua existência dentro do furacão da cidade e seguir ensinando, ou lembrando, o que é um olhar comunitário diante da vida. O que são ações comunitárias diante do que se tem. Se um come, todos comem. Se um é vacinado, todos são vacinados. Se é possível ajudar um, é possível ajudar quarenta.

60. SILVA, Geneci Lourdes Flores da. **Entrevista I**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (68 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo B desta monografia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respondendo ao problema de pesquisa “como os quilombolas do Quilombo Flores se comunicam com o território onde vivem?”, o percurso de estudo apresentado nessa pesquisa nos permite aferir que estamos há anos vivendo sob o paradigma da separação. Desde a historiografia que nos traz a dimensão factual, com registros históricos concretos, do quanto a violência contra negros e negras já foi autorizada, regulamentada e profissionalizada pelo Estado, passando pelas reflexões a respeito da necessidade do exercício da alteridade rumo à construção de uma sociedade livre, até o trabalho de campo, no qual os quilombolas da família Flores relembram suas vivências, suas histórias, suas marcas e de seus ancestrais. A separação dualista simbolizada pelo muro – de um lado o colégio Marista, do outro o quilombo; de um lado brancos, de outro negros; de um lado a classe trabalhadora, do outro a burguesia. Para que possamos romper os paradigmas de separação rumo à construção da união, no entanto, é preciso coragem para ver a verdade da humanidade com suas luzes e sombras em ambos (ou múltiplos) lados dos muros que invariavelmente criamos em nossas vidas – dentro e fora de nossos corpos.

Identificar os valores que nos fazem pertencer aos espaços que habitamos – e falo de nós, aqui, como humanidade, reconhecendo que o primeiro local ao qual pertencemos é o nosso próprio corpo. Perceber de quais valores comungamos enquanto humanos e humanas e quais gostaríamos de verdadeiramente comungar. Aprender na prática dos quilombolas aquilo que ensinam na sala de aula do Colégio Marista: compartilhar, por menor que seja a fatia, o pão entre todos. O muro também necessariamente impõe um limite – e, vez ou outra, cada uma de nossas crianças precisou de um limite na infância, um não. Mas o “não” respeitado dispensa a construção de um muro – e penso agora que talvez estejamos longe de, enquanto humanidade, colocarmos, recebermos, aceitarmos os nossos próprios limites e os do outro. Alguns homens ainda chegam com as máquinas derrubando casebres sem preocupar-se em checar se há alguma alma viva ali dentro, sem dialogar. E toda ação relacionada ao outro na ausência de diálogo corre o risco de se tornar autoritária.

Em uma dimensão antropológica e social, percebemos que todas as diferenças inscritas nos marcadores sociais que nos constituem (como gênero, raça, classe, orientação sexual) também nos fazem ter experiências completamente distintas de cidade e de vida. O condomínio onde eu ia brincar era o mesmo onde Batista ia pedir comida. Condomínio que logo depois foi gradeado, cercado, na lógica da necessidade de proteção e segurança diante de uma cidade que

crece violenta. E cresce violenta justamente porque se expande baseada em valores mercantis, e não em valores humanos e de uso do espaço. E a maior evidência disso é o fato de que o espaço onde hoje está um estacionamento (concreto abrigando lataria) alguns anos atrás era uma área verde, com árvores frutíferas, onde várias crianças brincavam livres e felizes. Como diz Ana Paula: “A nossa infância aqui era boa. Depois, né, vieram aí, derrubaram tudo, e os filhos da gente não curtiram nada que a gente curtiu” (informação verbal).⁶¹ Percebemos, também, a nostalgia de uma realidade que não volta mais – seja porque o bairro se transformou com o tempo, com a individualidade se sobrepondo à comunidade, seja porque as pessoas se transformaram, seja porque o território berço de suas memórias foi, de alguma forma, destruído.

Identificamos também que o sentimento de pertencimento dos quilombolas ao espaço habitado está completamente associado à sua ancestralidade – aqui evidenciada pelas histórias de Adão e Rosa e pelos reflexos das escolhas de vida deles nas escolhas de vida de Ana, Batista, Geneci e Nara. Batista trabalhou de engraxate e assumiu filhos que não eram seus, reproduzindo o que fez o pai. Geneci trabalhou com serviços gerais, como a mãe, e se envolveu com projetos sociais, lembrando a solidariedade que Rosa tinha com quem passava alguma dificuldade. Nara foi viver em um sítio onde pode plantar e criar animais, como fazia junto ao Adão na infância. Cada qual da sua forma carrega um pouco da história de seus pais, histórias que viveram ali no Quilombo Flores, na Manduca Rodrigues, 285, bairro Glória, há mais de 40 anos.

Percebemos a importância do acionamento e da preservação de memórias em uma época de instantaneidade e volatilidade da informação. Se hoje há uma aparente urgência na criação de uma nova sociedade, um novo mundo na era da informação, a presente pesquisa também nos lembra que há muita riqueza de informação nas experiências passadas e que muitas respostas para as perguntas que colocamos no horizonte do futuro estão ancoradas no passado, na calma no passo dos anciões que já viveram muito e compreendem a necessidade de se caminhar devagar. Memórias para serem ressignificadas pelo olhar do sujeito que lembra, diferente daquele que viveu o acontecimento, hoje já dispendo de outro conjunto de representações para observar a lembrança.

61. VASCONCELOS, Ana Paula do Nascimento. **Entrevista III**. [fev. 2021]. Entrevistadora: Luiza de Britto Dorneles. Porto Alegre, 2021. 1 arquivo .mp3 (21 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Anexo D desta monografia.

Por fim, recupero o fato de que a presente pesquisa não se pretende um fim em si mesma ou uma verdade completamente verificável, mas sim um meio para um breve resgate de parte da história oral preservada do Quilombo Flores através do reconhecimento da formação das subjetividades das pessoas entrevistadas a partir da dimensão do espaço vivido. Mesmo sabendo que a palavra é uma fonte duvidosa, é com ela que pensamos e declaramos⁶², reconhecendo que somos humanos e, durante esse caminho, também erraremos em diversos momentos, até o fim da vida ainda iremos errar, aprender, honrar e agradecer cada ser vivo ou não vivo, animado ou inanimado que se manifesta para ensinar. “Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco de réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade” (BOSI, 2003, p. 65). Que toda verdade aqui materializada em palavra possa ser respeitada.

62. Referência à canção “Gracias a la vida”, de composição de Violeta Parra, conhecida pela interpretação de Mercedes Sosa.

REFERÊNCIAS

ABREU, Mauricio de Almeida. Sobre a memória das cidades. *In*: FRIDMAN, Fania; HAESBAERT, Rogério (Orgs). **Escritos sobre espaço e história**. Rio de Janeiro: Garamond, 2014. cap. 1, p. 27-54.

AUGÉ, Marc (1992). **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Lisboa: Letra Livre, 2016.

BARTHES, Roland (1982) **.O óbvio e o obtuso**: ensaios críticos III. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1939. 1. ed.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997. 4. ed.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (Texto compilado até a Emenda Constitucional nº 92 de 12/07/2016). Disponível em:

<http://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/ADC1988_12.07.2016/art_68_.asp>

Acesso em 02 de dezembro de 2019.

BRASIL. **Decreto-lei nº 10.088, de 05 de novembro de 2019**. Consolida atos normativos editados pelo Poder Executivo Federal que dispõem sobre a promulgação de convenções e recomendações da Organização Internacional do Trabalho - OIT ratificadas pela República Federativa do Brasil. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D10088.htm#art5>. Acesso em 06 de fevereiro de 2021.

BRASIL. **Decreto-lei nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/D4887.htm> Acesso em 02 de dezembro de 2019.

- CARNEIRO, Edison. **O Quilombo dos Palmares, 1630-1695**. São Paulo: Brasiliense, 1947.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTE, José Luiz. **A lei de terras de 1850 e a reafirmação do poder básico do Estado sobre a terra**. São Paulo: Revista Histórica, 2005. Disponível em: <<http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia02/LeideTerra.pdf>>. Acesso em 18 de março de 2021
- DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.
- DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. **Ser afetado**. Cadernos de Campo, n. 13. p. 155-161.
- FELIPE, Márcia Leyla de Freitas Macêdo. **O protagonismo feminino: Comunidade Quilombola Sítio Arruda em Araripe – Ceará**. UNISINOS, 2018.
- FIABINI, Adelmir. Os quilombos no Rio Grande do Sul: resistência e negação à ordem escravista. *In*: **Anais Eletrônicos - IV Encontro Internacional de História Colonial, Mundos coloniais comparados: poder, fronteiras e identidades**. UNEB. Salvador: EDUNEB, 2017.
- FRANÇA, Vera V; SIMÕES, Paula G. **Curso básico de Teorias da Comunicação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- GAÚCHA ZH. **Restinga: a reportagem**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/especiais/restinga/a-reportagem.html>>. Acesso em 08 de maio de 2021.
- GEERTZ, C. (1926). **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOOGLE MAPS (Quilombo Flores), 2021. **Google Maps**. Disponível em: <maps.google.com>. Acesso em 23 de janeiro de 2021.
- HAESBAERT, Rogerio (2004). **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016. 10. ed.
- HALL, Stuart. (1992) **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 11 ed.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC RIO, 2016.
- HARVEY, David. (1989) **Condição pós-moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Loyola, 2008. 17. ed.

- MAESTRI, Mario. Pampa negro: Quilombos no Rio Grande do Sul. *In*: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. pp. 290-331.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (1922). **Argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MEDINA, Cremilda. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. *In*: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem de cultura de massa**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- NASCIMENTO, Abdias. **Quilombo: vida, problemas e aspirações do negro**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo, 2003.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PACHECO, Dennis; ALCADIPANI, Rafael. **Negro correndo é ladrão?**. Revista Piauí, 11 de novembro de 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/negro-correndo-e-ladrao/>>. Acesso em 19 de abril de 2021.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1991.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, 2018. P. 44-51. Disponível em: <<https://piseagrama.org/somos-da-terra/>>. Acesso em 19 de março de 2021.
- SANTOS, Irene (Org.). **Negro em Preto e Branco: história fotográfica da população negra de Porto Alegre**. Porto Alegre, 2005.
- SOUSA, Bertone Oliveira de. A Memória como Elemento de Construção de uma Identidade Cultural. *In*: **Anais do I Congresso Nacional e II Regional de História de UFG**. Jataí, 2008.
- SUL 21. **Especiais**. Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<http://especiais.sul21.com.br/>>. Acesso em 08 de maio de 2020.
- TUAN, Yi-Fu. (1930). **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios negros em Porto Alegre/RS (1800 – 1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. Dissertação (Mestrado em Geografia)

– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/177570>>. Acesso em 23 de janeiro de 2021.

ANEXO A – O caminho da titulação de um território quilombola

O primeiro passo do caminho para a titulação de um território quilombola é a inscrição da autodefinição no Cadastro Geral junto à Fundação Cultural Palmares (FCP), entidade vinculada ao Ministério da Cultura responsável por “promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira”⁶³, que expede a certidão na forma do regulamento. O Quilombo Flores recebeu sua certidão em 15 de agosto de 2017, assinada por Carolina Conceição Nascimento, diretora do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro.

Destaco aqui alguns artigos do Decreto Nº4.887/2003:

Art. 2º Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida. Vide ADIN nº 3.239

§ 1º Para os fins deste Decreto, a caracterização dos remanescentes das comunidades dos quilombos será atestada mediante autodefinição da própria comunidade.

[...]

Art. 3º Compete ao Ministério do Desenvolvimento Agrário, por meio do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pelos remanescentes das comunidades dos quilombos, sem prejuízo da competência concorrente dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

É preciso abrir um processo no Incra, reunindo documentos que possam comprovar o vínculo da comunidade de remanescentes com a ancestralidade quilombola. Depois, a FCP certifica o quilombo. Certificado, começa a realização do Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID) que contempla a elaboração do relatório antropológico, do levantamento fundiário, do mapa e do cadastro das famílias. A comunidade tem o direito de participar da elaboração do RTID. Depois, o Comitê de Decisão Regional (CDR) do Incra aprova ou não o relatório e o libera para que seja público. A publicidade se dá a partir da publicação nos Diários

63. LEI Nº 7.668, DE 22 DE AGOSTO DE 1988. “Autoriza o Poder Executivo a constituir a Fundação Cultural Palmares (FCP) e dá outras providências”. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17668.htm#:~:text=1%C2%BA%20Fica%20o%20Poder%20Executivo,Art.> Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

Oficiais da União e do Estado, e da afixação do relatório no município em que está o território. O Incra notifica os vizinhos e ocupantes do território quilombola, que têm, a partir dessa notificação, 90 dias para qualquer contestação. O RTID também é encaminhado pelo Incra para a Fundação Palmares, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Superintendência do Patrimônio da União (SPU), Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Conselho de Defesa Nacional, Serviço Florestal Brasileiro, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Instituto Chico Mendes e os órgãos ambientais estaduais para que se manifestem em até 30 dias. Se algum órgão manifestar alguma restrição, o Incra terá 30 dias para tomar as medidas cabíveis.

A partir daí, diferentes caminhos são possíveis no processo a depender de sua situação fundiária – se o território está em área de preservação, se fica dentro de uma propriedade privada, se está em uma terra do Estado, se está em sobreposição a terras indígenas. Cada uma dessas situações leva a uma ação diferente que pode envolver a Casa Civil, a Advocacia Geral da União (AGU), a SPU, entre outros órgãos vinculados à situação da terra em questão (como a FUNAI, em caso de estar se sobrepondo a uma terra indígena). As informações foram compiladas e organizadas pela Comissão Pró-Índio de São Paulo.

Figura 10 – Cartilha “O Caminho da Titulação das Terras Quilombolas”, organizada pela Comissão Pró-Índio de São Paulo (CPISP) em 2015.

Existe ainda uma série de decretos, portarias, leis, inscrições normativas, entre outras categorias jurídicas de documentação que envolvem as questões quilombolas e podem ser consultadas para maior aprofundamento⁶⁴.

64. Disponível em <<https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/leis/>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

ANEXO B – Entrevista com Geneci (decupada na íntegra)

L: Hoje é dia 23 de fevereiro, duas e trinta e quatro da tarde, a gente tá aqui no Quilombo Fores, eu e a Geneci, pra iniciar as entrevistas pro meu projeto de pesquisa de finalização de curso na área de jornalismo.

Geneci, queria te informar qual é o objetivo dessa pesquisa, te refrescar, caso não lembre, que é ver como vocês aqui da família Flores percebem a relação de vocês com esse território, que é o território que vocês defendem, que vocês moram. Então as perguntas serão nesse sentido, como tu sente a relação com o espaço, sabe. E a primeira pergunta que te faço é: quem é Geneci?

G: Geneci é uma mulher preta, uma mulher guerreira, uma mulher (ahn) batalhadora que luta pela resistência, né, pela resistência da minha família, pela resistência do meu povo, que eu acho que no Brasil 80% somos pretos, pretos sofredores, 520 anos de luta. Infelizmente vão ter que lutar mais um pouco, infelizmente eu acredito que meus neto, meus bisneto vão ainda estar lutando, que é uma luta sem fim, mas eu quero deixar minha história registrada para eles ter orgulho, para eles saberem de onde que eles vieram, e a luta que a gente vê que meus avós, tataravós tiveram pela minha mãe, né, eu to tendo por eles. E espero que eles continuem. Então é um registro né, é um registro pra ancestralidade, da história deles, da história do povo brasileiro.

L: E de onde que eles vieram?

G: Bom, a minha mãe vem do Quilombo dos Alpes, meu pai vem de Bom Retiro do Sul, meu pai era curandeiro né, se instalou nas bacias ali da cidade baixa. Primeira moradia dele, junto dos quilombos que tinham entre ali, que são um povo acolhedor, são povos que abrem as portas pros nossos irmãos que precisam. Que jamais vira as costas pros nossos irmãos quando precisam. Primeiro casamento dele, conheceu a primeira mulher ali mesmo, na cidade baixa, que ela ia nos terreiros lá, ela gostava de acompanhar lá os terreiros, as lutas, a capoeira, tudo que a nossa cultura oferec., Conheceu ele lá, trouxe ele pra cá porque ela já tava no bairro Glória, no 285, que ela ja morava aqui porque ela trabalhava pros sinhozinhos né em troca de

serviço eles deram moradia, que na época era assim. E aqui ele começou a fazer serviço pro patrão da mulher dele atual.

L: Que era a Dona Diva.

G: Era a dona Diva. Ela já tinha uma filha quando ele conheceu ela, só que não era registrada, e ele adorou a guria, registrou ela, morou um bom tempo aqui com eles, com ela né, construiu uma nova família aqui com ela, e, em troca da moradia, também fazia serviço pra casa do patrão dela.

L: Dos Azambuja.

G: Dos Azambuja. Tempo se passou, ele se espalhou porque ele era engraxate e ele gostava de engraxar na praça XV, a raiz dele ali do centro, pessoal que ele conhecia, apesar de ele ter vindo da cidade baixa ali onde tinha quilombo, ficou ali porque quando ele saiu de Bom Retiro do Sul foi o primeiro lugar que acolheu ele, né. Então ele teve, ele sentiu que ali tava firme, ele sentiu que lá tinha irmãos de cor, irmãos de luta, então ele não largou o centro assim. Foi trabalhar na cidade baixa, engraxar sapato na praça XV, trabalhou anos e anos lá e no meio tempo ele trabalhava pros azambuja aqui.

Dona Diva faleceu e ele continuou a mesma rotina dele, tocava na casa de Umbanda da Gruta ali, né, viveu a vida dele, trabalhava de engraxate, se virava como ele podia né, como todo povo brasileiro se vira de uma maneira ou outra. E ali ele conheceu minha mãe, que minha mãe frequentava o terreiro, que miha mãe era amiga da prima dele. Minha mãe veio do Quilombo dos Alpes, frequentava a casa, ele batia tambor ali né, fazia as ervas dele, que ele dava banho de erva.

L: Aonde, no Alpes?

G: Não, a minha mãe morava no Alpes. Ele morava aqui mesmo, na manduca Rodrigues 283. A casa que eles frequentavam é ali na gruta ali, bem ali na gruta, ali na Oscar Pereira, sabe? a minha mãe se dava com a prima dele e convidou ela “vamo la na casa la, que tem meu

primo lá”, que minha mãe também frequentava os terreiros né. Daí ela começou a frequentar lá e gostou da casa. Foi ali que ela conheceu seu Adão, meu pai, né. Como ele era solteiro, era viúvo, né, ele gostou dela, se gostaram, resolveram criar uma nova família, né. E nessa nova família, minha mãe já tinha já cinco filhos né, como ele pegou já da dona Diva, ele resolveu assumir também os outros cinco filhos do meu pai, do meu pai não, da minha mãe né. Então mandou ela vir morar com ele aqui na Manduca Rodrigues 285. Daí ela desceu lá do Quilombo do Alpes, trouxe os filhos dela, e ele ajudou ela a criar os filhos.

Nesse meio tempo aí moraram um bom tempo aqui, teve o meu irmão Gerson Luis Flores da Silva, eu que somos os únicos filhos dele mesmo né, mesma mãe. Daí quando eu tinha três anos e o Gerson pra quatro, ele tinha uma doença na perna né, mesmo tendo a doença ele não deixava de trabalhar, não deixava de trazer o pão de cada dia pra casa porque ele sabia que tinha as boquinha pra sustentar, que ele tinha assumido. Minha mãe trabalhava no posto de saúde Glória, né, onde se aposentou, trabalhou 40 anos lá de faxineira, não, a gente fala que é serviços gerais, né. E nesse meio tempo os dois trabalhavam dum lado, ela do outro. Ele trabalhando pros Azambuja e nos engraxate dele. O que aconteceu. Ele viu que os Azambuja meteram pressão porque, como a Dona Diva tinha falecido, eles pediram de volta o Quilombo, meu pai se negou, dizendo que ele trabalhou de graça, que foi uma troca né, que ele só veio aqui pra registrar nossa origem, que isso aqui era um Quilombo, que meu pai como era curandeiro ele tinha visões, ele enxergava as coisas, então ele sentiu que aqui era o chão dele, que de repente já teve coisas já que aconteceram aqui, então de repente ele só veio através, ele só, Deus, os santos, Oxalá, só trouxeram ele pro lugar de repente que ele já tinha passado né.

Com três anos, faleceu na noite de ano novo, com um ataque cardíaco, morreu em casa. Mas nesse meio tempo ele sentiu que não ia longe, pra os Azambuja não retirar minha mãe daqui, porque minha mãe é analfabeta né, ele pegou e pediu pra irmã dele pegar nossa guarda meu e do meu irmão, pra poder tentar continuar a ação do usucapião que era uma ação que ele já tinha entrado de usucapião. A posse né.

L: A irmã dele qual o nome?

G: A irmã dele, aí e agora, esqueci o nome da mulher. Me esqueci o nome dela. Me deu um branco. Depois quando eu me lembrar te digo. Daí ela ficou um bom tempo, mas a prima dele que se dava com minha mãe começou a botar pilha dizendo que ela queria o terreno pra

vender, né, ia passar a perna nela, ia deixar a gente na rua, ia fazer trato com os Azambuja. E minha mãe entrou e pediu nossa guarda de volta. Como ela pediu nossa Guarda de volta, a minha tia não podia mexer com a ação de usucapião. Minha tia só podia mexer com a ação de usucapião enquanto estivesse com a nossa guarda né. Que é uma coisa pra cá pra gente né. Dai minha mãe nunca mais mexeu, uma ação de usucapião, né, então na verdade já era 20 anos que (*inaudível*) morava aqui, mas eu to com 42, já são 60 anos de território, aqui no bairro Glória a maioria tinha terreiro de montão aqui, tinha umas seis, sete casas de terreiro aqui na rua.

L: Na Manduca mesmo?

G: Na manduca mesmo. Aham. Aqui era barro, era uma casinha longe da outra, tinha bastante pessoas negras, pessoas de cor, agora que tá tudo mudado né, agora se tu for contar tem três famílias, quatro famílias negras aqui na minha rua.

L: Isso tudo tu te lembra?

G: sim

L: Ou te contaram?

G: Sim, sim. Umas faleceram, umas se mudaram, então umas eu convivi né, convivi com algumas pessoas, porque antes as pessoas eram mais unidas antes, né, agora que tá cada uma no seu quadrado. Porque são pessoas novas, moradores novos, tudo que acontece aqui eles não dão, sabe, não tão nem aí, não oferecem ajuda né, eles não tão, não se envolvem. É triste.

Aqui, por exemplo na minha rua aqui, ó, onde eu brincava, eu sempre falei pros meus filhos né, tem o João, tem o William, sempre mostrei pra eles né a realidade do mundo, né. Porque sempre falei com eles, conversei com eles falando que (ahn) às vezes por mais correto que tu seja, as coisas acontecem né. Pelo simples fato de tu andar do lado da pessoa, às vezes acontece né. Aqui na rua aqui o único preto era o meu filho. O único preto que morava na rua dos fundo, na rua sem saída, no Caveirinha, que a mãe é diarista, que a vó era faxineira, era nois né, no final da rua, o resto era tudo branca. Então quando eles foram jogar bola na calçada, na rua, nos vizinho, eu sempre conversava com ele sobre isto, ó os carro, olha os vidro dos

vizinho, porque o que quebrar tu acha que eles vão querer botar a culpa, vão botar a culpa em ti, porque tu é mais escurinho, porque tua mãe mora lá, vão chamar de mal educado, tu vai querer conversar, te explicar, e tu acha que eles vão querer te ouvir? Não vão querer te ouvir. Porque são mães, são pessoas filhas de empresário, são filhas de professoras, são filhas de pessoas alto padrão. O único preto, pobre, humilde era ele né. E aí sempre conversei com ele sobre isso.

Sempre tive medo de os meus vizinhos brancos vir convidar eles pra jogar bola, pra andar de bicicleta na rua, sempre tive medo de deixar, liberar eles por causa disso. Eu liberava, porque eles tem que, não adiante, a gente não cria os filho pra gente, a gente cria os filho pro mundo né, então sempre liberei, mas sempre liberei no aviso né, sempre deixei avisado, né, assim, sempre falei pra eles “cuida”, “ai porque foi fulano”, “mas não interessa, tu é o único preto que tá ali no meio dos branco, tu acha que eles vão botar a culpa, vão dizer onde é que tu mora, aí tu vai dizer ah eu moro lá naquela comunidade ali no fim da casa, daí vão vir aqui ver a casa humilde, né, pessoas trabalhadeiras, honestas, mas é humilde. “no que tua mae trabalha?” “ah, minha mãe trabalha de faxineira” “e a tua vó?” “trabalha isso”. aí vai na casa do vizinho. “o que tua mãe é?” “ah minha mãe tem uma firma, é empresária, pai advogado”. tu acha que, qual fala, em quem eles vão acreditar mais, né? Então sempre, até o William mesmo, sempre deixei bem aberto pra eles, então é triste tu deixar eles sozinhos no colégio, (*indaudível*) super mercado, mas sempre com esse medo de eles serem confundidos com alguma coisa de ruim né. E a gente sabe que eles não são né. Porque quantas vezes a gente vê no jornal, na televisão aí, que pela cor da pele as pessoas julgam né. Tantas pessoas são presas aí injustamente porque é parecido com um outro preto lá, e tão lá, ó, ficam um ano, dois anos lá. Então até, isso aí meu maior medo, não só pra mim né, como pros meus sobrinhos, minhas sobrinhas, né, com os parente. O maior medo da gente é esse. Porque infelizmente hoje a cor da pele, né, distingue o que a gente é do que a gente é, eles não olham a gente pelo caráter, pelo que as gente são, então infelizmente é isso. É triste, é triste. Como eu já vi minha mae passar várias vezes por isso também, por causa dos meus irmão, porque eram preto. Ficavam na esquina ali, a polícia batia neles, umas quantas vezes, querendo que eles falassem uma coisa que eles não fizeram e eles apanhavam por dizer “não, não fui eu, não fui eu”, e eles queriam que eles afirmassem.

L: Isso aqui na região?

G: Sim, aqui na região, aqui na esquina aqui de casa. Os meus irmãos parar ali pra conversar e eles encarnarem no meu irmão pela cor da pele. (*inaudível*) fez alguma coisa. E como eu disse aqui, acho que todo quilombo é um centro acolhedor né. Antes tinha o Caveirinha aqui, bem do lado da nossa casa, o Caveirinha descia o único campo de futebol que tinha aqui na região Glória era o Caveirinha. Vinha pessoas da Renascença, pessoa do Belém Velho, da Embratel, né, do morro da Polícia, vinha gente de um monte de lugar pra jogar no Caveirinha, então todo mundo conhece o Caveirinha. Todo mundo conhece. Aí eles passavam ali ‘ô vizinha, posso?’ “Não, pode sim”. Nunca teve briga, nunca teve desavença nem nada né, então por esse, por a gente ser um quilombo acolhedor, porque o quilombola é uma pessoa acolhedora né, independente de quê, é pessoas que fazem trabalho social, que gostam de ajudar as pessoas, que gostam de construir, então isso aí muitas pessoas a gente como julgadas né, porque a gente acolhe as pessoas que são igual a gente né.

(som ao fundo, carro de som passando na rua vendendo algo, *inaudível*)

Pessoas que precisam da gente. Como jogar futebol ali no Caveirinha, pessoas que sentiam. Vinha família aí, respeitavam, jogavam futebol, nunca teve briga, nunca teve nada de errado, as pessoas vinham de manhã aí e ficavam até a noitezinha jogando bola no Caveirinha, porque realmente é um centro acolhedor, é um lugar onde as famílias se sentiam bem porque sabiam que não tinham conflito.

L: E quando tu era criança já tinha o Caveirinha?

G: Já tinha o Caveirinha.

L: O que tu te lembra, assim, da tua infância?

G: Ah do pessoal, as pessoas batendo aqui na porta, na frente, perguntando quando que tava liberado, se eles podiam jogar, e a gente liberava ‘não, tranquilo’. E as pessoas conheciam a gente onde a gente ia por causa disso, porque sabiam que a gente morava, sempre moremo aqui no Quilombo, e falavam “ah aquela lá mora no Caveirinha”, né. Então as pessoas reconheciam a gente na rua por causa disso.

L: Uhum.

G: E a gente conhecia muitas pessoas por causa disso também, então pessoas de várias região, a gente conhecia por causa disso, a gente parava pra conversar, a gente vinha, conversava, se comunicava com as pessoas e as pessoas falavam né. Daí a gente conhece, se conhece, aprendemo a se conhecer, aprendemo a se respeitar um ao outro né. Daí isso pra nós é muito gratificante, esse tipo de coisa. Tanto é que até hoje projeto social eu sempre gostei de fazer né, sempre me envolvi com projeto social porque é uma coisa que já é minha, já, é uma coisa que é da gente. Minha mãe nunca fez trabalho social, mas minha mãe se tinha uma pessoa precisando de alguma coisa que ela tinha um quilo de arroz, ela dividia meio pacote de arroz praquela pessoa pra ficar com meio. Então ela nunca se envolveu com trabalho social assim fora aqui do Quilombo, mas esse tipo de coisa que ela via lá no postinho que tinha uma mulher triste, sem roupa, sem isso, aquilo, o que ela pudesse largar o serviço dela e vim aqui, pegar uma roupa dela pra levar pra uma pessoa que tava no postinho, ela fazia isso. Se ela tivesse que pedir, pedia fiado no barzinho lá, ah me vende tanto pra mim aí, e a pessoa vendia porque sabia que ela era (*inaudível*) dava pra ela, pra ela dar pra outra pessoa entendeu. (*inaudível*) sempre teve essa (*inaudível*) social. Então isso daí é muito gratificante. Eu onde que eu vou, onde que eu e meus irmão vamo, conhece todo mundo, como eu te disse, muita gente conhece eles por causa disso, por causa do Caveirinha, né, porque a gente sempre morou aqui. Muitas pessoas conheceram por causa do Colégio e por causa do caveirinha, porque vinha pessoas de longe pra jogar no caveirinha.

L: Então antes de se chamar Quilombo, de vocês se auto-intitularem Quilombo da Família Flores, vocês chamavam de Caveirinha? Vocês diziam que moravam no Caveirinha?

G: Não, Caveirinha era um campo de futebol que o apelido dele foi Caveirinha, então o endereço, o nome não mudou. Mudou só quando a gente se auto-intitulou quilombola né, que a gente resolveu resgatar nossa história, resgatemo nossa história, de onde que meu ai veio, a origem do meu pai, da minha mãe. E a gente viu que realmente a gente é Quilombol. Porque se for ver mesmo 80% no brasil são quilombola. São miscigenação ams tem um pé na África, se tu olhar bem. Se todo mundo resolvesse se autodeclarar, se todo mundo resolvesse resgatar sua

história, óbvio que não resgatam porque eles têm medo né, as pessoas têm medo, do que a nossa ancestralidade sofreu né. Porque a gente tá lutando, até hoje a gente luta. Os crimes são descaradamente bem descarado. AS coisas acontecem e nada se resolve. Passando os panos quentes né, daí vão deixando, deixando, deixando, por isso que as pessoas não se autodeclaram, por causa do medo né, por causa disso. Porque senão, se fosse todo mundo se autodeclarar... 80% é quilombola aqui no Brasil. É muito grande.

L: E essa relação com o espaço, com o quilombo aqui, tu tem alguma lembrança de infância específica assim pra compartilhar?

G: Tenho quando, as pessoas, os vizinhos brancos, né, os meus amigos também que eram branco né, como eu tinha te falado, tinha bastante ahn, gente branca aqui na rua, depois que as pessoa preta foram embora, foram mandado pra outro lugar bem longe, bem distante, os vizinho viam (*inaudível*) a gente pra chamar aqui, pra brincar, e ficavam surpreendidos com o cipó, ficavam surpreendidos com nossas brincadeiras né, brincadeira de bolita, que é o cipó no riacho cascata, ficavam surpreendido com a brincadeira do tabuco. Que a gente pegava taquara, botava bolinha e fazia uns tabuquinho. Então eles ficavam surpreendido com esse tipo de brincadeira.

L: O que é o tabuco?

G: Tabuco é uma taquara assim, tem um burquinho na taquara, daí pegava uma outra taquara mais fina ainda, entendeu, pra enfiar ali, botava um pedaço de taquarinha na ponta, botava uma bolinha de cinamomo ali, e... (silêncio)

L: Jogava.

G: Jogava. Quando eles vinham brincar aqui do (*inaudível*) no mato, entendeu. então isso aí pra mim é gratificante, porque as pessoas aceitavam a gente. As crianças, que não tinham maldade, da minha idade, não tinha essa visão maldosa, não se importavam com quem a gente era entendeu. O meu medo não era pelas crianças, meu medo (era) pelos adultos, o que os adultos pensavam. Porque pras crianças eles ficavam a tarde toda, o dia todo brincando aqui no

território, entendeu, porque pra eles era diferente. Pra eles era diferente a nossa brincadeira, entendeu. Porque a gente não tinha brinquedo, a gente não tinha boneca, a gente não tinha videogame, a gente não tinha skate, a gente não tinha nada disso que eles tiveram entendeu. Era brincadeira simples, mas eram brincadeiras gostosas, sadias. Como te falei, esse tabuco, as latas aquelas, a gente pegava as latas de Nescau, botava cordinha, fazia corrida com a lata de Nescau, entendeu. Bolinha de sabão, que a gente pegava as folhinha de bananeira ali, pegava a bolinha. Enquanto eles tavam pegando canudo, *bababá*, a gente não, a gente pegava na natureza. Então pra eles também, eles gostavam de brincar aqui por causa disso, era tudo original. A gente brincava porceladão, aqui era um matagal, a gente se escondia, brincava no cipó de um lado pro outro. Tudo são coisas originais que, por mais dinheiro que as famílias deles tivessem, não ofereciam pra eles, entendeu. E aqui tinha. Então isso é gratificante. E ver eles vindo aqui né, na humildade que a gente era, e eles vim. De eles vim com “ah eu trouxe uma bolachinha recheada”, “ah eu trouxe uma bolachinha pra..” entendeu? Essa troca, sabe, ter essa troca, “ah trouxe uma coisa, isso e aquilo”, porque sabia que a gente não tinha tantas condições, eles vinham, que daí a gente comia tudo junto. Brincavam aqui. (*inaudível*) Quando as mães não chamavam, eles ficavam aqui. Eles ficavam brincando. As mães tinham que chamar quando tava anoitecendo, senão aqui eles ficavam. Então, isso daí é gratificante.

Como eu te falei né, o meu medo não é quando meus filho brincam no território, brincam aqui. Meu medo é quando meus filho botam o pé do portão pra fora. Meu medo é esse. Como te falei, quando eles tão aqui nos nossos olhos, a gente sabe que eles tão tranquilos, tamo olhando, tamo vendo. Agora a partir do momento em que botam o pé pra fora, a gente não sabe o que acontece. Não sabe o que vai acontecer com eles. Então é, infelizmente é assim. Como eu falei pro coiso, “né, William, agora eles vão partir, ta vendo aí o negócio aí ó, pros policial tu pode ser confundido com bandido, e pros bandido tu pode ser confundido com outro bandido.”, entendeu. Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come. Nõs ficamos na, na (*inaudível*). Então quando eles saem, tanto o João como William, como meus sobrinhos, todo mundo, que essas conversas a gente tem, a gente passa pra eles. Eles tem que ter consciência né, ter pelo menos uma reação, pra eles poderem se defender de alguma maneira. É assim, o nosso mundo que a gente vive né. Como te falei, 520 anos de ... nada muda.

L: E o teu pai, tu falou que ele faleceu quando tu tinha 3 anos né. Tu lembra alguma coisa dele?

G: Lembro. Eu me lembro que quando ele vinha do serviço, a primeira coisa que ele fazia era me pegar no colo pra conversar comigo, perguntar como foi meu dia, mas vagamente entendeu. Que ele trazia fruta pros meus irmão, que ele vinha do centro, trazia do centro, comprava coisa pros meus irmão comer. E a que era mais agarrada comigo era a Nara, a minha irmã, e meu irmão que faleceu, tinham uma paixão comigo. Jarara que conta, ficavam os três me bajulando. A caçula né, dos filhos da minha mãe eu sou caçula dela. Daí tanto que a minha irmã vinha me pegar pra ir pra casa dela. E o meu irmão que faleceu, a minha Nara disse que ia na rua e falava que eu era filha dele. “não essa aqui é minha filha”. Meu irmão, de tanta adoração que diz que ele tinha né. E a minha irmã fala até hoje, “teu pai era uma pessoa maravilhosa. Me ajudou de montão.” minha irmã fala isso. “Uma alma maravilhosa, me ajudou de montão”. Pantava as erva, dava banho nos meus irmão. Meu irmão uma vez falou “se não fosse teu pai, eu não sei se a gente estaria vivo até hoje”.

L: Por quê?

G: Porque antigamente tinha muitas doenças, entendeu? E ele curava essas doenças através de coisas naturais, de ervas naturais, teve meu irmão que morreu com ataque da bixa, ataque de vermes entendeu. Um outro morreu afogado né. Foi pescar resolveu nadar, se afogou e não (*inaudível*). E tiveram as doenças, as bicha, feridas isso e aquilo. E meu pai, com as ervas, com os chás dele, curava meus irmãos. Meu irmão esse que fala, se não fosse teu pai eu não estaria aqui até hoje.

L: Era um curandeiro.

G: Era um curandeiro. As pessoas vinham de longe pra ele dar banho, pra ele fazer as rezas, pedindo os chás, pedindo pra ele o que tomar, as receitas, porque ele era um curandeiro.

L: E alguém ficou com esse conhecimento?

G: Só o Gerson. O Gerson tem um pouco dele ainda, que ele vai com o irmão do pai de santo dele, né. O pai de santo dele faz os trabalhos e onde o Pai de santo dele vai, leva ele junto. E às vezes ele mesmo fala “ô pai Jaime, tu não tá esquecendo de alguma coisa?” até lembra o pai dele. “Ah é mesmo, meu filho, já tinha me esquecido!”. Então o Gerson sabe já de cor como fazer os trabalhos, como fazer as coisas. E até quando ele vai, quando ele vê alguma coisa, assim, quando eles são convidado pra ir numa casa de santo, tem que fazer essas coisas, ele fica prestando atenção, olhando, fica observando o que as pessoas fazem e depois ele comenta com o pai de santo dele. “o pai Jaime, aquilo que a fulana fez não tava errado? Não é isso a comida do santo tal, a comida do santo tal não é isso e aquilo?” e o pai diz é meu filho, mas cada um tem a sua casa, e cada um faz da maneira que quer na sua casa né.

L: E essas ervas eram plantadas aqui nesse terriório, no Quilombo?

G: Sim, ele pegava tudo daqui. Tinha uma horta ali em cima. Aí mesmo com coisa na perna, que ele tinha um defeito na perna, ele. Ele morreu mesmo era dormindo.

L: O que ele tinha na perna?

G: Não sei o que ele tinha na perna, sei que ele puxava uma perna. Minha irmã que pode te dizer melhor, vai falar contigo na quarta-feira e pode te dizer melhor. Ele ajudou muito ela. ela sempre teve gratidão por ele. Então, né, é bem bom ter orgulho disso né, como te falei, né, a partir do momento que a gente resgatemo nossa história, aí a gente vimo que realmente nós não tamo aqui à toa.

L: E esse relato que tu traz de bastante medo, né, de que os filhos sejam julgados pela cor da pele, sejam incriminados de alguma forma por isso, tu tem alguma lembrança do teu pai também te passar essa visão ou a tua mãe?

G: Não porque eu era novinha né, eu tinha 3 anos né. E a minha mãe é uma pessoa que nunca ligou pra essas coisas, nunca deu bola pra essas coisas, porque ela era uma mulher muito sofrida também, foi uma pessoa muito sofrida, morava com meu vô nos Alpes lá, se virava com os filho dela, também era uma pessoa muito batalhadora. A minha vó ajudava ela, meu vô

ajudava ela a cuidar dos filho. E ela é uma guerreira. Acho que ela é uma pessoa guerreira. Tanto que a que mais sofreu foi ela né, sempre teve diabetes, sempre teve problemas. Então meu vô, meu vó, são cinco irmão que ela teve, cinco irmã e ela que tinha mais problemática né, os filho, dois filho morreu, né, essa criação que ela teve que criar os filho sozinha, né, sempre trabalhando, batalhando, (*inaudível*) pela ignorância porque ela não sabia ler nem escrever, né.

Ahn, de cinco filhos só restou ela, das que mais tinha problema, pra tu ver como ela é forte né. As que tinham menos problema, que eram mais light, que tinham mais estudo que ela, que ela não tinha (*inaudível*) nenhuma, as quatro tudo se foram, e ela ficou. Sempre foi uma pessoa doente e ficou. Ta aí né. 75 anos. Como eu falei né, reconhecimento. tem que... E aquilo que eu falo, o que ela não me passou eu tô resgatando e passando pros meus filhos, eu passo pros meus filhos. Então é muito importante pros meus filhos também poderem passar pros netos né. E assim vai. Tem que ter orgulho do que a gente é, da onde que a genet vem. Aprendendo né o que as pessoas pensam da gente pensar. É bom tu ir nas comunidades e as pessoas te reconhecer né, saber que tu mora no quilombo, saber que tu mora onde tinha o Caveirinha, saber da onde é que tu veio né. Então é bom isto. Então tu passar pelas pessoas e elas te perguntarem “o que é quilombo?” e tu ir lá, explicar pra elas, falar pra elas né. Que nem esse negócio da vacina né, que minha Nora trabalhando no serviço dela, a colega dela uma loirinha, disse que é uma loirinha, e ela me falou como as pessoas são preconceituosas. Perguntou. O chefe dela falou que tem que vir amanhã, soltar mais cedo pra vir tomar a vacina, ela ouviu ele falando e ela falou “por quê?” ah porque tem a vacina do Covid. Mas como é que tu vai tomar e eu não tomei ainda? Porque eu sou quilombola, moro em território quilombola, meu marido é quilombola e tem prioridade. Aí disse que a colega falou “Até nisso esses nego tem prioridade”. Aí minha colega foi conversar e falou pra ela assim “não, isso aí foi uma luta nossa, né, dos negro, tu conhece a história dos negro? isso aí foi uma conquista, não vem de mão beijada”, falou pra ela né. “isso aí”, falou também, falou que isso aí foi um débito, né, não só como o Estado tem com a gente né, pelo sofrimento que a gente sofre há 520 anos sofre, e falou pra ela assim “quem é que te garante que tu não é quilombola?” e disse que a guria ficou super, olhou pra ela assim. e ela falou “quem é que te garante que tu não tem um pé na África? quem é que te garante que o teu bisavô, tataravô não tem um *rachoracho* com uma africana lá? quem te garante isso? que depois não foi clareando tua família, que tua família não tem um... que tu tem cor. Porque tu é branca tu acha que não tem. Quem te garante isso?” Disse que a guria ficou surpresa com ela e não respondeu mais nada. E ela achou muito preconceituoso isso, entendeu.

Bah, como, até nisso, como assim. Olha o que a gente lutemo, olha o que a gente tamo lutando. Se tu for olhar nos hospitais aí, como dizem aí, ahn, as mulheres aí, tem uma mulher branca, eles deixam as mulher preta de lado pra socorrer a mulher branca porque a mulher preta tem mais resistência do que a mulher branca na dor, porque a gente tá acostumada a sofrer, e a gente tem que continuar sofrendo. Tu vai num shopping, se um preto vai num shopping, o segurança já, um branco desfila, desfila pelo shopping e não tão nem aí, agora um preto no shopping os seguranças vão atrás disfarçando pra ver o que o preto tá fazendo. O que tu vai pegar um serviço, dependendo do serviço que tu for, o preto de repente pode ter mais, até mais diploma do que o branco, ahn, pode ter mais experiência do que o branco, mas pela cor de pele preta dele, o branco tá no mesmo nível do que ele, ele ter mais qualidade que o branco, mas o que ele ganha, o branco que tem menos qualidade do que ele, ganha mais do que ele. Então são coisas assim lamentável né, lamentável, que a gente tá tentando mudar. Mas se tu for olhar mesmo é a realidade. É real. São coisas reais né. São coisas reais. Então agora tu viu o feminicídio aí, na pandemia aí, quantas mulheres que morreram. No feminicídio. No Rio de Janeiro, quantas mães choram pela Ágatha e o resto pelos seus filhos, né, por causa de uma bala perdida. Perdida não né, porque foi achada, no corpo de uma criança né. Então que eu acho assim, a família que mora numa comunidade que tem crime, ela não mora porque ela quer morar, ela mora porque é o único lugar que ela consegue morar entendeu. Porque eu tenho certeza que se ela pudesse morar num bairro, num lugar que tivesse menos bandidagem elas iam. Só que é a maneira que ela tem de, né, de moradia, né, o único lugar que ela tem pra morar. Então são coisas que a gente não escolhe, né. São coisas que a gente tem que engolir, querendo ou não a gente tem que engolir, são coisas da vida. Aí tu olha na televisão tu vê.

L: Mas aqui no quilombo nunca foi inseguro assim, ou já?

G: Não, na verdade tudo que acontecia no bairro, como eu te falei isso aqui é quilombo, é um lugar humilde, né, com pessoas humilde, tudo que era roubo, tudo que acontecia no bairro, eles batiam aqui pra ver que, né, não tinha nada disfarçando, não tinha nada ali, *bibibi bobobó* entendeu? Por a gente ser humilde, por ser preta, eles achavam que roubavam alguma coisa, que se tivesse assaltado saiu daqui do quilombo. Ah o único lugar que tem uma comunidade, que tem umas negrada, é ali na rua tal e tal e tal.

L: E tu escutou isso quando tu era criança?

G: então eu já cansei de ver minha mãe batendo de frente com os brigadiano por causa dos meus irmão. Porque meus irmão suspeita, ah porque tu é suspeito de assaltar a casa tal tal, que mora ali na rua de baixo, *bibibi bobobó*, porque... preto. Né, porque disse que é parecido contigo, *bababababa*. Como eu te falei, como aqui é o Caveirinha as pessoas paravam pra conversar, entendeu, então o único lugar que tinha esse vuco-vuco, essa energia assim de pessoas era aqui, entendeu. Que os vizinhos não tão nem aí, não dão bola pra ninguém, não ajudam ninguém. Aqui não, aqui tem essa união, todo mundo que vem aqui no Caveirinha, todo mundo que passava na frente a gente se dá. A gente conversava, a gente parava na frente pra conversar, a gente tinha, sabe, essa troca. E aqui nos vizinho não tem. Nos vizinho é assim, se gradieiam, se trancam, e ali eles ficam no mundinho deles. E a gente não é assim. A gente é aberto, né, liberal né. Então, é...

As minhas tias moravam nos morros, no morro da polícia, no morro lá. A minha prima ficava faceira comigo porque eu ia brincar com ela, porque ela podia falar pras amiguinhas dela que eu morava aqui. Ah ela mora lá perto da rua do Maccari, ali na Manduca Rodrigues. Que pro pessoal da periferia isso aqui era um bairro chique, né. Bah, porque eu morava aqui, mesmo ela não ter vindo aqui, ela me considera já uma pessoa do alto nível. Ah então ela é rica, mora ali né, bah. Porque eu ia pra comunidade, que (*inaudível*) moravam também, as pessoas pensavam a mesma coisa. O único lugar, né, que são famílias pretas, casa humilde, que a mãe era, que minha mãe trabalhava em serviços gerais, que meu pai era engraxate, isso, aquilo, era aqui, entendeu. Mas só de dizer onde é que eu morava elas não precisavam nem ver, mas sabiam que eu morava na rua tal, no lugar tal, elas já sabiam que só tinha casarão, só tinha isso, elas ficavam surpreendida. E eu chegava, elas pensavam que era o cheio né, morava lá em tal lugar né, daí depois eu fui passando pra elas que não, que eu era como elas né. Independente de elas morarem na periferia e eu morar aqui embaixo, o que elas passavam eu passava também, entendeu. Só que lá era bom de brincar porque tinha pessoas como nós, né. Pessoas humilde. Pessoas de cor, pessoas que estudavam no mesmo colégio que a gente, entendeu. E aqui é diferente, né. Aqui é diferente. Aqui por mais que as crianças, como te falei, chamavam a gente pra brincar, brincavam com a gente, a gente se sentia insegura por causa dos pais, ne, por causa das tia, não sabia qual era a visão deles. Lá na periferia as mães sabem qual é a visão nossa.

Então a gente na verdade, sempre... é triste né, mas são coisas que não é só aqui no quilombo flores, mas em todos territórios também.

L: Tu sentia então, de alguma forma, que tu pertencia mais no bairro lá da periferia do que nesse bairro aqui?

G: Sim.

L: Essa sensação de pertencimento do espaço na cidade, assim.

G: Sim. Porque a gente via, eu via o que os irmão passavam. A gente via, né, o que passavam lá, a gente ia livre pra fazer o que a gente quiser na rua, no bairro, entendeu. No que o carro da polícia passava não dava bola, ia ser só de rotina, sabe. É diferente daqui, que ta um branco, um preto junto, eles chegarem, é diferente. Então a gente se sente muito mais protegida lá do que aqui, né, no bairro. E lá na periferia todo mundo se conhece. Todo mundo sabe de onde vem. Aqui não, é como eu te falei né, cada um no seu quadrado. Ninguém tá nem aí pra ninguém, ninguém ajuda ninguém, assim que as coisas acontecem.

L: O que tu acha que causou isso de ficar cada um no seu quadrado?

G: Isso aí acho que já é antigo, né. Já é antigo de eles... é colonial já, já é antigo né, de os pretos... dividir, né. Divisão. Que as pessoas acham que por tu ser preto, que tu tá num acadêmico bom, que tu é advogado, que tu é alguma coisa, e eles acham “quê, é tu o advogado?”. Se é uma pessoa branca, fala que é advogado as pessoas não ligam, mas se tu for uma pessoa preta, for se apresentar como advogado, eles ficam te olhando, te analisando, pensando, ficam desconfiando, entendeu. Então isso aí já é antigo já. São coisas que ja são antigas já. É o preto de um lado e o branco de outro. Porque acham que o preto é só pra trabalhar com trabalho doméstico, né, preto tem que ser escravo a vida toda.

L: E como tu acha que a gente supera essa separação como humanidade?

G: A gente tem que não baixar a cabeça, né, e ir em frente. Tu não pode pegar e no primeiro obstáculo tu desistir, né. Tem que ter resistência né. Resistência. Tem que ter resistência e tem que pensar que tem mais irmão que tá passando a mesma coisa que tu, que tu tá passando a mesma coisa que ele, então tem que lutar, tem que resistir. Senão a gente nunca vai conseguir. Como eu te falei, são 520 anos de luta né. Então a gente não pode parar, como te falei, eu passo pros meus filhos, meus filhos vão passar pros meus netos, né, pra eles poderem continuar lutando. Então são coisas que vai demorar, vai demorar. Não vai ser, né. Vou dizer que muita coisa a gente conseguiu mudar, não vou dizer que 100% que é mentira, acho que (*inaudível*) % dessas coisinha que a gente conseguimos, né, mas falta muito ainda. Porque as coisas tão descaradas. As coisas tão descaradas, as pessoas não tão vendo, e fazem que não enxergam porque as pessoas não querem estar se incomodando, né, as pessoas não querem porque sofreram muito. As histórias, tem pessoas que sabem as histórias dos seus avós, histórias de sofrimento, então elas não querem resgatar pra não passar tudo isso de novo né, porque sabe quem tiver esse reconhecimento, vão sofrer. Que tem discriminação. O que o livro mostra não é a verdadeira história. Que se tu for botar pra fora a verdadeira história, muita gente vai ficar contra. Muita gente vai fica contra, muito do judiciário vai ficar contra. Então eles preferem... Pra ter controle, pra amenizar a história do seu filho. “Não filho, não é nada, é normal...” nem conta muito, nem fala muito, tá bom assim. Deixa. Porque tá bom assim porque tu não tá passando né, o mesmo que tua vó passou, né.

L: Tu considera que isso é um apagamento da história?

G: É, sim, um apagamento de história.

L: E o que tu acha que isso pode causar?

G: Como eu tinha falado né, acho que a história verdadeira mesmo, a real história, o livro não conta né. Eu acho assim que tá na hora de a gente, o povo que se reconheceu, que se autodeclarou, acho que tá na hora de abrir os olhos né. porque senão a gente vai ser manipulado pelo poder que tá aí, que eles querem manipular os poucos pretos que se reconhecem né. Que se autodeclara. Então isso a gente não pode deixar, são coisas que não é o dinheiro que pague, não tem dinheiro que pague tudo que a gente passou. Então acho que tem que abrir os olhos, o

pouco que tem, temo que continuar lutando, tem que continuar escancarando. Tu querendo ou não, o preto querendo ou não se autodeclarar, querendo ou não ouvir, vai se obrigar a ouvir porque são coisas que a gente tá botando no jornal, tá botando na televisão, tá botando no rádio, entendeu. Tentar pelo menos se conscientizar um pouco né. E conscientizar, e não só conscientizar, quem não quer lutar pelos seus direitos, quem não quer se reconhecer, que dê uma oportunidade pro seu filho, pro seu neto, né. Que dê uma oportunidade pra eles dizer “não, mãe e vó, eu quero me autorreconhecer mesmo, porque eu sou preto mesmo, e *bibibobobó*”. “não, vamos deixar assim né”. É uma oportunidade que eles têm de se autodeclarar, de reconhecer sua história verdadeira né. Então acho que tu não tem que pegar e apagar, tu tem que ser realista né, tem que ser realista. Porque mais cedo ou mais tarde, por mais que tu esconda, mais cedo ou mais tarde isso vai vir à tona, entendeu. Vai vir à tona. Tu vai ser, numa, num shopping, né, o teu filho vai ser... Vai ser o policial que vai parar ele num paredão. E vai adiantar? Não. Então é bom, por um lado, as pessoas dar oportunidade pro seu filho, pro seu neto, se enxergarem. Porque se enxergando, se reconhecendo, a sua história mesmo, pra eles poderem se defender quando isso acontecer, entendeu. Daí ele vai saber se pôr e vai saber se defender.

L: E aqui no Flores, Geneci, vocês se autointitularam Quilombo que ano que foi mesmo?

G: 2014 para 2015.

L: Recente então, né. E como que foi recebido isso por toda comunidade? Como tu me falou, né, a família é bem grande, são quase 40, mais de 40 pessoas ali no grupo de Whatsapp. Como que foi esse termo, assim, as pessoas sabiam, já tinham escutado o que é quilombo? Como é que foi isso?

G: Por ser um povo sofrido, por minha mãe ter sofrido, por minhas tias terem sofrido, por isso eles não se autodeclaravam né, porque eles não queriam voltar tudo de novo. A partir do momento em que eu resgatei a minha história, e eu botei pra eles, coloquei pra eles, eles se autodeclararam, sabe, eles se reconheceram como isto. Porque é realmente isto. Daí eles deciram “Bah”, que tinha uma pessoa que, pra lutar pelos seus direitos, entendeu. Pra lutar pelos... [Cof, cof.] Daí. [tosse, limpa garganta]. Daí foi bom por causa disso. As minhas primas

que não tinham essa visão começaram a ter essa visão, começaram a passar pras filhas delas, então é legal. É legal tu ser a fonte disso, entendeu. Tu poder ajudar (*inaudível*) por se autodeclarar quilombola, poder dar apoio, né, pros parente. Então isso aí, daí eu fiquei de passar, não só pelas minhas primas, mas pelos filhos delas. Porque os filhos delas, pros netos delas. Então isso daí, bah, pra nós é um reconhecimento absurdo né. Porque eles tem orgulho de falar assim “ah eu sou quilombola”. E pra nós é orgulho. Então pra nós é gratificante. Porque a partir do momento que nós, do quilombo Flores, se autodeclaremo quilombola, fizemos uma reunião com a tias, com os primos, contemo a história do meu pai, contemo a história da minha mãe, da onde que ela vem, são coisas que minhas tias não contaram pros filhos delas, não sabiam da história da vida delas. Pra elas era mais comum, como sofreram muito, apagar esse sofrimento da mente e não querer que os filhos delas enxerguem né, ahn... Com essa história de luta que eles tiveram, de sofrimento que eles tiveram. Ahn, daí eu poder passar isso pra ele. Aconteceu isso. A minha mãe veio do Alpes, aí disse pra eles que a mãe veio do Alpes, meu pai de Bom Retiro do Sul, ali no Alpes é um Quilombo, eu sei que vocês sabem disso, então vocês são quilombola porque a mãe de vocês nasceu lá, então vocês são quilombola. Então foi bom eu passar isso pra vocês - vocês são quilombola. Porque tua mãe, né, e eles sabem, eles sabem que a mãe nasceu no alpes, e elas poderem passar pros filho dela, pros netos dela, a história.

L: E a palavra quilombo e quilombola em si, já conheciam?

G: Sim, a gente já ouvimo falar, já ouvimo, já li em livros, vi em novelas, Chica da Silva, filmes, quilombola sim... Só que, como eu falei né, é mais fácil às vezes a gente não enxergar né, do que enxergar a realidade né. Porque é o que a gente passa né, o sofrimento que a gente passa. Então a gente não quer passar esse sofrimento pros filho, pros neto. A gente quer deixar tudo como tá né, eles não sofrendo, tá bom. Só que a gente tem que enxergar isso né. Que eles não sofrer agora, eles vão sofrer mais tarde, porque a gente cria os filhos, a gente não cria os filhos pra gente, a gente cria os filhos pro mundo né. Infelizmente o mundo é cruel. Nem sempre eu vou poder estar do lado deles pra defender eles. Então eles tem que aprender a se defender do mundo sozinhos. Então por isso, esse ano a gente sentiu que foi bom a gente se autodeclarar quilombola e poder passar pra família isso daí. Eles não tão só, né. Mostrar pra eles que eles não tão só. Tem pessoas como a gente, né, que lutam pelos nossos direitos, pela gente, né. Então é gratificante, né, de ver a família, a vacinação, imagina se a gente não se

autodeclara, se a gente não se reconhecesse... Como que a gente ia tomar a vacina, né? Minha mãe né, 75 anos, com diabetes, um monte de coisa. Então, tem uns privilégios, essas conquistas, que a gente conquistemo com nossa luta. É uma forma de reparação, né. É uma reparação isso que tão fazendo com a gente. UMA das reparação né. Então é gratificante isso. 50”28

Meu primo me fala, meu primo que tá morando com meu irmão agora, que a (*inaudível*) que fala “ó, primo, quarta-feira vacinação, agora tu vai”, “vou prima, vou, bah isso aí foi uma benção pra nós, bah, foi uma benção pra nós. bah, prima, bem capaz, foi uma benção”. Entendeu. Então isso daí é gratificante, entendeu.

L: O reconhecimento que é uma benção.

G: O reconhecimento.

L: Quem falou isso?

G: meu primo, o Marcos Antônio, tá morando com meu irmão ali agora. Uma benção. Então é um reconhecimento dele, um reconhecimento das minhas primas, a gente poder se comunicar mais, ter um grupo da família, do quilombo, todo mundo se autoidentificar, todo mundo se considerar como quilombola, como do quilombo, entendeu, fazer parte do quilombo. Nós, como parente, antes eu podia ajudar uma ou duas família, né, agora não, agora dependendo de qual projeto que o quilombo buscar, eu posso ajudar mais famílias, né, eu vou poder ajudar muito mais do que duas, três famílias, que eu ganho pra ajudar as 45 famílias, 45 primos né. Então pra mim é bem gratificante, isso daí. São coisas que eu sempre gostei de fazer. Mas sempre trabalhei em projetos de outros, agora não, agora é a coisa do quilombo mesmo, da minha família mesmo, então isso daí é gratificante. Tirando o projeto do geração tigres, também, né, que eu faço também trabalho. Uma ação social do quilombo flores ali, projeto geração tigres. É muito gratificante lidar com as criancinhas dos seis aos treze anos, as crianças da comunidade, de levar meu filho pra ir jogar com pessoas da comunidade, ter esse lazer que antigamente quando tinha (*inaudível*) 4 anos eu via o Caveirinha, eu tive com o pessoal da comunidade de ver as pessoas jogando bola no Caveirinha, meus filhos ver, ter essa oportunidade de jogar bola no centro comunitário, depois com pessoas da comunidade da Glória, da renascença, da Embratel, do Morro da Polícia, então, entendeu. Eu tô passando pra

eles o que eu passei aqui né. Que a gente tem que ser humilde, todo mundo é humano né. Tem que se dar com todo mundo né. Não tem que ter grandeza. Que ninguém é mais do que ninguém né. Então é gratificante isso, gratificante de ver os meus... Que eles podiam se empinar “ah que eu moro, ah cês moram no morro lá e...” não, entendeu. Eu ainda ia lá pro morro, eu ia ainda. Eles não, eles não vão, mas eles tão ali no centro comunitário, que é do projeto social Geração Tigres, tem crianças de várias comunidade, eu levo eles lá pra brincar com as outras crianças, das comunidades da Glória, que quando não tem festa do projeto Tigres, que eu levo eles lá nas festas do projeto Tigres, que é lá em cima, lá na comunidade, levo eles junto lá pra ter o contato com as crianças de lá, e quando não tem festa aqui no limite, na vila do limite também, que eu faço, trabalho lá, eu levo eles comigo pra eles poderem se libertar né, porque aqui agora não tem guri da idade deles, pra brincar com eles, na minha rua. Então que eles brincam só no colégio, no colégio que eles brincam com as outras pessoas, na escolinha. Porque aqui eles não têm os amiguinho de rua como eu tive, como meus irmão teve, bem ou mal vinham né... Eles não tem aqui. Aqui agora é cada um no seu quadrado mesmo, entendeu. Aqui eles só saem do portão pra ir pro colégio, pra ir no supermercado, sabe? Pra ir em algum lugar ou outro, só saem do portão pra isso. Sair do portão pra brincar com vizinho da rua, vim aqui brincar, não tem mais, isso aí não tem mais, não tem.

Então pra mim é gratificante de eu pegar e levar eles pra esses lugares. Como meu outro, o meu mais velho também eu levava. E sempre participei de projeto social, sempre gostei de... Sempre me senti mais livre, esse tipo de coisa. Nunca me senti livre aqui no Quilombo por causa disso. As pessoas são muito.. sabe? Tem uma discriminação enorme. Mas na comunidade não tem isso.

L: E aqui já tinha grade aqui na frente antes? Te lembra?

G: Ali não.

L: Aqui no quilombo.

G: Não.

L: Foi depois que botaram grade?

G: Foi, fui eu que botei. Aqui a gente vai arrumando devagarzinho.

L: Mas foi acompanhando esse movimento que tu diz de as pessoas ficarem cada uma na sua casa, né.

G: Sim. Que daí, mesmo assim, tudo que acontece aqui eles bizoiam. Eles não dão palpite. Eles ficam catando o que tá acontecendo. Para um carro ali na frente e eles ficam catando o que é que tá acontecendo, o que é que o carro vai fazer ali, entendeu. Tudo eles catam. Tudo eles catam. Eles não se envolvem em nada, mas eles ficam catando pra ver que tá acontecendo ali. Sendo assim né, para um carrão ali na frente eles querem saber, que é. Tipo assim, sabe? Que na casa deles pode parar quantos carros quiser, que é normal. Pra nós, pro quilombo não é normal um carro parar ali na frente pra vir conversar com nós, ficar conversando com nós. Que para um carro grande na frente eles pensam que é alguma coisa, alguma treta que a gente tem, alguma cobrança, sabe? Um oficial de justiça, alguma coisa ruim que tá acontecendo. Nada é coisa boa, de bom, infelizmente é assim.

E a luta continua. A luta com os Marista ali por causa do muro. Com esse negócio da epidemia agora piora a lentidão né. Então é, o medo também, né. A gente sabe como é que tá acontecendo lá, ahn, duas semanas atrás veio, parou um carro ali, (*inaudível*) diz que viu, que era da marinha, não sabia, marinha, que fez a volta e ficou olhando, na frente da casa dele ali e diz que tava olhando o terreno do lado e perguntou pra ele o que ele tava fazendo ali. E ele “não”. Perguntou “vocês tão perdidos?”. E eles “não não obrigado”. E perguntou “aqui que é o quilombo do flores?” e ele disse “é, aqui é o quilombo do flores”. E até hoje não sabemos o que eles querem. Então a gente tá sempre... A gente não tem, ahn, um minuto de conforto, a gente tá sempre de olho, sempre esperando alguma coisa, sempre com medo de que vá acontecer alguma coisa. Sempre.

L: Alerta?

G: Sempre em alerta. Não só como aqui, como nos outros quilombos também. Tá sempre em alerta aqui. Sempre. Porque eles fazem tudo debaixo dos panos. Quando vê, as coisas acontecem né. Então a gente tá sempre em movimento, sempre em alerta, pra gente ver

como é diferente a gente pediu pros nossos advogados, né, daí eles orientam a gente, tamo sempre em alerta, porque a gente nunca sabe o que vai acontecer. Como eu te falei, a gente nunca sabe o que vai acontecer quando a gente bota o pé do portão pra fora. Dependendo do que acontecer, (*inaudível*) direito, né, porque a gente não sabe. Então, é triste.

A minha mãe tem a visão do negócio... Teve três AVC depois de ter a visão da empreiteira que o Marista mandou, até hoje na mente, então são coisas que ela enxerga até hoje, os caras invadindo. Enxerga os caras no telhado. Porque teve AVC então as últimas coisas ficam na mente, né, então é ruim. Por mais que a gente fala que não tem nada, não tem nada, ela diz que tem, e tem. e a gente vai fazer o quê? São coisas que a gente vai levar pro resto da vida né. É... A gente sabe como é a justiça. É podre né. A gente sabe que por mais certo que a gente esteja, por mais correto que a gente esteja, as coisas acontecem descaradamente. Porque os negócio tão bem descaradamente. Eles nem disfarçar eles disfarçam. É... a luta é todos os dias. Não tamo numa zona de conforto todos os dias, tem que estar ligado. Tudo que acontece aqui na nossa volta a gente tem que ta ligado. Então é triste. Mas, fazer o que né.

L: Tu trouxe na tua fala duas coisas bem fortes né, que é a violência racial né, que vocês já sofreram e de alguma forma carregam. E também essa coisa de ser um povo acolhedor e amoroso, assim, com quem precisa. Tu acha que são sentimentos contraditórios? Como tu sente isso dentro de ti, o lugar do acolhimento e o lugar dessa violência?

G: Eu acho que são coisas que já vem dessa ancestralidade, o povo preto, o povo escravo sempre foi um povo acolhedor né, então isso daí já tá no sangue, né, já tá no sangue, na verdade. Se tu for na periferia lá, tu vê a dificuldade das pessoas, as pessoas dividindo o pouco que tem com outras, já é um, já vem já, isso daí é coisa que já vem já. Já vem porque o preto quando era escravo um dependia do outro, um precisava do outro entendeu. Um lutava pelo outro. Então são coisas que já vem, já é da ancestralidade, já é sua história, já é sua resistência, entendeu. Porque sabiam, né, o que um sofria o outro sofria também. Então o que um aguentava, né, ele ia matar o outro, então são as coisas... se um morria de fome o outro também ia morrer. Então se um tinha um pouco d'água, um dava um pouco d'água pro outro, né, porque sabiam que um passava fome, o outro também passava, então o que tinha de pão... Tudo dividido então. Isso daí é da ancestralidade, entendeu. Já vem, ja. Já vem da luta, né, do sofrimento. Então isso aí já... A pessoa já vem com esse QI.

L: Então tu acha que o sofrimento e a violência que causam esse acolhimento e esse amor?

G: Sim.

L: É uma coisa geradora assim.

G: Sim, geradora porque são muito comuns. O que acontece em uma família ou outra preta, entendeu. E por se passar, com uma família e a outra, então uma acolhe a outra. Porque já passou por isto. Daí por ter passado por isso, ela vai ajudar aquela que tá passando por o que ela tá passando também. Que por ela ter passado, então ela sabe o caminho que se tomar, o que se fazer. Então ela vai ensinar a outra também a fazer. Acolher a outra e mostrar pra ela, ensinar o mesmo caminho. Então é um jeito de sobrevivência, é uma linha de sobrevivência, então como eu te falei, isso aí é uma coisa que já vem já; Então por mais, pior que a pessoa humilde, preta, quilombola, não so como quilombola como eu te falei, que tem pessoas na periferia que são quilombola, mas não se autodeclararam ainda, entendeu, mas isso aí não precisa se autodeclarar pra elas saberem da onde que veio. Eu acho que elas só não querem resgatar a sua história, né, porque elas... Mas quem olha assim sabe da onde que elas vêm. Então elas não tiveram a mesma oportunidade do que eu, (*inaudível*) mesma oportunidade do que eu, que os meus filhos teve né, de eu contar pra eles. Que nem minhas prima, não tem a oportunidade de eu conversar com elas e elas se enxergarem e verem que tem pessoas que lutam pela gente também. Pessoas que são igual a gente. Que tem caminhos a ser tomados né. Então, e ela se sentiu segura de poder contar pras suas filhas e as suas filhas poder contar pros seus netos, e ter orgulho né, da sua história, da sua resistência. Der orgulho do que sua avó passou, sua bisavó passou, sua tataravó passou. Então pessoas que vão se autoreconhecer né. Mas a luta periférica é a mesma, só muda o endereço. A única diferença é que o quilombola, como eu te falei, se ele se autorreconhecer quilombola, ele reconhece sua história, e ele não tem medo né, da luta né. Ele não tem medo da luta, porque... Ele não tem medo da luta, não tem medo. E quando um bota o pé pra fora sabe o que ele pode passar, o que ele não pode passar né, é diferente da pessoa não querer enxergar. Sabendo o que tu vai passar, mas tu não quer enxergar, entendeu. Eu, meus filhos vão pra rua eles sabem o que pode acontecer com eles, eu posso saber o que vai acontecer

comigo, o que pode acontecer com o meu território. Um preparamento, né, preparar né. Porque a gente sabe que tem pessoas que passaram já. Que tem pessoas que passaram certas coisas e a gente também pode passar no território, que passaram por setor imobiliário, né, pessoas que tomaram terra deles pra fazer prédio, desmatar floresta pra fazer né. A gente sabe que isso pode acontecer. Então a gente tem que ter consciência de que isso pode acontecer e nos armar né. E saber o que a gente pode fazer pra tentar manobrar esse tipo de situação, esse tipo de pessoa, né. Então, mesmo a gente sabendo que uma caneta pode matar como se fosse uma bala né. Mas a gente já tá sabendo que a gente corre esse risco, por mais que eu tenha 60 anos de território, o pessoal Marista ali por ter mais dinheiro do que eu, pode alegar, como eles alegaram lá pro juiz que a gente era invasores, tomaram 70% do nosso território, e eles chegam lá “os Flores são invasores, os Maristas são donos” e aí? Tá lá na justiça esperando até hoje. Uma coisa que tava na cara que a gente não era invasores. Que a gente já morava no território já faz anos, quem era invasores é eles, que invadiram nosso território, entendeu. Mas a gente tem que estar preparada pra isso. Então é uma arma que a gente tem, de ter os outros territórios, os quilombos urbanos, não só os urbanos, os quilombos do Brasil todo, que a gente tem uns grupos né, da ANQ, que são Quilombos do Brasil todo - da Bahia, Maranhão, Rio de Janeiro. E a gente entra em contato, a gente se comunica, faz reuniões com eles todos, que daí um passa pro outro o que tá passando em cada região, e a gente tem que trocar ideias, então isso daí é muito gratificante. É gratificante porque daí a gente sabe, tem consciência de que a gente não tamo só, que tem gente como a gente, que luta pelo que a gente luta. Então é legal isso. É legal ter aqui em Porto Alegre oito quilombos urbanos, né, pessoas, sabendo que tem pessoas que também são como a gente, que lutam, né, por tudo que a gente luta, e quando a gente precisar vamo tá sempre um apoiando o outro, porque é gente que pensa como tu pensa, entendeu, a causa é a mesma. Como tem os índio, os indígena agora também, temos apoio dos indígenas, que tamo apoiando os indígenas e eles apoiam a gente. Então, bah, só pessoas da terra. Pessoas originárias da terra mesmo. Então o trabalho é gratificante isso daí. Essa nossa autodeclaração, né, é gratificante a gente ir no Morro do Osso conhecer os indígenas lá.

ANEXO C – Entrevista com Nara (decupada na íntegra)

(Breve explicação sobre a pesquisa e entrevistas, bem como objetivo)

L: [...] E a primeira pergunta que eu te faço é quem é a Nara?

N: Quem sou eu? Eu sou uma pessoa praticamente criada aqui, não nascida aqui, mas criada aqui. Sou uma pessoa que gosto daqui, por exemplo. Gosto da religião. E sou uma batalhadeira né. Uma pessoa trabalhadeira, batalhadeira, e que me sinto bem com esse vínculo daqui né. Gosto dos meus antepassados, e é isso. Assim que eu me escrevo.

L: E qual é tua história aqui nesse quilombo?

N: A minha história é muito boa aqui. Aqui, eu praticamente vim pra cá com dez anos, hoje eu to com 59. Então eu me criei aqui, a gente plantava aqui, a gente brincava, andava de cipó aqui, a gente jogava bola no campo aqui. Então essa é minha história aqui.

L: Tu veio com dez e ficou até que idade?

N: Ah fiquei até casar aqui, até uns 25. Eu praticamente to sempre, mais aqui que em outro lugar né.

L: E o que tu te lembra aqui assim da tua infância?

N: Da minha infância eu lembro das reuniões que meu padrasto fazia, tinha casa de religião né, então ele fazia as reuniões aqui. Aqui eu lembro das.

L: Quem era o teu padrasto?

N: Meu padrasto era o Adão.

L: O Adão, pai da Geneci.

N: Pai da Geneci.

L: Vocês são irmãs por parte de mãe.

N: Parte de mãe.

N: E, das coisas que ele plantava, das ervas que a gente plantava.

L: Mas e tu, né, com o espaço, a tua relação com o espaço, o que tu te lembra? de fazer com as outras crianças, com teus irmãos, primos?

N: Ah, brincar, andar de cipó, subir nas árvores, porque tinha fruta, tinha abacate. e... é, brincar, e andar de cipó. então isso aí. Jogar bola, era essa nossa infância aqui.

L: E adolescência também.

N: Adolescência também.

L: E a dona Rosa? o que tu lembra dela?

N: Ah, da minha mãe eu me lembro... Minha mãe trabalhou quase a vida toda no posto de saúde né. Então quando ela chegava assim era só de tardezinha. Lembro dela chegando do serviço. E quando a gente sentava na área pra conversar, todo mundo junto, sabe? À noite. Tinha uma época que a gente não tinha luz aqui, era luz de vela, o candieiro mesmo né? E a gente sentava na área todo mundo junto, no fim da tarde sentava pra contar história, pra conversar, tomava um banho de ervas também. A gente fazia aqueles banho de... banho de descarrego, como dizem, né? A gente aprendia a fazer em casa, as ervas pra defumar a casa. Era mais ou menos isso.

L: E já mudou muito aqui o quilombo desde que tu veio pra cá com dez anos?

N: Ah, mudou, mudou. A gente conseguiu botar luz, botar água, a gente não tinha, ficamos anos sem ter. Pegava água do vizinho da frente. E a luz era só lampião e vela. Mudou bastante.

L: Como é que tu sente, assim, essas mudanças?

N: Ah pra melhor. Pra melhor. Ainda mais agora que a gente vai conseguir ter a sede também né? Ficou bem melhor. Bah. Mudou cem por cento. Quer dizer, tá mudando né? Tá conseguindo mudar.

L: E em relação ao bairro, assim, como é que tu percebia tua relação da infância até a vida adulta, né, que foi quando tu saiu daqui, como que era tua relação com as pessoas do bairro?

N: Ah, sempre tive... A gente, assim, nos fechava mais aqui no nosso mundinho sabe? A gente não tinha muitos... eu não cheguei a ter muitos amigos assim aqui. Eu comecei também a trabalhar cedo, né, trabalhava aqui perto, mas comecei a trabalhar cedo. Meus irmãos que tiveram mais, mais, (*inaudível*) com o pessoal do bairro. Eu até não muito. Eu trabalhava e ficava nessa casa que eu trabalhava aí. Nessa casa eu trabalhei dos doze até os vinte anos. E praticamente morava. Só vinha fim de semana pra casa. Então, pessoal do bairro aqui poucos eu conheci.

L: Tu trabalhava com serviço doméstico?

N: Serviço doméstico. Eu era babá. Aí depois é que eu... na mesma casa, depois que as meninas cresceram, eu comecei a trabalhar de doméstica. Então aí fim de semana a gente vinha pra cá, eu vinha pra cá. Mas o pessoal aqui era... os vizinho aqui são tudo bom. Se bem que a metade dos vizinhos não tão mais né, muitos faleceram, muitos foram embora. Aqui, por exemplo, aqui era tudo casa, do outro lado, na frente também. O pessoal a maioria faleceu, os outros foram embora. Então vizinhos antigos mesmo não temos quase nada. Só mais vizinhos novos.

L: Sim.

N: Então... era mais ou menos assim.

L: E da história dos teus pais, o que tu te lembra?

N: Meu pai, era praticamente meu pai né, porque eu vim pra cá pequena, ele praticamente me criou... Ah, meu pai era uma pessoa especial. Não tem nem o que falar dele, né. Ele trabalhava também, ele tinha uma (*inaudível*, vento) na perna. Era engraxate, né, ele ia trabalhar, quando chegava que minha mãe não tava em casa, ele que ajudava a cuidar de nós, então era uma pessoa fora do sério, maravilhosa. E, isso. cuidava bem daqui também. Plantava todas as ervas que ele usava, ele plantava tudo aqui.

L: Quais ervas tu lembra que ele tinha?

N: Oi?

L: quais ervas tu te lembra que ele plantava?

N: Ah, ele tinha arruda, comigo ninguém pode, orô, que agora é muito difícil tu ver orô, espada de São Jorge, aquele dinheirinho penca... dinheirinho penca, comigo ninguém pode... manjericão, alecrim. Esse tipo de erva que ele plantava, porque tudo a gente fazia banho.

L: Sim.

N: Até com a folha do abacate consegue fazer banho. (*inaudível*)

L: E vocês plantavam também? acompanhavam ele?

N: Siiim. Em tudo. A gente ajudava ele em tudo né. Ele levava nós pra ajudar.. ele ensinava as coisas pra nós. Pra cuidar, preservar as árvores ali também.. Tudo foi ele que plantou. E aí a mesma coisa, ele ensinava nós a cuidar, a ter amor pelas coisas né, pelas plantas,

pelas árvores. Nós temos até um pé de canela, acho que ele plantou bem pequenininho. Esses dias disseram “ah vou arrancar esse pé de canela” e eu fiquei com pena, “não arranca o pé de canela”, (*inaudível*, vento) com a casca tu seca né, é canela. É chá, tu faz doce, tudo né? Gostava tanto do... E aí. Isso. E eu lembro mais dele com nossas conversas, quando a gente tinha nossas conversas fim do dia que a gente sentava pra conversar, pra plantar as coisas, pra colher, pra fazer o banho, ele ensinou nós a fazer os banhos também. (*inaudível*, vento)

E criava os bicho né, galinha, porco. Aí depois que ele faleceu praticamente terminou tudo. Galinha nós tinha até.

L: E a dona Rosa, o que tu te lembra?

N: (sorrindo) Ah, da minha mãe eu lembro da minha mãe sempre indo pra trabalhar.

L: Só trabalhando.

N: Só trabalhando. E no fim da tarde começando. porque daí depois... Enquanto eu era pequena.. Com doze anos eu fui trabalhar. Aí quando eu tinha 15 anos, a Geneci nasceu. Não. 13 anos, o Gelson nasceu. E aí eu vim, fiquei em casa pra cuidar deles, pra ajudar a cuidar deles né. A mãe começou a trabalhar cedo também. Aí depois a Geneci nasceu, também tive que ficar pra cuidar dela, então praticamente eu me criei aqui. Brincando no cipó, brincando de carrinho de lomba, essas coisas tudo que a gente brincava. E era bom... Agora não volta mais esse tempo. E aí quando a gente pensou em ter que vender tudo isso aqui, bah... Porque daí tu vai perder toda tua infância, toda tua lembrança que tu tinha, não é fácil.

L: Que foi quando veio o marista aqui?

N: Quando veio eles pra cá.

L: Como é que tu sentiu isso?

N: Bah, a gente se sentiu arrasada né. Eu até nem tava por aqui, depois é que eu soube. A gente se sentiu arrasada, né, perdida. Inclusive nós tinha, teve um acidente com nós também. Pegou fogo na casa, queimou toda a casa. Os vizinho tudo ajudaram. Cada um deu uma madeira, cada um deu telha, todo mundo ajudava.

L: Quando foi isso?

N: Ai... Mais ou menos... Acho que uns 30 anos atrás.

L: Foi depois do Adão falecer?

N: Foi antes. Bem antes. Ele faleceu acho que faz uns 35 anos.

L: Foi 83 né?

N: É, 83... 84!

L: 84.

N: 83 pra 84. E foi bem antes de ele falecer. E aí como ele comprava, tinha o botijão de gás cheio, isso ajudou mais, sabe? Porque daí começou a queimar, estourou o botijão, e aí queimou tudo. Ficamos sem nada, nada, nada. Mas no mesmo dia, foi de tardezinha, no mesmo dia o vizinho já trouxe uma barraca, outro dia o outro já trouxe uma tábua, o outro já trouxe uma telha, quando tu viu, uma semana a casa tava pronta. Todo mundo ajudou, todo mundo... Então por isso que eu digo, vizinho aqui. Agora mudou tudo, uns morreram, outros foram embora, mas antigamente a gente tinha vizinhos bons aqui. Muito bom. Até os vizinhos do mercado ali também. Também, aqueles ali sempre ajudaram. Sempre, sempre. E é, é assim.

L: E tu te lembra da ação de usucapião que a Geneci às vezes fala? de 83.

N: Eu soube porque ela... Quando meu padrasto faleceu, a irmã dele tava viva. Agora já nem tá mais. E a Geni tinha me falado que ele tinha feito, que ela tinha feito, que ela que tava mexendo né. Que ela tinha feito, mas depois não falou mais nada. Não mexeram mais.

L: Mas tu não te lembra dessa preocupação dele em ter a posse do terreno?

N: Sim, sim, ele sempre se preocupou, porque ele nunca queria deixar eles sozinhos, né, abandonados. Ele sempre se preocupou com isso. Sempre, sempre, sempre. E ele praticamente tava aqui, o quê, 40... Tava aqui há uns 60 anos. Muitos anos. Porque quando a gente veio pra cá pequeno, ele já tava aqui já há uns 20 anos. Um pouquinho mais. E ele sempre se preocupou em deixar os filhos bem, né, os dois bem. Daí ele confiou nessa irmã dele né, pra dar andamento ao usucapião. Mas eu não sei no fim o que ela fez, se ela chegou a fazer, se ela não fez. Ou se ela fez com a intenção, sei lá, de passar pro nome dela, pegar pra ela, sei lá o que ela fez. Aí...

L: Esse documento se perdeu então?

N: Pois é, a Geneci sempre tinha que ir procurar ela, mas daí a Geneci foi e não achou né, não sei se ela tinha falecido, o que que houve, não procurou mais. Mas acho que ela ia ficar, tava fazendo com a intenção de passar pra ela, sabe, não de dar pra eles, pra ela. E a preocupação dele era os filhos né. A preocupação dele sempre foi os filhos. Não deixar os filhos na rua, sem nada. Aí depois, quando pegou fogo na casa, ele adoeceu mais né... Ele tinha meio problema de coração, daí ficou com, daí foi que aconteceu um infarto.

L: Ele morreu de infarto?

N: Morreu de infarto. E a mãe adoeceu quando aconteceu esse negócio aqui que os marista vieram aí e fizeram o muro, e essas coisara toda, ela adoeceu totalmente. Aí ela teve que parar de trabalhar, depois teve que se aposentar, ela ficou na cama, ela não, ela ficou... Praticamente, a gente fazia tudo. Ela comia na boca, tinha que dar comida na boca, tinha que botar fralda nela. Ela se abalou tanto, que ela se largou, ela não queria viver. Essa preocupação dela era mais isso, que ela queria sempre ver os filho aqui né. E na cabeça dela, ela ia ter que ir pra rua com os filhos. Por isso que ela se deprimiu. E aí agora que ela tá se ajeitando, mas não

tá muito bem ainda. Tem vezes que ela tá bem deprimida. Tem dia que ela sonha... A única coisa ruim que eles fizeram foi isso, foi deixar ela desse jeito. Não voltou ao normal mais. Era uma pessoa que trabalhava, era uma pessoa que fazia tudo, não dependia de ninguém, né, agora ela depende de todo mundo. Pra cuidar, pra dar banho, pode ver. É isso que eu me lembro...

L: Tu te lembra dessa piora depois, né, depois que eles vieram pra cima, construíram o muro...

N: E a coitada da Geni sozinha, né. Também. E aí ela perdeu as forças pra ajudar, ela se jogou, se terminou... Pra ela, já tavam na rua. E aí a Geni cuidando disso e cuidando dela também, teve que internar ela. Depois ela veio pra cá ficou vegetando na cama, né. E aí foi que ela levou ela na psicóloga e disse que ela teve um baque, que ela tomou um abalo muito forte, por isso ela ficou assim.

L: E o remédio?

N: Aí começou a tomar remédio. Começou a tomar mais remédio ainda do que ela tomava. Que aí acelerou a diabete, a pressão alta subia. E aí agora ela vive à base de remédio. É insulina de manhã, insulina à noite, é remédio pra pressão alta, o coração... Essa parte.

L: E em relação ao bairro, (*inaudível*, vento)

N: Não... tu sabe que. Tem ou não tem. Tem certas pessoas que tratam a gente super bem, e tem certas pessoas que não, tem diferença né. Principalmente quando tu chega no mercado, tu vai escolher entre uma coisa ou outra e as pessoas sempre ficam em volta, cuidando, será? Tu sente que tão te olhando, cuidando. Então como te digo, tem pessoas que dizem que não existe racismo. Ah existe sim. Porque tem muitas pessoas que te aceitam, e tem muitas pessoas que não te aceitam. Tu sente a diferença. Mas a gente tem que fazer o que, né? Tem que... passar por cima disso. Não tem que se preocupar. Porque isso aí vai existir a vida toda né. Não vai passar. Porque as pessoas dizem que não são, mas no fundo são racistas. E por incrível que pareça, mesmo tendo punição, isso aí não vai mudar. Vai ser a vida toda. Porque pode ver só, assim, tem uma vaga numa empresa. Tem uma pessoa branca, tem uma morena,

não vão dar vaga praquela pessoa morena, vão dar vaga pra pessoa de pele clara. Isso é bem claro né. Em tudo que é lugar que tu vê é isso... não tem... Não tem diferença, não tem explicação. É bem isso. E a gente sente sim, tem diferenças sim de pessoas pra pessoas. Tem pessoas que tratam bem, tem pessoas que olham com umas caras meia diferente né. Mas não tem que dar bola. Acho que a gente tem que procurar dar o melhor da gente, né, pras pessoas ver que a gente não é o que eles pensam né. Essa parte que eu acho.

L: Mas essa questão da raça então, ela te marcou de alguma forma na infância também aqui na região?

N: Sempre, sempre. Até na escola né. No que eu estudei ali no dom Pedro, e a gente via, na escola mesmo tem, na escola mesmo. Aqueles que tem mais ou menos condições escalam por que lado, aqueles que tem menos condições tu vê que (*inaudível*). Eu só não via isso na casa que eu trabalhava. Na casa que eu trabalhava, graças a deus, nunca vi isso. Tanto é que a menininha que eu cuidava dormia na mesma cama minha. Tinha o bercinho dela, mas ela queria dormir junto comigo, no meu quarto. Então por isso que... (*inaudível*). E aí tu te apegas tanto que eu fiquei praticamente 20 anos.

L: Tu gostava de trabalhar lá?

N: Gostava, gostava, porque eles me tratavam bem. E aí tu te sente bem. E aí depois a Geneci também trabalhou bastante tempo com ela. Foi passando, sabe. Aí a Geneci pequeninha, eu levava ela junto comigo. E aí ela ia olhando, olhando, depois se viu no meu lugar. E aí até hoje a gente procura esse pessoal, graças a Deus, esse pessoal. Mas por incrível que pareça existe, existe bastante discriminação. O negócio é tu gostar da tua cor né, pra dar valor. A gente tem que aprender a se gostar. Porque se tu não te gostar, ninguém vai te gostar. Tem que procurar estar sempre lá em cima, nunca se sentir menos, sabe? Sempre por cima. Que daí as pessoas vão ver que não tem diferença nenhuma. É igual.

L: E quando vocês se autorreferenciaram quilombola aqui, né, o território sendo um quilombo. Tu já conhecia esse termo, já tinha alguma relação?

N: Eu via nas novela né, na televisão que tem nas novelas, os escravos geralmente moram nos quilombo né. Então sempre tinha essa base das novela que eu via, dos filme, mas muita gente aqui ficou admirada, porque não sabiam né. Aí a maioria das pessoas não sabiam que existia. E eu via mais nos filme, nas novela. E eu não sei, eu tenho... eu tenho aquele probleminha que quando tu te machucar tu não cicatriza. Isso aqui eu vi muito nos, geralmente os escravos tem isso. Eu tenho até aqui também ó (mostra queleide por baixo da camiseta). Essa marca quando os senhores queimavam os escravos eles ficavam com essa marca aqui. E eu tenho essa marca. Eu acho que eu sou neta de escravo ou bisneta de escravo. E não tem jeito porque eu já fiz três plástica aqui e o médico disse a senhora vai fazer três plástica e não vai adiantar porque isso aí é da tua pele mesmo. (Opa, tudo bom? - alguém passando). É uma doença de pele mesmo, não tem como melhorar, tu faz e ela volta, tu faz e ela volta. Não tem como tirar fora, sabe? E aí é um sinal que eu vi. Eu não sei se tu já chegou a ver esses filme de escravo.

L: Que filme?

N: Que eles são queimado, assim, com aquelas mancha que não sai.

L: Sim... e como é que foi pra ti poder dizer eu sou quilombola?

N: Ah, eu gosto. Eu gosto. Eu gosto, eu acho, ah, sei lá, eu acho bom. Eu me sinto assim, que eu tenho o sangue dos escravo, sabe, que eu tenho alguma coisa deles. Daí quando eu soube dessa marca eu gostei mais ainda. Não fiqueii... Tem gente que não gosta né, que quer tirar, que acha feio, aquela coisa toda... E não me recriminei.

(silêncio)

L: Mais alguma quanto a isso, assim, quando se autointitularam quilombo?

N: Não.

L: Tu já não tava mais morando aqui né?

N: Não, eu casei e aí me mudei. Mas tô sempre aqui. Fim de semana, fim do ano, natal, essas coisas, sempre por aqui. Só que eu acho, só que assim ó, o espaço não é muito grande né, então pra mim, eu tinha sete filhos. Eu e mais sete. Então não tinha espaço pra todo mundo. E aí como eu casei, a gente comprou um sitiozinho em Itapuã, uma chacarazinha em Itapuã e fomo pra lá. Porque eu gosto de criar galinha, gosto de criar peixe, essas coisa, sabe? E lá tu pode criar. Lá é interior né, é mais pra... é no interior de Itapuã, mais ou menos. Aí ali tu pode criar galinha, tu pode criar, ter teu lago do peixe, tu pode plantar. Tem espaço.

L: Bastante influência do teu pai, padrasto, né?

N: É, essas coisas de plantar e gostar de criar. E o marido também gosta. E aí a gente foi pra fora lá pra cima. E é bom.

L: E tem mais alguma lembrança, assim, que tu queira trazer?

N: Ah, é tanta coisa boa, que no fim a gente nem lembra mais, mas é tanta coisa boa (risos).

L: Alguma específica, tipo assim...

N: Eu lembro também da gente... Aqui nesse campo era aberto. Aí nas noites de lua cheia, a gente sentava no barranco que tinha ali, sabe? Pra admirar a lua, pra olhar as estrelas. E aí até uma época, eu me lembro uma época que eu tava grávida, e eu vim pra cá, porque aqui era mais perto né, um pouquinho mais perto do centro, e aí fiquei aqui. E de madrugada meu marido me acordou, disse que meu pai tava puxando a perna dele pra ele acordar, que o nenê tava quase nascendo. Então isso foi uma... Pouco tempo, pouco tempo que ele tinha falecido, não fazia um mês que ele tinha falecido. E aí um dos filhos nasceu bem na data que ele faleceu. Então uma das coisas que marcam também né.

L: Quem que nasceu na data que ele faleceu?

N: Foi um dos meus guri, o Paulo Jorge, que tem 37 anos.

L: Mas no mesmo dia?

N: Não, um mês.

L: Um mês depois? mas no mesmo dia do mês.

N: Não digo assim, o mesmo, ele nasceu no comecinho de outubro, e ele nasceu dia 24 de outubro. O mesmo mês, só que uns dias depois. E aquela lembrança ficou sempre, a gente conversando e de vez em quando meu marido lembra, sentiu direitinho ele puxar as pernas dele.

L: Pra avisar.

N: Pra avisar que era pra ele acordar que o nenê ia nascer.

L: E era isso mesmo, nasceu?

N: Era isso mesmo. Então é o tipo de lembranças boas, né, que tu fica, que tu lembra assim. Então, esse tipo de lembrança que a gente tem. Esse que tava aqui também é meu filho, ele também, ele parece que nasceu aqui e foi criado aqui né. Então, e esse aí meu padrasto, quando eu tava trabalhando, meu padrasto que cuidava dele. Nenezinho, no berço, ele cuidava. Então ele também praticamente se criou aqui. É um dos mais velhos, né. Então... é isso. Não sei se tu quer saber mais alguma coisa.

L: Gostei de saber disso que vocês iam pro barranco ver a lua.

N: Ah, era muito bom, muito calmo né, tudo muito calmo.

L: No caveirinha ali?

N: Aham.

L: Como é que era, tinha um barranco ali, como era?

N: Aqui perto dessa casa tinha um barranco, tinha um barranquinho que a gente subia e ia prali, pro Caveira que tinha muita pitanga ali né, Goiaba. A gente comia pitanga, comia Goiaba. Tinha uma rua que saía lá na Aparício, lá embaixo, a Esther ali, sabe? Ela saía aqui. O pessoal passava por aqui pra ir prali. E aí a gente vivia ali comendo pitanga, goiaba, usava pra passar por aqui também. Jogando volei, jogando bola. Pessoal vinha lá de cima, lá da Glória pra jogar aqui, jogar futebol aqui, com meus irmãos aí também, todos jogavam futebol.

L: Era um espaço agregador assim, chegava toda comunidade?

N: Era. Vinha todo mundo lá de cima pra jogar aqui, e aí no fim eles acabaram com tudo né. Que sente medo, sente triste, deprimido. Tu tinha todo aquele paraíso pra tu estar dentro, daqui a pouco tu te vê sem nada, te assusta né. É uma coisa assustadora. Mas infelizmente tem pessoas assim né, que faz esse tipo de coisa que... Só tem que aceitar as coisas às vezes, quando dá pra aceitar, e... E era muito bom, era muito bom. Porque o tempo que a gente morava aqui não tinha aquele supermercado ali, não tinha nada.

L: o Maccari?

N: o Maccari não tinha. O Maccari era um armazém. E o armazém era na churrascaria, sabe? Do lado ali.

L: Do outro lado da rua.

N: É, onde tem uma churrascaria ali, era o armazém deles, pequeno. Não tinha super não, era só armazém.

L: Tu te lembra em que momento que começou a mudar, assim, a... a cara do bairro?

N: Ah, quando os pessoal mais velho começou a morrer, né. Começou a vir gente nova, começou a morrer pessoa, o pessoal mais velho se mudaram, e aí terminou. Aqui da frente mesmo, os vizinhos daqui da frente, uns morreram, outros foram embora, ali, venderam. Lá da esquina também não é os mesmos, são outras pessoas diferentes. Tudo pessoa diferente. Aí muda né. Começou a ficar mais vazio o bairro. Não era aquela alegria toda que tinha. Tinha festa de, dia de São João, tinha festa, tinha fogueira aí pra baixo, que o pessoal fazia. Juntava todo mundo também. Agora terminou tudo. Vai mudando né. Naquela rua de cima que vai pro Maccari ali também, tudo pessoas novas, tinha era tudo pessoas antigas.

L: Te lembra das carroças ainda, do tempo das carroças?

N: Ah, sim. Eu tinha carroça, mas não aqui... aqui não chegamos a ter. Eu me lembro muito bem é daqueles ônibus de trilho, aqueles que subia lá e puxava o trilho, sabe? eu tinha um medo daquele ônibus e *deusolivre*. Aí meu avô veio morar aqui com nós e ele era motorista de ônibus, de bonde. E ele trabalhava naqueles que tinha que puxar o fiozinho no fim da linha. Era muito bom.

L: Teu avô por parte de mãe ou por parte de pai?

N: Por parte de mãe. Que a gente morava nos Alpes, né, daí viemos dos Alpes pra cá.

L: Isso quando tu tinha dez anos.

N: Quando eu tinha dez anos.

L: Que foi quando ela casou com o Adão, você veio junto?

N: Não, ela casou bem antes, depois é que nós viemos.

L: Ah, é?

N: Ela casou, antes, nós viemos depois que a nossa vó faleceu. Nós morava nos Alpes, e aí eu nasci nos Alpes, e aí ela, depois que a vó faleceu nos viemos morar com ela. Foi uns três anos depois.

L: Que eles casaram, no caso?

N: Que nós viemos. Ficaram praticamente três anos sozinhos aqui, depois nós viemos.

L: E daí lá tu ficava com quem?

N: Lá eu morava com minha vó. Com a vó e com o vô. E eu praticamente ainda assim... Agora faz muitos anos que eu não vou lá, eu não vou muito lá em cima, agora nem sei como tá lá. Mas era muito bom. Estudei nesse coleginho ali debaixo, aquele que tem ali na descida da lomba ali, não sei se tu já... tu conhece os Alpes né?

L: Não.

N: Vira e mexe tinha um coleginho ali na subidinha. Naquela ruazinha que vai pra Teresópolis, sabe? que sobe pros Alpes.

L: No Ceará?

N: Não, era o Guarpendi, agora não sei o nome dele. Não sei se trocou de nome.

L: Guapendi.

N: É. Estudei ali, os primeiros anos, estudei ali. Que a gente morava lá em cima, a gente morava lá perto da igreja dos padres.

(Batista fala ao fundo, *inaudível*)

N: Lá onde era o posto de saúde? Eu não lembro, nunca mais subi lá, nem lembro como que tava. Não sei, nunca mais subi. Eu sei que tinha a igreja.

(Batista: agora tá tudo mato)

Tinha a casa dos padre ali, depois a igreja. Lá debaixo a gente morava. Mas faz muitos anos que eu não subo.

(Batista no fundo, *inaudível*)

N: Ah eu tenho vontade de subir lá um dia desses. É? E a gente subia pra ir lá até a chácara dos padres pra brincar.

L: Lá em cima.

N: Lá! Onde é o quilombo dos...

L: dos Alpes.

(Batista fala ao fundo, *inaudível*)

N: Era até que embaixo. Subia deapé.

L: Tu morava lá também, Batista?

Batista responde que morava...

L: E tá tudo asfaltado lá?

B: Agora tá tudo asfaltado, antes só tinha casa do lado direito, agora tem dos dois lados.

N: O resto era mato, era morro.

B: Agora tem casa dos dois lados, até lá em cima. (*inaudível*).

N: Era chão batido, tinha rua mas era tudo chão batido.

(breve conversa sobre asfalto...)

N: Bah, muitos anos... eu tenho vontade de subir lá pra dar uma olhada. Muitos anos que não vamos lá...

L: E tu sentiu alguma diferença de ter saído de lá pra cá, como foi pra ti?

N: Ahhh, sim, aqui era bem melhor. Aqui era bem melhor. E depois tudo mais perto também né. Lá, por exemplo, era tudo chão batido, não tinha ônibus, não tinha nada. Descia aqui na faixa e subia deapé. Aí era brabo, bah, deusolivre. Aqui era outra coisa. Muito bom. Mesmo sem luz, sem água, era muito bom. Era bom...

Mas isso.

L: Então tá, Nara. E... deixa eu ver se tem mais alguma questão. Breve olhada no roteiro.

N: Não, ela quer saber daqui, não lá de cima. Ela quer saber daqui, não de lá, de nós aqui. (em resposta a Batista)

L: De alguma forma se relaciona né.

N: É, uma trajetória.

L: Uma trajetória.

Gerson ao fundo pergunta se eu trouxe as máscaras - fiquei de levar um pacote para o dia de vacinação da Coronovac no quilombo.

N: Qualquer coisa já sabe, é só dar um grito.

L: Só me diz teu nome completo e idade pra eu registrar.

N: Meu nome é Nara Maria de Mello Vasconcelos, 59 anos.

ANEXO D – Entrevista com Ana Paula (decupada na íntegra)

L: Hoje é dia 24 de fevereiro de 2021, são 15:40 da tarde e vou pedir pra tu começar te identificando teu nome completo e tua idade.

A: Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, tenho 26 anos, sou do Quilombo do Flores

L: Então Ana, eu comecei com a mesma pergunta pra Geneci e pra Nara, e vou fazer pra ti, que é: quem é Ana? Quem é você?

A: Eu sou neta da Rosalina, sobrinha da Geneci, filha do Batista, isso aí.

L: E qual que é a tua história com esse território aqui?

A: Ah minha história tem força. Ali onde eles cortaram o muro, pra lá o que eu vivi lá brincando com meus irmão, meus primo, meus filho já não curtiram. O arroio ali embaixo onde a gente tomava banho, andava de cipó e coisa meus filho já não curtiram, fico triste por isso né. A nossa infância aqui era boa. Depois, né, vieram aí, derrubaram tudo, e os filhos da gente não curtiram nada que a gente curtiu. Não é fácil.

L: Vocês tomavam banho no arroio taquara ali?

A: Nós tomava, ali embaixo. Eu, meus irmãos e meu primo. E nós brincava ali, no Caveirinha que eles chamavam ali, o pai jogava bola, nois jogava bola, depois destruíram tudo.

L: E quando é que destruíram?

A: 2000... (Pensando) eu já tinha minha guriuzinha. Foi 2013? Eu sei que eu tava com meus dois filhos deitada quando a gente começou a escutar barulho de quebrando um monte de coisa, derrubando, a gente foi ver eram as máquinas. Daí eles já tavam ali na parede da minha casa, vindo com as máquinas, foi onde eu saí pra rua com as duas crianças e enfrentei eles sozinha. Eu falei que ali não. Até então eles não fizeram nada, mas daí de noite foi a pior coisa,

né, eles ficaram ali tocando pedra, o segurança deles ameaçando nós né. Daí a gente achou que tinha passado, que eles iam parar, e depois de uma semana eles foram descendo metade ali do muro. Foi onde meu pai viu, que eu não tinha visto porque tava fazendo minha nenê dormir, meu pai viu, foi onde eu vim correndo, botei o pé e derrubei tudo. Daí eu falei que ali eles não iam mexer, foi onde eles não mexeram, mas o resto eles botaram muro em tudo. Destruíram a infância dos filhos da gente, na real. Porque não tem infância melhor, né, que essa que eu tive. Agora tá a gente aí ó, passando por tudo isso. Não é fácil.

L: E eles chegaram sem conversar com ninguém?

A: Não, foi seis horas da manhã. Nós tava tudo dormindo. Nós não, minha tia não tava, meu tio não tava. Tava eu ali com meus dois filhos e o pai aqui. E aí a gente começou a escutar aqueles barulhos, barulho de quebraçada e a vó. Até então naquele tempo a vó andava por tudo, não caía nem nada, e a vó acordou quando escutou aqueles barulhos seis e pouca. Fomos ver as máquinas já tavam vindo, derrubaram aquela casinha que tinha ali que a gente ficava de tarde com as crianças brincando tinha uma casinha ali. Derrubaram, vieram derrubando, daí a gente foi ver mesmo eles tavam chegando aqui na parede da minha casa. Foi aonde eu me alevantei e fui pra cima deles. Eles já tavam aqui embaixo aqui.

L: Eram quantas pessoas, te lembra?

A: Ah era força, era força de funcionário. Eu sei que, eu acho que eu corri uns cinco, mas pra lá tinha mais né, limpando os mato e fazendo as coisa. Mas tinha bastante. De noite também veio força de segurança a paisana, ameaçando, mostrando arma, fazendo barulho ali no telhado, foi noite mal dormidas.

L: E era tudo funcionário pago ali do Marista?

A: Sim, era dali né, porque depois começou ali as coisas com eles, as audiência e coisa, mas é ali do Marista sim. Porque fizeram um estacionamento ali né.

L: E essa área aqui antes era pública, era aberta?

A: Desde quando eu nasci, eu sempre morei aqui, que eu saiba é da vó (*dona Rosa*) né. Das outras histórias isso aí eu já não... pelo que me lembro.

L: E o arroio taquara ali que tu tomava banho tu te lembra quando foi que não dava mais pra tomar banho, que poluiu?

A: Poluiu, muita sujeira e coisa, botaram muito esgoto ali. Faz anos já, to com 27, 26, faz uns 13 anos pra mais, até uns 15 anos que não dá mais pra tomar banho ali. Nós aproveitamo. Ficava dum lado pro outro. O campo de futebol que tinha ali, o Caveirinha, eles destruíram também, destruíram tudo. Os pés de fruta que nós tinha plantado, tudinho.

L: E como que foi, me conta melhor, nesse dia que tu falou, tu foi pra cima deles pra defender o território. Como foi a cena?

A: Ah foi horrível, eu tava dormindo, eu tinha meu gurizinho de dois anos, minha guriuzinha recém tinha meses, imagina tu acordar com aquele barulhão, tudo caindo, eles não queriam saber eu acho, que chegaram com tudo, tavam nem aí se tinha gente dentro ou não, eu fui ver eles já tavam encostando já na parede, que era de madeira a casa ali. Eles já tavam encostando já, foi aonde a gente, que daí eu tive que deixar eles dentro de casa e saí ali e fui enfrentar eles até meu tio se levantar e vim ver o que tinha acontecido. Foi onde eu consegui segurar né, mas daí depois chegou mais, mais, e começou, daí começou o conflito, tinha (*inaudível*) de correr com advogado, ligar pra polícia, um monte de coisa.

L: Tu tentou falar alguma coisa? Como é que foi?

A: Eu só falei que eles não deviam fazer isso, que eles não tinham direito, que eles não tinham mandato nem nada, que eles não podiam chegar destruindo. Mas mesmo assim eles falaram que não sabiam de nada, foi onde eu fiquei braba e fui pra cima. Daí eu falei: aqui na minha casa vocês não vão encostar. Vocês até encostam, mas que eu vou machucar um de vocês, eu vou. E eles tavam tudo com ferramenta na mão e coisa. Eu tô nem aí né. Eu vou proteger meu filho. Eles vieram com tudo ali. Eles vieram, derrubaram a outra casinha que tava

ali fechada, que ali a gente botou uma piscina e tinha uma peça que as crianças brincavam, daí tava fechado os brinquedos das crianças depois eles já vieram ali e destruíram, eles nem sabiam se tinha gente dormindo ali ou não, imagina o que não podia acontecer comigo e com meus filhos ali. Foi sorte que a gente escutou os barulhos assim, deles cutucando na casa, senão, não sei se não ia vim a máquina com tudo.

Depois eu corri eles daqui, daqui debaixo, eu já tava aqui embaixo, era um barranco ali. Eu já tava ali embaixo ali. E depois ali onde eles quiseram cortar ali foi onde a gente, eu botei o pé e derrubei de novo, foi onde eles pegaram e não passaram mais pro lado de cá. Ficaram só pro lado de lá. Foi horrível.

Daí também teve uma vez, depois desse dia, acho que foi um outro dia de noite. A gente foi dormir, começou os cachorros a latir, a gente foi ver os caras tavam passando ali em cima ali, com arma na mão e coisa, mas tu vê né, não tavam com roupa de segurança nem nada, né, eles tavam passando ali pra baixo e pra cima e o telhado que eu falo é bem ali em cima, daí não conseguimos dormir, foi horrível aquele dia. Bah. Fechou de viatura aí a rua. A gente chamou né, porque a gente ficou com medo. Até então parece que pegaram um cara que tava aí armado nesse dia. Pegaram ele e a arma parece, tava dentro do carro depois a arma, que eles deram a volta. Foi horrível.

L: E as máquinas tavam já nesse dia?

A: Eles vieram seis horas da manhã com um monte de ferramenta, máquina e caminhão já.

L: Caminhão também?

A: Caminhão. Vieram com tudo já, vieram lá por trás. Lá pela outra entrada lá eles vieram. Vieram por lá. Vieram com tudo, um monte de ferramenta. Bah, a gente se apavorou. Eu me apavorei mais, fui a primeira a ver, né. Não sabia o que tava acontecendo e daí tive de enfrentar sozinha, não é fácil. Mas fiz por causa da minha vó e dos meus filhos né, como que eles vão chegar assim sem mandato, sem nada, derrubando as coisas das pessoas. Só a gente sabe as histórias que a gente tem aqui. De eles vim e querer destruir assim da noite pro dia. Tá louco...

L: E o batista tava aí também?

A: O Batista tava. Só que eu acordei ele depois de consegui parar eles ali em cima, daí ele botou a cara. Daí foi pra rua e ficou aqui comigo, ficou me cuidando até a minha tia vim. Ficamo reparando. Depois veio assim, o Gerson, e conseguiram, chamaram advogado e coisa, conseguiram amenizar um pouco. Mas o muro eles fizeram né. O muro eles fizeram.

L: E vocês resistiram à construção do muro, assim, também? Como foi quando eles fizeram esse muro aí?

A: Por mim eu teria derrubado desde o começo, desde lá quando eles começaram a fazer, eu ia derrubar tudo, eu não ia deixar, mas daí o advogado disse que era mais fácil deixar, que ao menos ali, que tinha que cuidar só o lado de cá, que era pra ficar no aguardo. Que não era pra nós mexer com eles pra não dar motivo de eles vir ficar ameaçando, mexendo com nós, daí a gente largou de mão. Daí eles fizeram. Até então a gente falou: então faz e coisa...Quando a gente falou eles foram até ali e tavam descendo pra cá, aí a gente falou: vocês tão se abusando. Era pra descer reto e eles já tavam cortando ali. Até aqui embaixo ali eles foram com o muro, a gente viu. Foi tudo de manhã, foi tudo ligeiro quando eles fizeram aquela parte lá, quando a gente acordou, a gente foi ver, já tava o paredão ali. Foi muito ligeiro. Uhum.

Mas o pai acho que sabe mais as histórias. Eu não sei.

L: Tu ficou aqui de que idade até que idade?

A: Até meus 13.

L: Nasceu aqui?

A: Uhum. É, faz 13 anos que eu saí. É.

L: Mas vem direto, né?

A: Venho.

L: Frequenta.

A: Venho. Sim, por causa da vizinha né, que onde eu moro o acesso é ruim, é ruim de levar ela. Eu venho, sempre quando tem coisa do Quilombo eu tô sempre aqui, sempre venho. É uma coisa que eu gosto também, sair um pouco de casa.

L: Como foram esses 13 anos em que tu esteve aqui?

A: Foram ótimos, minha infância era boa. Hoje em dia, a minha infância que eu tive, os meus filhos não podem ter. Foi destruída, né, minha história. Não vou poder passar isso pros meus filhos. Imagina o calorão, seria bom eles ali brincando, né, na água fresquinha, mas agora... com poluição não dá. Mas quando eu morava aqui era ótimo, brincavam. Na minha infância (ruído do vento) brincavam. Não tenho o que reclamar. Jogava taco, bola, um monte de coisa. Quando chovia, nós fazia a dança do índio ali.

L: Ali no Caveirinha?

A: No Caveirinha.

L: E como era a relação com as outras crianças do bairro, da comunidade?

A: A gente, não sei se por nós ser humilde, porque bem ou mal se olhar assim nós somos bem humilde aqui das rua, mas a gente sempre se deu bem com os filhos dos vizinhos, sempre brincamos juntos, nunca (*inaudível* pelo vento) nem nada, tavam sempre aí no pátio querendo ficar com a gente, a gente ficava sempre aqui no pátio né, a gente não ficava na rua. Mas sempre foi ótimo. Boa mesmo. Até hoje a gente tem contato pelo face, as nossas amizades né, que nós temo, porque somos tudo da mesma idade. Até hoje nós temo contato assim com outro. Às vezes eles aparecem aí, mas foi ótima. Ótima.

L: Que bom. E tu estudava aqui...?

A: Ali no Vera Cruz, eu estudava.

L: Não sei onde fica.

A: Vera Cruz é aqui onde fica, sem ser a Panvel, na próxima rua.

L: Ah, acho que sei.

A: Na frente do, acho que é Boi na Linha ali.

L: Aquela que faz o retorninho e cai na Oscar Pereira.

A: Isso, o Vera Cruz. Eu estudei ali.

L: Certo. E no momento em que se autointitularam quilombola, né. Disseram “ah isso aqui é um território quilombola”, como é que foi pra ti?

A: Até então eu não entendia, né, eu fui entender depois que daí eles me contaram as histórias, daí eu comecei a participar que eu entendi o porquê. Até então eu fiquei boiando, eu não sabia de nada. Aí depois, daí eles foram me explicando, me explicando, e agora eu entendi, daí eu expliquei agora pros meus filhos, ele escuta a vó falando, a minha tia, né, quilombola, Quilombo dos Flores, daí eles perguntam que que é. Daí eu falo é descendente, dos teus vô, dos teus tios, do tempo em que eram escravo e coisa. Daí eles... A mesma coisa que eles me passaram, eu passei pra eles, né. Eles me explicaram. Mas eu não entendia o que era. Nunca, sabe, fiz questão de estudar, saber. Agora mesmo que eu tô mais interessada, assim, tô sempre junto, procurando entender mais o que é. Senão... Não sabia.

L: Na escola não te falaram o que era um quilombo?

A: Hum hum (como uma onomatopeia de negação). No Vera Cruz nem em colégio nenhum. Não, conhecer, fui conhecer agora com meus 24 que aqui era quilombo, que ali no Alpes é quilombo, que tem quilombo não sei aonde, quilombo do Machado, agora que eu fui saber. Eu não sabia que existia essas coisas de quilombola, eu via muita reportagem de índios né. Mas não sabia coisa assim de quilombola, do Alpes ali, que nem tem, do Machado, do Lemos, não sabia. Eu fui saber agora, que daí eu peguei o livro, vi no mapa... Eles começaram a me explicar que eu fui entendendo, mas não sabia.

L: E como é que tu te sentiu, assim, em poder dizer “eu sou quilombola”? como foi pra ti?

A: Ah, eu me senti bem. Bem ou mal são histórias legais de ouvir. Eu gostei. Agora qualquer lugar que eu vô perguntam de onde tu é e eu falo, ali do Quilombo. Aí falo Quilombo dos Flores, que agora tem no mapa né, 285. Aí eu falo Quilombo dos Flores, e falam “ah, é um quilombo?” e eu falo isso, e explico mais ou menos pra pessoa o que é um quilombo. (ruído do vento, *inaudível*) ah tu mora no quilombo? Eu digo sim, pra mim isso é uma surpresa, eu não sei, mas agora eu falo pras pessoas e elas dizem no quilombo, e explico. E gostei muito mesmo de ter sabido.

L: Tu acha que mudou bastante o espaço aqui, o território, depois que se autointitulou quilombola?

A: Como assim?

L: Tipo, depois que disseram que isso daqui é um quilombo, antes não tinha esse nome, tu acha que mudou alguma coisa?

A: Mudou. Agora não por causa dessa pandemia né. Mas os amigos da gente, mesmo, tanto próximo quanto que eram da gente mesmo não sabiam. Hoje em dia a gente fala, ah eu sou quilombola e coisa, “ah eu posso ir conhecer e coisa”, a gente mesmo traz, por mais que é lá de Viamão, tenho força de amigo de lá. Eu falo com eles “ah é quilombola” daí a gente marcava o fim de semana eles vinham pra cá e nós passava a tarde assim curtindo, tomando

chimarrão e coisa, agora eles não vêm daí eu consigo, a minha tia conta um pouco das história né, e eu conto também... Eles acham tri, né. Agora vem bastante gente visitar e coisa. Coisa que antes não tinha, né. Parecia um deserto. Era difícil nós receber visita. Era nois por nois assim.

L: Teve mais apoio também, então?

A: Ah, bem mais. Bem mais mesmo. Tudo. Festinha e coisa a gente consegue fazer, né, pra eles, pras crianças do quilombo aqui né. Conseguimos fazer coisa, se não tivesse apoio não teria como. Mas bem mais apoio, bem mais... Bah.

L: Tem alguma lembrança específica que tu te lembra assim... Bah, esse dia aconteceu tal coisa ou?

A: Eu não vou lembrar porque eu sou uma pessoa que não guardo as coisas. Não gosto de dizer assim, sabe, mas a minha melhor lembrança era quando eu andava de cipó ali embaixo. No riacho. De um lado pro outro. Minha melhor lembrança era brincando ali. Eu gostava tanto de brincar ali embaixo. É o lugar que eu sinto assim que se voltasse eu estaria lá embaixo essa hora tomando banho porque é uma coisa que bah, eu gostava muito. A gente corria ali dentro, brincava, a gente... É uma lembrança que não vai voltar mais.

L: Conseguiam subir e descer ali a região [...]

A: A gente andava de um lado pro outro

L: Ou ficavam mais aqui assim?

A: Não, daqui pra lá a gente ficava. A gente pegava o cipó, subia ali numa parte que tem e parava lá do outro lado.

L: Tu me mostra ali? Vamo ali?

A: Aham.

(Barulho de movimentação. Passos no chão.)

L: Fui lá uma vez só, eu acho.

(Sons de obra, pessoas falando ao fundo)

L: E o muro eles começaram por aqui, né, por baixo que tu falou.

A: Não, começaram por cima.

Passando aquela árvore ali, lá onde tá aquele (*inaudível*) lá, aquele muro?

L: Aham.

A: Passando aquela árvore ali a gente pegava um cipó que tem na árvore que tem ali de abacate e andava daqui pra lá, lá pra cima, depois de lá pra cá. Aí sempre ficava um do lado de cá, quando a gente vinha de lá pra cá eles puxavam né, o cipó pra não cair de volta. Era bem branquinho, bem limpinho, agora olha como é que ficou tudo isso. Nem venho mais aqui porque tá com cheiro ruim.

L: Sim. E tinha mais água?

A: Era mais alta a água.

L: Tem até lixo aí, né. As pessoas jogam.

A: Tá, tá horrível.

L: E era mata fechada assim?

A: Sim.

L: Bem fresquinho aqui né.

A: Aqui que eles derrubaram bastante, mas eu acho que eles são...

L: Derrubaram árvore?

A: Isso aqui era fechado. Eles derrubaram as árvores tudo, a gente tinha árvore de fruta, era de goiaba, tinha bananeira, tinha árvore de frutífera ali que a gente tinha plantado, eles derrubaram tudo. Todas as árvores... por isso que eles fizeram um estacionamento porque se eles deixassem as árvores não ia ter como né.

Era fechado assim ó, lá em cima. E agora tu pode ver que tá limpinho, limpinho, limpinho. Tu vê a claridade aqui.

L: Sim, total né.

Então tá, Ana, acho que era isso assim, se quiser contar mais alguma coisa que tu te lembre do que tu viveu do bairro, daqui mesmo, do espaço... Isso.

(silêncio)

Tá e qualquer dúvida eu te falo também depois. Se tu lembrar de algo também e quiser compartilhar.

A: Tá.

L: Tu tem meu face lá né.

A: Tenho.

L: Show. Então tá. Te agradeço!

A: capaz.

ANEXO E – Entrevista com Batista (decupada na íntegra)

L: Vou pedir pra tu começar dizendo teu nome completo e tua idade.

B: O meu nome é João Batista da Costa Vasconcelos.

L: Quantos anos?

B: 52.

L: 52 anos.

L: E qual que é a tua história aqui nesse espaço?

B: minha história aqui... Eu vim pra cá eu tinha uns 10 anos de idade. E aqui tá tudo mudado né. (vento, *inaudível*)

L: Quando tu veio pra cá, o que tu lembra?

B: Muitos anos atrás pegou fogo. Quando eu voltei, não conheci a casa né, era outra casa diferente. Foi vela né. Dizem que foi vela, nós não sabemos. (*inaudível*) Não tinha nada aqui, não tinha água, não tinha luz, não tinha nada. 27 anos atrás tive minhas duas gurias. Daí vieram pra cá, eu comecei a botar água aqui. Não tinha, luz não tinha, fui eu que consegui botar. E a luz consegui através da Câmara de Vereadores a luz aqui. A luz não, a água, né. Porque eles não queriam me liberar a água sem ter o papel do terreno, entendeu. Então fui na Câmara dos Vereadores no tempo do Olívio. 93, 94, fui lá conversei com eles e colocaram minha água, que nem água nós tinha, sanitário, não tinha nada. Era tudo puxado do vizinho do outro lado lá da frente com um balde. E além do mais, a mãe era meia analfabeta né, então a gente (*inaudível*) precisava de água do vizinho lá da frente. Pra tu ver, 70 pila que a gente teve tava pagando a tua água e mais a água deles ainda. Usava de balde lá e ia outras família lá pegar água, só que ele pedia as hora pra nós e nós não mostrava. (*inaudível*). Como te falei pra ti, trabalhava numa

firma na Famil, no shopping praia de belas, depois de lá fui pra Receita Federal, da Receita Federal eu falei com o pessoal da Câmara de Vereadores. E aí consegui colocar minha água aqui.

L: Trabalhava com o que lá?

B: Trabalhei com limpeza na receita federal. Daí eu pensei ah vou pra câmara de vereadores né, único jeito que dá pra botar água lá, tinha quatro criança pra criar, tem quatro criança pequena, tem dois que é de criação. Quer dizer tinha quatro criança pra criar no pátio sem luz e sem água. Daí com o tempo do PT, do Olívio, eu consegui lá com eles. Daí pediram uma nota, comprovante de residência que eu morava aqui, mais velho que tivesse. Dai consegui não sei, a nota já tinha uns dez anos mais ou menos. Comprovante que eu morava aqui.

L: Como é que tu comprovou?

B: Hã?

L: Com o que que era que tu comprovou?

B: Era o tempo do PT, isso aí foi 92, 94.

L: Mas tu conseguiu algum documento ou?

B: Era uma nota de loja. Que tinha um comprovante daqui, que eu residia aqui mesmo. Entendeu. Senão a gente ia ficar um tempão sem, daí graças a deus consegui essa nota aí numa loja. Daí fui lá. Antes, foi tão bom os caras do PT porque antes da eleição, antes de ele ser secretário, se eleger, eles vieram aqui e botaram. Antes. Não esperaram se eleger pra botar, eles botaram até antes.

L: Tu te lembra que ano era?

B: 93, 94. Que as guria eram pequena, minhas filhas. É, tudo pequena. A minha outra guria é de 94, a outr de 93, entendeu. Quando não tinha luz, não tinha nada aqui, a primeira coisa foi a luz. Essa aqui não era nascida, 94. Fui atrás da luz, da água. Fui lá, chorei, reclamei lá, sempre fizemo passeata com o PT na sinaleira, eu e minha mulher, saia do serviço até às quatro horas trabalhava, nos encontrava e ia lá pela aquela rua lá atrás do bombeiro lá, ipiranga lá, não sei como é o nome do bagulho lá. (*inaudível*) Graças a deus consegui, deu tudo certo, coloquei água, certinho, ninguém cobrou mais nada. Normal, e além do mais aqui... uma coisa que me lembro até hoje é de jogar bola no campinho, aqui no Caveirinha. Tinha um monte de time, a galera vinha de tudo que é lado do morro aqui jogar, tempo de gurizada, então, antes de eu casar né. Ficava o dia todo jogando bola. Comia e jogava bola. Montava três, quatro time. Seguinte, Era 15 minuto, nós jogava futebol assim (*inaudível*) time né, 15 minuto ou quem fazia três gol primeiro. Pra não ficar muito tempo um contra o outro. O primeiro que fazia o gol, o outro time saía. Antes dos 15 minuto né. Era 15 minuto ou três gol, né. Aí ficava ali, daí vinha tocando né, jogava muitos times, jogava 5, 6 partidas por dia. No tempo de guri, né. Andava de cipó no matinho aí, no tempo de guri, no arroio tomava banho, nosso arroio aí embaixo. Mas antigamente era água viva né. Jogava bola... coisa boa ali no meio do mato. Brincava de caçar, brincava... Aqui era muito mato.

Ia até a outra ponta correndo e voltava, em cima do arroio. Nós e os vizinhos aqui, tudo brincando no meio do arroio. Não tinha maldade não, não tinha nada, podia correr, (*inaudível*), tempo de criança. Podia pular no pátio dos outros, pegar fruta, não dava nada. Agora tu vai entrar, tu toma um tiro. (risos). Nossa geração mais antiga, como a minha, né, nós tivemos infância pra brincar. Agora tu vê essas de hoje aí. (*inaudível*). Antigamente tu ia na casa de um, na casa de outro, não dava nada. (*inaudível*)

L: E o que tu acha que causou tanta mudança assim?

B: Discriminação, muita droga. Com todo respeito, antes pra fumar maconha o pessoal se escondia. Por respeito, vergonha. Agora tu passa na parada de ônibus todo mundo fumando. Perderam a educação... Pode ver, na parada, qualquer lugar que tu passa tem um fumando. Antigamente, os pessoal mais antigo que nós, escondiam de nós, não queriam fumar perto dos pais e coisa, até cigarro. Cigarro antigamente mesmo eu fumava cigarro, o outro não fumava, o outro... Meu irmão outro tu conhece ele né? O chico.

L: O Chico? Acho que conheci.

B: Aí tá, ele teve ontem aqui. Eu andava com ele, nós brincava, eu brinquei também, nós andava caçar sapato, (*inaudível*). Passava fome, pedia pão nas casas, nos apartamentos aqui de cima, esqueci o nome daqueles apartamento ali. Nós batia de casa em casa pra pegar comida.

L: O pombal?

B: É, pombal, aquele ali. Nós batia até em apartamento, gurria, pra pegar comida, que nós não tinha.

L: Quando isso?

B: Quando eu tinha uns 15, 16 anos. Eu amanhecia na rua, eu com meu irmão, ficava no posto 27, engraxava sapato dos taxistas.

L: Tu também engraxava que nem teu pai?

B: Eu e ele. (*inaudível*) pegar faxina eu e meu irmão. Ficava a noite toda na 27 engraxando sapato.

L: Tu ia junto com ele?

B: Eu e meu irmão, eu e meu irmão, o Chico esse. Ah o meu padrasto ia lá no centro, tinha a cadeira dele lá. Eu ia volta e meia lá, eu até gostava do centro, gurria, até gostava de ir lá no centro comer um cachorro quente. Toda quinta-feira acordava pra gente ir lá né. (*inaudível*) com ele. Bah, quem é guri, quem é que não gosta? (risos) A gente ia seguido, seguido a gente tava. Foi o pai que eu não tive, meu padrasto. O pai que eu não tive, (*inaudível*) foi o único que eu chamei de pai. Porque meu pai eu não chamei de pai. (*inaudível*). Minha irmã é de outro. O chico é de outro. E assim foi.

L: E o que tu te lembra do Adão, de como ele era?

B: O Adão era muito gente boa. Bah, eu não tenho uma queixa dele, todo mundo gostava dele. Era baixinho, gordinho, trabalhador. Saia às 7h30, oito horas, nove horas da noite ele chegava cansado coitadinho, uma pena. (*inaudível*) Fazia pra dar pra nós. Ele não tinha necessidade por nós nenhuma né, pegou e assumiu. Como eu também fiz. Assumiu dois. O que ele fez, eu fiz. Ele fez pra mim, eu fiz pra outros. Entendeu como é que é. Moram aqui os dois os dois. A mãe deles foi morar lá em cima lá, eles não vão. É mais difícil lá. Casaram agora. Quando peguei um deles tinha um ano, a gurria tinha dois. Eu tive, depois... os dois guri. Tinha quatro criança. Mas nós não tinha os bagulho de água nem luz. Falta de higiene o bagulho né, criança, pouca vergonha. Como vai dar alimento pra criança de noite, com luz de vela. Fazer um leite, uma coisa.

Minha antiga mulher que falava (*inaudível*) do pai, falta dele. Não tenho queixa disso aí. Eu gostei (*inaudível*). Agora tá tudo mudado. Tem meia dúzia de vizinho conhecido nosso aqui na rua. Os que moravam aqui na frente morreram os dois. Que eram mais antigo também. Era colorado doente. Ele morreu... a filha dele se mudou, não tem mais ninguém. Aí comprou ali, passaram a máquina ali.

Antigamente o campinho nosso tinha uma casinha lá do outro lado, lá atrás tinha umas taquara, morava gente também antigamente. 10:20

Quando ela falou do supermercado, ela tava errada porque antigamente é ali onde ele é, só que era um botequinho. Ali eu me lembro, naquela esquina, só um botequinho era antes. Não foi direto pro outro lado da rua. Santa Luzia parece que o nome do supermercado era. Saíram do botequinho, foram prali, daí eles cresceram e fizeram aquele prédio grande ali. Apartamento. Não era... Do outro lado tinha a farmácia, um barzinho, um restaurante. Os pessoal, os nego veio iam tudo pra lá tomar cachacinha, jantar, almoçar no barzinho, botequinho, muito bom era. Agora me falha o nome do barzinho, não lembro mais.

O meu vô, meu vô tinha um portidão aqui. Meu vô Eurico.

L: Tinha o quê? Portidão?

B: portidão é um salão de festa.

L: Ah...

B: Então meu vô ele tinha o negócio do tempo dos bonde. monitor, monitor, um negócio assim... dos bonde. trabalhava, meu vô trabalhou no tempo do bonde, monitor do bonde, uma coisa assim do bonde. Sei que ele fazia cobrança, não sei do que, do carnê... o vô. Era portidão toda rua. Minhas tias moravam aqui um bom tempo.

L: Era ele que tinha o apelido de “mole mole”?

B: Não.

L: Ele não dirigia o bonde?

B: Não, ele trabalhava no bonde, mas não era esse negócio aí. dirigir, ele dirigia. tinha uns carnê desse tamanho, um monte de carnê. Tempo do bonde né.

Meu veio foi, dançou. foi, dançou meu padrasto. Antes, antes disso aí tudo, meu irmão mora com outro mais velho, trabalhador, trabalhava no (inaudível, irmão da Nara. Muito trabalhador, o guri morreu com 17 anos. Era mais velho que eu, né. Olha quanto tempo faz. Ele tinha 16, 17 e era bem mais velho que eu. E daí foi, veio uns amigos convidar ele pro carnaval, né. Ele foi, carnaval. Aí os guris (*inaudível*) na praia. A morte veio aqui na casa dele tirar a pessoa, tu vê. Eles iam no carnaval, amanhecia, e ele não queria ir pra praia. Os caras tentaram, tentaram, tentaram, as amiguinhas e os amiguinhos, levaram ele pra praia. E aí dava oito horas, nove horas, o cara nada de vim. Foi com aquela notícia, o cara morreu afogado. Ele nem queria ir à praia, os amigo que arrastaram ele. Notícia ruim.

L: Teu irmão?

B: é.

L: Quantos anos ele tinha?

B: 17 anos.

L: Jovem.

B: a morte é atenta, não adianta. O cara em casa bem descansado, não tinha nem amanhecido. O cara não queria ir.

Eu perdi um amigo meu na praia o Junior, e ninguém queria ir na praia. Tava eu, tava entre quatro. 15 anos atrás ou mais, é, mais, eu não era casado ainda... Fomos eu e mais três amigos. Numa bicicleta pequeninha, aro 20. Dois dirigindo e um em pé na carona. Um em cada uma. E os cara convidavam ali no Marinha pra jogar bola, nós sempre queria jogar bola né. Eu, os outros queriam jogar bola né, e esse rapaz não queria jogar bola de jeito nenhum, queria tomar banho. Insistiu, insistiu, insistiu, nós fomos tomar banho. Olha pra ti ver. Um outro não foi tomar banho, quis ficar ali. Aí foi eu, ele e mais um tomar banho. Aí jogamos (*inaudível*) na água, ah vamos ver quem pega! Vamos ver quem pega primeiro. E fomos buscar o bagulho, nós três caímos em um buraco de oito metros. Foi fundo água abaixo. Ele tinha 13 anos o guri. 8 metros o buraco que caímos. Pra ti ver como a morte chama. Chamou ele pra tomar banho. A morte chama, tu vê. Não era pra mim, nem pro outro. Nós três caímos no buraco. Eu e ele nós não sabíamos nadar e saímos do buraco. E o guri sabia nadar, sabia mergulhar, sabia boiar e tudo e ficou. Já viu qual é. Os dois não sabiam nadar, caíram, saíram fora do buraco, o único que sabia fazer tudo, ficou na água. Oito metros pra baixo. Depois, duas horas depois, acharam o corpo. Já tava inchado, duas horas lá embaixo. Aí, por exemplo... Foram falar. A mãe dele, do que morreu, a mãe dele tem esse negócio espiritual, espiritual... Disse que iam levar ele com sete... sete, quatorze ou vinte e um anos. É, foi quatorze que ele morreu. A mãe dele disse que ele ia com 7, 14 ou 21. Foi com 14. Ela falou isso antes né... que iam levar ele, que iam levar. Ver a morte depois daquilo ali foi... Já chega e ia falar o que pros outros? a gurizada, todo mundo guri, tudo criança né. E ele insistiu né. Ele queria, ele insistiu. A morte chama não adianta. Se tu não vai de um jeito, vai de outro. Pra nós não era, não sabia nadar. Era o outro. Caímos num buraco e conseguimos sair. E ele sabia tudo e ficou.

L: E no dia que teu pai morreu, tu te lembra?

B: Ai, ai...

(silêncio)

B: Sabe que eu não me lembro. Não sei se eu tava aqui. Tinha [...] longe. Que eu era muito da rua...

L: Tu ficou morando aqui um tempo, saiu fora?

B: Não, não. Eu tava na rua, eu trabalhava numa chácara lá. [...] antigamente (*inaudível*). Antigamente era baita de um fruteirão ali. 16:47

L: Ali onde é o Bolichão do Luiz?

B: Isso, ali era um fruteirão ali. Batida de fruta, de verdura, de melancia... (*inaudível*) Uma parada antes do rincão. Agora tá cheio de casa lá.

Foi um vizinho nosso, aqui, que eu fiquei sabendo, que meu veio ia morrer. O veio tinha problema na perna, era baixinho, né, tinha problema. Um vizinho mesmo que ajudou a tirar ele de casa. Ele não tinha conseguido sair. O vizinho morava bem aqui.

L: Não entendi. Ele ajudou a tirar?

B: Ajudou a tirar o homem de dentro de casa. Começou a pegar fogo.

L: Aqui? Quando pegou fogo aqui?

B: É. Quando pegou fogo na casa dele, é, aqui. Já não tem casa, (*inaudível*) com o vizinho que tinha casa aí. Resolveu tirar ele de dentro de casa, meu padasto, o homem, meu pai, chamo pai. Ele era muito devagar e o fogo pega ligeiro, madeira. Madeira seca.

L: Ele puxava a perna né?

B: Era baixinho, gordinho, aí ficava ruim de caminhar né? Ele era baixinho e gordinho (Batista imita o pai). Era ruim de caminhar. Graças a deus o vizinho ajudou. Depois não sei de quê ele morreu.

L: Tu tem foto dele?

B: Não tenho... tinha tudo ali, mas pegou fogo tudo. Foi tudo. Não, não tinha (*inaudível*) o homem. Nós apoiava tudo. Apoiava eu e meu irmão Chico, não tinha implicação com nós nenhuma, batalhou por nós. Do tempo do chocolate do Mame, sabe? Tem um cowboyzinho. Mame, a gente tomava com leite. Ele dava, todo dia no café da manhã dava Mame com leite. Criava tudo... Como não vai gostar do homem. É isso aí né.

L: E a dona rosa do que tu te lembra?

B: Ah, dona rosa é minha mãe, como não vou lembrar dela, como que não.

L: O que tu lembra dela quando era criança?

B: Ah, a mãe era zoeira... Guria nova, sem compromisso. Depois veio morar aqui com meu padrasto, seu adão né, pai da Geneci e do Gerson.

L: Alguma coisa marcante na educação que tu lembre?

B: Aquela árvore ali. ameixeira.

L: Tu que plantou?

B: Eu e ele plantamo. E ela quebrou, tem a marca até ali, eu e ele fizemos um ponto, amarremo ela, e tá ali. Nós emendemo, fizemo, cicatrizamo. (*inaudível*) ela já tava ali, nós deixemo ali. Porque ela já tava ali. É mais veia que a Geneci. Mais veia que o Gerson, tudo.

L: E as outras árvores te lembra?

B: Tem esse abacate também, abacateiro velho, antigo, antigo, o mais antigo que tem. Aí tinha de tudo aí, goiaba, maracujá também, acabaram com tudo aí... tinha umas cabana aí, brincava por tudo aí, no mato, andava por tudo aí... correndo, brincando.

L: E era mais mato fechado também?

B: Aqui era tudo mato fechado. Brincava de criança né, entrava no mato saía correndo, um pega o outro, pega ladrão, corria, ficava a noite toda, o dia todo. Tempo de guri né. Ah e era bom, tempo bom. Depois comecei, pegou fogo, vim morar pra cá com meu padrasto. Senão eu ia passar fome. Passar fome mesmo. Passar em casa pra pedir comida pra comer. Ele dava leite ninho né. Ele guardava rango pra nós. Pra ver. Claro. Tempo de guri, pra não passar fome né. Na crise, era ruim né. Meu vô comprava (*inaudível*) de quatro queijos e dividia entre 6, 7. O veio cortava uma fatia bem fininha pra cada um. Era ruim (risada). `Pra dar pra todo mundo, uma fatinha pequenininha.

L: Mas todo mundo comia?

B: O veio malandro hahaha. Todo mundo comia, aqui era assim. (*inaudível*). Era festa... Pedia comida assim na rua. A gente tomava cevada como café.

L: Como?

B: Tomava celvada, aquele bagulho, como café, que nem café da tia. Botava na água. Carvão na água.

L: Cevada?

B: Carvão também. Fazia tipo café, com açúcar, assim, não tinha café. Farinha de mandioca com açúcar. Não tinha o que comer. Aí não adianta. Botava açúcar ali.

L: Puro?

B: Não tinha o que comer. Com açúcar. Botava num copo assim, comia, não tinha o que comer. E a crise era ruim. Comia bofe, bofe, de gado. Minha tia, irmã da mãe, ela ia pro centro e trazia bofe, bofe. Dizia que era comida pra cachorro.

L: Bofe é ração?

B: Bofe é o fígado, coisa ruim que tem no gado, tá ligado?

L: Que limpam.

B: Tipo fígado assim, é o ruim do gado. Vendia no mercado aí nós fazia aquilo pra comer. era mais barato. E os peixe que minha tia buscava no mercadão. Peixe meio mal passado, ela fazia. É o que tinha pra comer. Era ruim... Agora tá uma maravilha aí.

L: Em que época isso, que passaram dificuldade pra comer assim?

B: Ah nós era pequeno ainda. Desde meus 19 anos eu vivia lá pra cima.

L: Na infância ainda?

B: É, na infância. Depois vim pra cá pra baixo, deus o livre, melhorou. Tinha tudo em casa. Aqui era uma maravilha. Bah. Como não ia gostar do veio, o veio metia tudo, em casa tinha tudo. Uma maravilha. Meu irmão ficou até (*inaudível*) com os amigo aí na rua aí, brincando e pedindo nas casas, pegava pneu de carro. Brincando, brincando, brincando, coisa de guri. Um monte - cinco, seis, aí ia na casa, pedia outro. Voltava pra casa com uma sacola de comida, dava pra todo mundo.

L: E o pessoal do entorno ajudava vocês? passavam nas casas batendo, pedindo?

B: Ajudava, ajudava. Ali no pombal que tu falou, aquele prédio. Lá era direto, nós ia nos apartamento. Era aberto, agora tá tudo fechado. Ali não tinha grade, não tinha porteiro, não tinha nada. Não tinha... agora tu vai ver, o pessoal tá tudo preso. Eu ia de casa em casa, batia

de apartamento em apartamento, conhecia o pessoal do condomínio. (*inaudível*). Se faltava a gente ia buscar mais. Daí vim aqui pra baixo e comecei a engraxar também, como eu falei pra ti. Uns 15 anos eu acho. De madrugada, de manhã cedo, ficava na pousada na rua, eu e meu irmão, com um carrinho. Nós ia até ipanema xaropeando, de louco, amanhecia ali no posto de gasolina ali, trabalhava nos táxi de engraxate.

L: Caminhando?

B: Caminhando, caminhando, correndo. Uns 4, 5, parceiro meu do morro ali. Tempo de gurizada né.

L: Andavam por tudo em Porto Alegre?

B: Por tudo. Partenon, em tudo. Andava pra cima... Era muito gostoso.

L: Isso antes de tu morar aqui ou...?

B: Não, eu já morava aqui já. Já tava morando aqui. Me lembro. Eu me lembro que um dia os guri tinham dormido, seguinte. (*inaudível*) Ah no outro dia de manhã “que é isso aí?? esse monte de gente deitada no pátio??” eu e meus amigos tudo dormindo na frente da casa.

L: (risos)

B: “Que que é isso aqui??” todo mundo dormindo no pátio. Um monte de gurizada aí. Aí o veio acordou de manhã cedo “que que é isso aqui??”.

Quando eu trabalhei na fruteira também, trabalhei com isso aqui, trabalhava com ele ali e depois, meia noite, uma hora, atravessava a rua e ali onde é o posto de gasolina ali, ali antigamente era a madeireira do Mazzola. E antigamente o Cal, a argamassa era feita na hora, naquele caldeirão quente, tá ligado? Era feito na hora o cal, a argamassa, fazia na hora. E ali tinha um trailler ali, traillerzinho, eu ajudava o cara com ele. E o ponto de táxi. Eu ficava até, ficava ali no ponto de táxi no, no... cachorro quente ali até fechar. Depois ia pra fruteira ali. Ficava na fruteira ali, no cachorro quente ali era muito movimento, (*inaudível*) tinha

movimento. O rapaz, marido dela, pedia pra ele ali pra lavar os pote. Lavar os pote pra botar salada e nos negócio dentro, era muito movimento então os dois não davam conta. Só ficava na pia ali, lavando os pote pra eles, cortava as verdura, tomate, cebola, pegava a maquininha aquela que aperta. A mulher não dava conta com a freguesia que eles tinham de servir cachorro quente e xis na sexta-feira ali. Ficava até duas, três da madrugada. A louça enchia, daí eles iam lá e me chamavam.

L: Isso ali onde era o Taka?

B: É...

L: No Taka lanches?

B: Não, do outro lado, no posto de gasolina.

L: Do lado do posto mesmo.

B: Não, era no posto, o taka nada a ver. Ih, isso aí era anos atrás, muitos anos atrás, era outro nome. Tinha o trailler ali e ali vendeu, ia no posto, aí tinha a madeireira, um traillerzinho na frente e o ponto de táxi. Ali era meu corre. Dali pro outro lado da rua, da rua pra cá, daqui pra rua. Eu trabalhava ali. Aí tudo me conheceram, porque eu ajudava né. Trabalhava pra mulher ali, lavava a louça, pegava um lanche. Um lanchinho, um negócio pra comer. E nem precisava naquele tempo, que eu trabalhava na fruteira e tinha tudo na fruteira ali. Vai comer sal, não tinha, doce... (risada) era fruta pra gente comer né. Mas aí a gente trabalhava e eles davam cachorro quente, um refri. Bah, saía bem faceiro no tempo de guri.

Lá na fruteira, quando ficava cuidando a fruteira de noite, eu ia dormir no meio da lona lá, na fruteira mesmo né... E, dia de Seasa era segunda, quarta e sexta. Então eu dormia ali, na lona. Até três e meia, três horas nós saía de dentro do caminhão e ia lá na Cruzeiro pegar o patrão pra gente fazer a compra, pegava o motorista de caminhão né, o motorista morava aqui perto. O motorista nosso, da firma nossa né. Daí o caminhão ia lá na Cruzeiro pegar o patrão pra depois ir na Seasa. Carregava em cima de madrugada. Mas carregava. Ficava até dez, onze horas da manhã...

L: Tu ia junto trabalhar com eles?

B: Eu ia arrumar as caixa né. No caminhão, um monte de carrinho lá. Mas era de monte, não era coisinha pouquinho né. Foi no caminhão. Depois... Antes de chegar na Seara tinha uma lancheria onde nós comia um lanche, né, antes de chegar lá. Então lá comia o que, comia um pão com café preto, não, café com leite. Um pão e um café, meu café da manhã. E era isso aí, eu e meus amigo fazia o que tinha que fazer, abastecia tudo, ia embora. Depois descarregava tudo, bah, dava uma canseira né. Eu ia no supermercadinho que tinha ali perto, pegava um pão, pão com mortadela. Até dez horas a gente tava arrumando prateleira. Depois um ia dormir, um de nós né, o outro ficava cuidando, atendendo. Um ia dormir, o outro ficava atendendo... Depois a gente trocava. Depois da noite, um bocado do dia ia embora, ficava na rua mesmo. O outro passava a noite, ficava ali, eu ficava junto.

L: Trabalhou em vários lugares diferentes na cidade aqui?

B: Bah, trabalhei em vários.

L: Na fruteira, no cachorro, de engraxate...

B: De limpeza, tenho muita carteira...

L: Na receita, tu falou também.

B: Era firma terceirizada. Trabalhava no shopping, aí fazia limpeza no shopping né. Aí me colocaram pra trabalhar ali, de limpeza ali. Depois de lá fui pra receita federal. Lá era uma maravilha, na receita federal. Lá o pessoal só pedia pra tu ir lá arredar uma mesinha, coisinha ou outra. Quando prendia carga de cigarro pra carregar o caminhão. Pedia pra nós ir lá em tal lugar pegar carga de cigarro. Aí nois ia lá, passava de um caminhão pro outro, pegava carga apreendida né, pra levar pra receita federal, levar pra.. pro depósito da receita federal. Chegava lá abria caixa por caixa, abria pacote por pacote pra olhar o selo e ver se não era falso, e era falso.

L: E deixa eu te perguntar uma coisa sobre teu pai. Tu te lembra da relação dele. Pai eu digo o Adão, né, padrasto.

B: Sim, sim, sim.

L: Tu lembra a relação dele com os Azambuja aqui na frente?

B: Lembro pouco.

L: Ele chegou a trabalhar ali com eles?

B: Parece que trabalhou. Quando cheguei aqui, ele já trabalhava aqui já. Mas esse negócio aqui, ele trabalhava de engraxate... Esses assunto aí nunca peguei esses assunto. Eu pra mim ele era engraxate de sapato.

L: Tu lembra mais dele de engraxate?

B: Eu quando vim morar aqui ele trabalhava de engraxate. Só se ele trabalhou antes, de algum jeito. Trabalhou antes... Do contrário, não to sabendo. Ele fazia sessão aí.

L: Da sessão tu lembra?

B: Ele fazia coisa de descarrego, não sei quê. Trocava os sulcos dos santos.

L: Trocava o quê, desculpa?

B: Trocava o alimento dos santos. Botava a cadeirinha, um copo, pro santo certinho. Fazia a alimentação dos Santos né. (*inaudível*). Eu ajudava ele a fazer. Fazia defumação.

L: Ele fazia oferenda direto?

B: Fazia sim. Esse negócio aí de limpeza. Erva, fumaça, defumação, né. Daí pegou fogo em tudo, perdeu tudo o veio.

L: Ele tinha uma casinha de religião aqui?

B: Tinha, tinha casinha e tudo.

L: Onde ficava?

B: Ah, dentro de casa, ele tinha os negócio dentro de casa.

L: Ah, dentro, um altar.

B: (*inaudível*)...

L: Tá e daqui do pátio, assim, do terreno, que tu te lembra... mais alguma coisa específica? algum dia específico que te marcou? (*inaudível*) (vento)

Lembra quando eles chegaram e construíram esse muro aí?

B: Invadindo o bagulho aí, chegaram invadindo. Os cara com as máquina (*inaudível*). Os vizinho tudo. (*inaudível*) E minha filha aqui, foram se meter com as criança. Pô. Tavam limpando ali. Vieram no barranco, pegaram um caminhão no barranco, iam até lá a frente. Ah pegaram a máquina porque né, exagero. (*inaudível*). Eles iam entrar pela frente, mas não entraram né, eles deram toda a volta nessa rua aí. Eu que vi o tumulto deles invadindo isso daí. Aí o doutor Marcelo (*inaudível*). Vuque-vuque, vuque-vuque. Depois na noite botaram um monte de nego pra cuidar aí, esse lugar. (*inaudível*) de boca ali. Pegaram até um cara armado aí dentro. Guarda... Armaram, botaram, os caras ficaram a noite toda em volta aí. Olhavam pra cá, apontando pra nós... Que que é isso? Vai saber o que esses caras iam fazer com nois. A gente nem dormiu direito aqui, com os caras cuidando, ta ligado?

L: Depois isso dali que eu vi. A marca ali. Depois que eu cheguei em casa e vi, ninguém tinha visto. Eu que vi. Deu tumulto, falando com o homi. A ideia deles, emendar aquela rua lá

com aquela ali. Ali atrás tem dois terreno ali atrás. Que foi ali ta ligado? Atrás do galpão nosso ali. A ideia deles foi isso aí.

L: Cortar a rua aqui?

B: Já tem uma lá atrás lá, tá ligado que ja tem uma lá atrás?

L: Uhum.

B: Que que eles iam fazer. Quer ver ó. Aqui em cima ó, eles iam fazer a rua. Dá uma olhada pra ti ver. Vou te mostrar ali.

L: Uhum, claro.

(Barulho, nos levantando)

L: Segunda vez que esse aí me pega - tropecei numa raíz no chão.

B: A ideia deles, tá vendo lá no muro.

L: Ahhh, entendi, eles queriam cortar aqui no meio ainda.

(passos)

L: Isso é o que eles tinham colocado, esses pedaços?

B: Isso aí nois arranquemo.

L: Vocês que arrancaram no dia?

B: Não dá pra ver. (*inaudível*)

L: Eles queriam pegar toda essa parte aqui pra baixo?

B: Iam cortar aqui ó. aquele pedaço queriam fazer uma rua que ia vir de lá pra cá.

L: A rua de trás do colégio.

B: (*inaudível*) aquele terreno tá.

L: Como é o nome da rua de baixo mesmo?

B: Bibiano de Almeida. Ia emendar com a Esther.

L: A Esther é a de trás do colégio?

B: É.

L: É uma lomba né?

B: É, sobe, é. E ia dar aqui. Ia dar aqui. (risos) entendeu? Eles queriam fazer isso aí.

(*Inaudível*)

Eles já tavam ali embaixo já. Foi ligeiro. O bagulho é ligeiro.

L: Chegaram já construindo já?

B: Eu que me liguei né...

L: E nunca tentaram conversar com vocês?

B: Nah, na, não tem conversa. Tá na justiça, não sei, isso aí tu pergunta pra Geneci que eu já não sei né. Falar, falar com a Geneci, né, com o Doutor Ângelo. Eu... não vou.

Mais alguma coisa?

L: Acho que é isso, né? Quer acrescentar mais alguma coisa?

B: Depende do que tu vai... me pergunta, se eu lembrar alguma coisa.
Nós andava a cavalo no tempo de guri.

L: Andava a cavalo, é? Mas tinha cavalo aqui?

B: Não, nós pegava, os guri. Tempo de guri.
Na Intendente Azevedo aqui, né.

L: Aham.

B: O pessoal soltava os cavalo e eles viam ali pra comer uva japão. Sabe?

L: Não sei qual é.

B: Tem na manduca aqui, na Intendente tinha. Os cavalo fugiam dos homi e vinham comer fruta ali. Aí que nós subia neles, montava e andava por tudo aí.

L: No Caveirinha aqui? Que legal.

B: Na rua também. A gente escondia os cavalo pros dono não achar no outro dia, a gente escondia.

(risadas)

Nós aprontava né. Jogava taco... era bom. (*inaudível*) bruxa. Quando a bola caía, pulava o muro. O trabuco de taquara... Ih, várias coisa. Carrinho de lomba aí na frente. Antigamente chegava lá embaixo aqui era chão batida. Era leão tudo.

L: Agora onde tem essas casas?

B: Não, na rua.

L: Na rua mesmo.

B: A ponte era de madeira. Era de madeira. Agora tá tudo uma maravilha. Ah é isso aí. Ah agora me lembrei o nome do barzinho do outro lado da rua ali, na esquina como eu falei pra ti, onde servia lanche, lanchezinho, os nego veio iam ali, meu padraço também ia ali tomar café. Era o bar do portique. botique. Pode perguntar pros mais velho, os mais antigos, todo mundo conhece. (*inaudível*) era um botequinho. Vem pra cá desse lado aqui era uma churrascaria, começou a crescer o supermercado foi pra lá... mas começaram com um botequinho ali. (*inaudível*) Essa rua aí do marista não tinha uma das ruas, nem a direita, nem a esquerda. A rua no marista (*inaudível*). Aquela rua também não tinha. O tempo, se lembro, onde tem aquela garagem agora, na frente da igreja agora, tinha um cinema ali.

L: Aé, na frente da igreja?

B: Tinha.

L: E vocês frequentavam o cinema?

B: Nós não, a gente vivia na rua, gurizada. Os mais velhos que eu pegaram.

L: Cês brincavam mais na rua mesmo.

B: Ah, gurizada né, gurizada só queria zoeira, correr, jogar bolinha, ah... brincar. Coisa de guri, de criança né. Mas não tinha maldade. Antigamente, vai, o tempo que nós brincava no arroio era mais fácil. Não tinha (*inaudível*). E a criação né, outra criação. Nós tivemos infância, agora as criança que moram aqui não tem. Nois, eu com meu irmão... nós brincava (*inaudível*). Geração né. Vai mudando o mundo. Como antigamente se escondia pra fumar maconha, agora em todo lugar já tá, pode fumar. Antes quem fumava escondia, com respeito. Cigarro também. Meu irmão... foi um dia que eu perguntei pro meu irmão, se lembra que tava fumando cigarro

aquele dia né. Meu irmão tava comigo, ba uma vontade de fumar, eu doido pra parar de fumar, pegou o vício meu irmão mais novo. Eu e meu pai né, meu padrasto, meu pai, ja sabia que eu fumava. O veio. O home veio comeu o cigarro nunca mais. (*inaudível*) o meu veio. Ah fumar na rua. O veio fez comer o cigarro. A gente falou pra eles, nunca mais botou um cigarro na boca. Vai ver... pergunta a história pra ti ver. Nunca mais botou um cigarro na boca.

L: Que que ele fez com o cigarro? Não entendi.

B: Fez ele comer o cigarro inteiro na boca.

L: Comer?

B: Fez o cara comê. Meu irmão. Mas nunca mais até hoje meu irmão coloca um cigarro na boca. Tem nojo de cigarro. (*risadas*) não aguentei, até hoje, ó eu aí.

L: Uhum.

B: Eu ja vai... ovelha negra. (*inaudível*)

L: Então tá, Batista. (Corte no áudio)

ANEXO F – Certidão de Autodefinição do Quilombo Flores



ANEXO H – Autorização de uso da entrevista, por Geneci Flores



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a))..... Geneci de Lourdes Flores da
Silva....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante)..... Luiza Dorneles....., estudante de
(nome do curso)..... Jornalismo....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
LEMBRAR PARA PRESERVAR: Memórias e posteriormente em entrevistas
no Arquivo Flores (POT)..... e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.)..... Cassilda Golin Costa

Porto Alegre, 30 de abril..... de 2021.

Geneci de Lourdes Flores da Silva

Assinatura do entrevistado

ANEXO I – Autorização de uso da entrevista, por Ana Paula Vasconcelos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Ana Paula do Nascimento Vasconcelos, abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a) estudante) Luiza de Brito Dornelles, estudante de (nome do curso) Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título LEMBRAR PARA PRESERVAR: Memórias e pertencimentos em entrevistas nos Quilombos Flores (POA) e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) Cassilda Costa Costa.

Porto Alegre, 30 de abril de 20 21.

Ana Paula do Nascimento Vasconcelos

Assinatura do entrevistado

ANEXO J – Autorização de uso da entrevista, por João Batista Vasconcelos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a))... João Batista da Costa
Vasconcelos....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante)... Luiza de Brito Dorneles....., estudante de
(nome do curso)... Journalismo....., da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
LEMBRAR PARA PRESERVAR: Memórias e pertencimentos
em entrevistas no Quilombo Fico e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.)... Cassilda Gelm Costa

Porto Alegre, 30 de abril de 2021.

João Batista da Costa Vasconcelos

Assinatura do entrevistado

ANEXO K – Autorização de uso da entrevista, por Nara Maria Vasconcelos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO

Eu (nome do(a) entrevistado(a)) Nara Maria Vasconcelos de Mello
....., abaixo assinado(a), autorizo (nome do(a)
estudante) Luiza de Brito Dorneles
(nome do curso) Journalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas,
para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título
LEMBRAR PARA PRESERVAR: Memórias e pertencimentos em entrevistas
na Quilomba Flores (POA) e está sendo orientado por/pela Prof.(a.)
Dr.(a.) Cassilda Cesar Costa

Porto Alegre, 30 de abril de 2021.

Nara Maria Vasconcelos de Mello

Assinatura do entrevistado
